

INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA
INSTITUTO SUPERIOR DE CONTABILIDADE E
ADMINISTRAÇÃO DE LISBOA



ISCAL

O Potencial Empreendedor dos Estudantes Universitários
nas Ciências Empresariais: O Caso do Instituto Superior de
Contabilidade e Administração de Lisboa

Catarina Sofia Aniceto do Vale

Lisboa, dezembro de 2023

INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA
INSTITUTO SUPERIOR DE CONTABILIDADE E
ADMINISTRAÇÃO DE LISBOA

O Potencial Empreendedor dos Estudantes Universitários
nas Ciências Empresariais: O Caso do Instituto Superior de
Contabilidade e Administração de Lisboa

Catarina Sofia Aniceto do Vale

Dissertação submetida ao Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Lisboa para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Gestão e Empreendedorismo, realizada sob a orientação científica da Professora Doutora Maria Margarida Cróca Piteira.

Constituição do Júri:

Presidente _____ [Prof. Doutor José Duarte Moleiro Martins]

Arguente _____ [Prof.^a Dr.^a Rosa Helena Lutete Geremias]

Vogal _____ [Prof.^a Doutora Maria Margarida Cróca Piteira]

Lisboa, dezembro de 2023

Agradecimentos

Dirijo os meus sinceros agradecimentos a todos os que me apoiaram e auxiliaram na realização da presente dissertação de mestrado.

Agradeço à orientadora da dissertação, Professora Doutora Margarida Piteira, por todo o apoio, disponibilidade e companheirismo. Agradeço os ensinamentos transmitidos, que se revelaram fundamentais para a conclusão da dissertação, assim como para o meu progresso pessoal.

A todos os docentes que se cruzaram comigo no decorrer do mestrado em Gestão e Empreendedorismo no Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Lisboa, os quais contribuíram para o meu crescimento individual e académico.

Por fim, agradeço à minha família e amigos, em especial ao meu pai e à minha mãe.

Declaração de Autoria

Catarina Sofia Aniceto do Vale declara ser a autora da presente dissertação, a qual constitui um trabalho original e inédito, e que nunca foi submetida (no seu todo ou qualquer das suas partes) a outra instituição de ensino superior para obtenção de um grau académico ou outra habilitação. Atesta, ainda, que todas as citações estão devidamente identificadas, bem como asseguradas as normas de escrita científica vigentes nesta instituição. Mais acrescenta que tem consciência de que o plágio - a utilização de elementos alheios sem referência ao seu autor - é crime, constituindo também uma grave falta de ética, e que poderá resultar na anulação da presente dissertação.

A Mestranda



Catarina Sofia Aniceto do Vale

Lisboa, dezembro de 2023

Resumo

O empreendedorismo tem sido associado ao desenvolvimento económico, apresentando-se como promotor da competitividade, inovação e criação de emprego (DGAE, 2021). Segundo a OCDE (2015) é necessário que o ensino caminhe para um ensino empreendedor, orientando os estudantes a desenvolverem competências associadas à proatividade e dinamismo. O objetivo da presente investigação consistiu em caracterizar o potencial empreendedor dos alunos da área das Ciências Empresariais, numa instituição de ensino superior público. O campo empírico foi o Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Lisboa, com uma amostra de 204 estudantes. Adotou-se a metodologia do estudo de caso, de natureza mista. O instrumento utilizado no estudo quantitativo foi o IAPE (Inventário de Avaliação do Potencial Empreendedor de Santos, Caetano & Currel, 2010). Em paralelo, recorreu-se aos contributos de Schmid, Bohnenberger e Freitas (2010), sobre a influência das práticas didático-pedagógicas na formação do perfil empreendedor. Os resultados demonstraram não existir diferenças significativas do potencial empreendedor entre estudantes, relativamente às variáveis género e grau de ensino frequentado. Na análise comparativa entre a intenção de criar uma empresa e o real potencial empreendedor, os resultados revelaram que existe uma correlação positiva entre o desejo de criar um negócio e as dimensões do potencial empreendedor. Por fim, as diferenças entre a perceção dos docentes e discentes relativamente à participação e aproveitamento destes últimos, em iniciativas vocacionadas para o empreendedorismo, coincidem entre si; evidenciando-se que, apesar da fraca adesão por parte dos alunos nas iniciativas, as mesmas são-lhes úteis quanto aos ensinamentos que retiram delas. Finalmente, discutem-se as implicações desta investigação e são sugeridas pistas para futuros estudos.

Palavras-Chave: Inventário de Avaliação do Potencial Empreendedor, Estudo de caso, Ensino Superior Público, Ciências Empresariais.

Abstract

Entrepreneurship has been associated with economic development, presenting itself as a promoter of competitiveness, innovation and job creation (DGAE, 2021). According to the OECD (2015), teaching needs to move towards entrepreneurial teaching, guiding students to develop skills associated with proactivity and dynamism. The aim of this investigation was to characterize the entrepreneurial potential of students in the area of Business Sciences, in a public higher education institution. The empirical field was Lisbon Accounting and Business School, with a sample of 204 students. The case study methodology was adopted, of a mixed nature. The instrument used in the quantitative study was IAPE (Entrepreneurial Potential Assessment Inventory developed by Santos, Caetano & Curral, 2010). In parallel, the contributions of Schmid, Bohnenberger and Freitas (2010) were used, on the influence of didactic-pedagogical practices in the formation of the entrepreneurial profile. The results showed that there are no significant differences in entrepreneurial potential among students, regarding the variables gender and degree of education attended. In the comparative analysis between the intention to create a business and the real entrepreneurial potential, the results revealed that there is a positive correlation between the desire to create a business and the dimensions of entrepreneurial potential. Finally, the differences between the perception of teachers and students regarding the participation and use of the latter in initiatives aimed at entrepreneurship coincide with each other, showing that, despite the weak adherence on the part of students to the initiatives, they are- useful to them as well as lessons they draw from them. Finally, the implications of this investigation are discussed and ideas for future studies are suggested.

Keywords: Entrepreneurial Potential Assessment Inventory, Case Study, Public Higher Education, Business Sciences.

Índice

Capítulo I - Introdução	1
Capítulo II – O Empreendedorismo na Literatura.....	2
2.1. Evolução do conceito.....	3
2.2. O Empreendedor: Características e Motivações	4
2.3. Dimensões do Potencial Empreendedor.....	7
Capítulo III – O Empreendedorismo no Ensino Superior	10
3.1. Educação para o Empreendedorismo.....	10
3.2. Importância do Ensino do Empreendedorismo	12
3.3. Empreendedorismo no Ensino Superior Português.....	14
Capítulo IV – Método e Desenho de Investigação.....	16
4.1. Objetivos e Hipóteses de Investigação.....	16
4.2. Campo empírico e Participantes	19
4.3. Procedimentos Metodológicos	20
4.3.1. Os Instrumentos de Recolha de Dados	21
4.3.2. Análise de dados	23
Capítulo V – Estudo de Caso.....	26
5.1. Descrição dos Dados: Perfil sócio-demográfico dos participantes	26
5.2. Estudo Qualitativo: Participação e aproveitamento dos estudantes nas atividades e iniciativas empreendedoras da instituição	27
5.3. Estudo Quantitativo: O Potencial empreendedor dos estudantes	33
Capítulo VI – Análise das hipóteses de investigação.....	41
Capítulo VII – Discussão dos Resultados.....	48
Capítulo VIII – Conclusão	59
8.1 Conclusões Gerais e Contributos do Trabalho.....	59
8.2 Limitações de Investigação	60
8.3 Sugestões para Investigações Futuras.....	61
Referências Bibliográficas	62
Apêndices.....	73
Anexos.....	106

Índice de tabelas

Tabela 2.1 - Perspetivas do Empreendedorismo	3
Tabela 3.1 – Pedagogia tradicional e empreendedora	11
Tabela 4.1 - Tabela de operacionalização das variáveis.....	18
Tabela 5.1.1 - Descrição da amostra.....	26
Tabela 5.1.2 – Frequência das iniciativas empreendedoras listadas	28
Tabela 5.2.2 – Grau de participação nas iniciativas orientadas para o empreendedorismo	30
Tabela 5.2.3 – Grau de aproveitamento nas atividades orientadas para o empreendedorismo	30
Tabela 5.2.4 – Comparação entre a avaliação dos entrevistados e dos discentes face ao grau de participação e aproveitamento nas atividades/iniciativas no âmbito do empreendedorismo	31
Tabela 5.3.1 – Média e desvio-padrão das sub-dimensões do potencial empreendedor	34
Tabela 5.3.2 – Média e desvio-padrão das dimensões e sub-dimensões do potencial empreendedor por género	36
Tabela 5.3.3 – Média e desvio-padrão das dimensões e sub-dimensões do potencial empreendedor por curso frequentado	37
Tabela 5.3.4 - Médias do Índice do Potencial Empreendedor (IPE) e Índice do Potencial Empreendedor Transformado (IPEt)	38
Tabela 5.3.5 - Médias do Índice do Potencial Empreendedor (IPE) e percentagem distribuída por classes	39
Tabela 6.1 – Significância entre Potencial empreendedor e Género	41
Tabela 6.2 – Significância entre Potencial empreendedor e grau de ensino frequentado	42
Tabela 6.3 - Comparação das categorias Sim / Não da variável Intenção de iniciar um negócio face ao Potencial Empreendedor	43
Tabela 6.4 – Significância entre Intenção de iniciar um negócio face às dimensões do Potencial Empreendedor	44
Tabela 6.5 – Correlação entre Intenção de iniciar um negócio e dimensões do Potencial Empreendedor	45
Tabela 6.6 – Correlação entre grau de participação e aproveitamento face às dimensões do Potencial Empreendedor	46
Tabela 7.1 – Estado da Hipóteses e Sínteses das Evidências empíricas Vs. Literatura	53

Índice de Figuras e Gráficos

Figura 4.1 - Desenho de investigação	17
Gráfico 5.3.1 – Média das sub-dimensões do potencial empreendedor	33
Gráfico 5.3.2 - Média das dimensões do potencial empreendedor	35
Gráfico 6.1 – Correlação da Intenção de iniciar um negócio e dimensões do PE	46

Índice de Apêndices

Apêndice A – Grelha da entrevista	73
Apêndice B – Guião da entrevista	74
Apêndice C – Dados Qualitativos: Entrevistas	76
Apêndice D – Dados quantitativos: Questionário.....	96
Apêndice E – Análise de Conteúdo das Entrevistas (1) - Tabela Categorical	100
Apêndice F – Análise de Conteúdo da Entrevista (2)	103
Apêndice G – Quadro comparativo das entrevistas	105

Índice de Anexos

Anexo I – Características do empreendedor	106
Anexo II – Dimensões e determinantes da intenção empreendedora	107

Lista de Abreviaturas

DGES – Direção-Geral do Ensino Superior

DP – Desvio Padrão

GEM – Global Entrepreneurship Monitor

IAPE – Inventário de Avaliação do Potencial Empreendedor

IES - Instituições de Ensino Superior

IPE – Índice do Potencial Empreendedor

IPEt – Índice do Potencial Empreendedor transformado

IPL – Instituto Politécnico de Lisboa

ISCAL – Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Lisboa

M – Média

PE – Potencial Empreendedor

OCDE – Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico

Capítulo I - Introdução

Durante as últimas décadas, o empreendedorismo tem vindo a ser considerado como uma das atividades que mais contribui para o desenvolvimento económico (Schumpeter, 1934; Carland, Carland, & Stewart, 1996; Eurostat, 2012; Wei, Liu & Sha, 2019; Redford, s.d.). Este apresenta-se como um elemento essencial enquanto promotor da competitividade e inovação, criação de emprego e investimento, especialmente nas economias de mercado, cada vez mais globalizadas e competitivas (DGAE, 2021). Tal conduz ao crescimento económico e, conseqüentemente, à melhoria da qualidade de vida dos indivíduos, mas também da comunidade em geral (Fernandes et al., 2018).

De acordo com a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE, 2015) é urgente que o ensino, como o conhecemos atualmente, caminhe para um ensino empreendedor, que vise ensinar aos estudantes uma mentalidade, conhecimentos e habilidades empreendedoras. Este tipo de ensino deve ser transversal a todos os ciclos de estudo, sendo o objetivo principal fazer com que os alunos desenvolvam intenções empreendedoras. Apesar disto, muitos destes indivíduos acabam por não criar a sua própria empresa, porém esta formação confere-lhes competências que lhes possibilitam tornar-se num recurso-chave nas empresas em que trabalharão (Cooney, 2012).

De acordo com o Gabinete de Estudos e Estratégia do Ministério da Economia (2019), o empreendedorismo constitui-se como uma prioridade política. O *ranking Doing Business*, do Banco Mundial, considerou Portugal uma economia *investor-friendly*, situando-se na 34ª posição, em 2019, registando uma descida de cinco posições relativamente a 2018 (Ministério da Economia, 2019). Segundo dados do barómetro da Informa D&B, divulgados pela Agência para o Investimento e Comércio Externo de Portugal (2022), em 2021, registou-se em Portugal a constituição de 41.656 novas empresas, 9,6% superior a 2020, mas ainda 15,9% abaixo de 2019, o último ano antes da pandemia, com prevalência na Área Metropolitana de Lisboa e do Porto. Tendo em consideração os dados mencionados e a informação relativa ao empreendedorismo, considera-se relevante e pertinente estudar o potencial empreendedor, nesta dissertação em concreto, dos estudantes universitários. Tal acontece, pois, segundo o INE (2021), 411.995 indivíduos (46,39% do sexo masculino e 53,60% do sexo feminino) encontravam-se matriculados no ensino superior em 2021, sendo este o ano com mais inscritos desde que há registo (1978). Estes indivíduos são maioritariamente jovens, entre os 18 e os 23 anos e, como tal, têm em mãos, no seu futuro, o desenvolvimento económico e social de Portugal.

Este projeto intentou, assim, compreender o empreendedorismo no ensino superior politécnico público, analisando o caso do Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Lisboa (ISCAL). O seu objetivo geral consistiu em identificar o potencial empreendedor dos estudantes das áreas de ciências empresariais do ISCAL. Neste cenário, a pertinência da problemática em estudo justifica-se na medida em que apresenta dados concretos da intenção empreendedora numa instituição de ensino superior público, em específico - o ISCAL. Ademais, será ainda possível perceber o potencial empreendedor dos alunos, apurar o impacto da formação no desenvolvimento deste potencial e de que forma a instituição poderá melhorar as suas iniciativas no âmbito do empreendedorismo; uma vez que esta área disciplinar tem, cada vez mais, assumido um papel crítico na sociedade.

A investigação aqui desenvolvida, teve também alguns trabalhos antecedentes como inspiração, entre eles Rosário (2007), Testas e Moreira (2014), Alves (2014), entre outros. Contudo, com diferentes perspetivas daquela que se procura agora estudar. Neste sentido, procurar-se-á dar seguimento ao estudo desta problemática no ensino superior público, tendo o ISCAL como um novo contexto empírico, seguindo-se o estudo de caso como pano de fundo metodológico.

Assim, a presente dissertação visa estudar o perfil dos estudantes do ISCAL, de modo a correlacionar esses mesmos dados com o Inventário de Avaliação do Potencial Empreendedor (IAPE), de Santos, Caetano e Curreal (2014); e, por fim, compreender qual o grau de aproveitamento e participação dos estudantes, nas iniciativas e ações, no âmbito do empreendedorismo, desenvolvidas pelo ISCAL.

Em termos metodológicos, procurou-se desenvolver uma análise exploratória-descritiva, de cariz hipotético-dedutiva. Quanto aos dados, será de natureza mista, desenvolvendo-se assim um estudo de caso, com recurso a dados e variáveis qualitativas, através de entrevistas, mas também com recurso a dados e variáveis quantitativas, através de inquéritos por questionário.

Decorrente deste enquadramento, o trabalho que se apresenta, está estruturado em 8 capítulos. Após a introdução, segue-se a revisão de literatura, onde se faz o estado da arte das abordagens teóricas (Capítulo II e III), seguindo-se o capítulo dedicado ao método e procedimentos metodológicos, onde é apresentado o modelo de análise e operacionalização de variáveis, que orientaram a recolha e análise dos dados (Capítulo IV). No capítulo V descrevem-se os dados, apresentando-se os estudos desenvolvidos que encerram o presente estudo de caso. No capítulo VI, analisam-se as hipóteses de investigação e procede-se à discussão dos resultados obtidos, no capítulo VII. Por fim, são apresentadas as conclusões, feitas as apreciações críticas decorrentes do processo de investigação e elencadas algumas pistas para trabalhos futuros (Capítulo VIII).

Capítulo II – O Empreendedorismo na Literatura

2.1. Evolução do conceito

De acordo com Landström (2020), nos últimos 50 anos o empreendedorismo, como campo de estudo científico, cresceu substancialmente. O vocábulo de origem francesa, *entrepreneur* - que significa empreendedor em inglês - deriva de duas palavras francesas, nomeadamente “*entre*”, que expressa “entrar” e “*prendre*” que sugere “levar” ou “tomar”. Ambas dão origem ao termo *entreprendre*, que significa não só empreender, mas também assumir, começar algo ou tentar convencer (Sarkar, 2010). Contudo, segundo Landström (2020), embora o empreendedorismo possa ser considerado um campo científico recente, as suas origens remontam a partir do século XVIII, em que o mesmo passou a assumir uma maior importância e desenvolvimento (Carvalho & Costa, 2015), onde se referenciam autores como Richard Cantillon, 1755, Adam Smith, 1776 e Jean-Baptiste Say, 1776. Posteriormente, no decurso do século XX, vários foram os contributos que permitiram melhor compreender as perspetivas de diferentes autores em torno do empreendedorismo (Carvalho & Costa, 2015), detalhadas na Tabela 2.1.

Tabela 2.1 - Perspetivas do Empreendedorismo

Perspetivas do empreendedorismo	Autores
Empreendedorismo e inovação	Schumpeter (1934); Drucker (1985)
Empreendedorismo como processo de criação de empresas	Gartner (1989,1990); Katz e Gartner (1988); Low e MacMillan (1988)
Empreendedorismo como processo de melhoria de empresas já existentes	Stevensen e Jarillo (1990); Stevenson, Roberts e Grousbeck (1985)
Empreendedorismo e identificação e exploração de oportunidades	Kirzner (1973); Venkataraman (1997); Zimmerer e Scarborough (2001); Shane (2003)
Empreendedorismo como um processo influenciado pelas características e comportamento do indivíduo	Filion, (1991); McClelland (1961:1972); Max Weber (1930)

Fonte: Adaptado de Carvalho e Costa (2015, p. 17)

Mais recentemente, o *Global Entrepreneurship Monitor* - GEM (2022, p. 13) relaciona o empreendedorismo com o crescimento económico, constituindo-se como um motor de riqueza da sociedade, promovendo a inovação:

Entrepreneurship (...) promotes the essential innovation required not only to exploit new opportunities, promote productivity, and create employment, but to also address some of society's greatest challenges, such as the United Nations Sustainable Development Goals (SDGs) or the economic shock wave created by the COVID-19 pandemic.

Assim, é possível depreender que, atualmente, entidades reconhecidas no âmbito do empreendedorismo, tal como o GEM, cada vez mais reconhecem a importância da sustentabilidade e dos temas da atualidade no que concerne às associações entre o empreendedorismo e a criação de emprego, exploração de oportunidades e produtividade.

2.2. O Empreendedor: Características e Motivações

De acordo com o subcapítulo anterior, foi possível entender que vários autores contribuíram para a definição do conceito de empreendedorismo. Tais contributos permitiram depreender que aquilo que define um empreendedor, nomeadamente as suas características e motivações, consiste num tema de debate que dura há vários anos (Sarkar, 2010).

Neste âmbito, destaca-se McClelland (1961), que se centrou na investigação do comportamento dos empreendedores, caracterizando-os como aqueles que desejam e necessitam de se sentir bem-sucedidos. Posteriormente, também outros investigadores, os quais serão em seguida apresentados, se dedicaram ao estudo das características que diferenciam os empreendedores dos demais indivíduos da sociedade.

Ferreira et al. (2010) afirmam que as características individuais - não obstante a falta de concordância relativamente ao que caracteriza um empreendedor - como a capacidade de organização, de inovação, de criatividade e a baixa aversão ao risco influenciam o potencial empreendedor de um indivíduo. Neste sentido, Drucker (1985) considerava que o empreendedor criava a mudança a partir da exploração de oportunidades. Para tal, necessitava não só de habilidades intelectuais para desenvolver algo novo, mas também da experiência e da capacidade de gerir e captar recursos. Na sua investigação acerca da necessidade de sucesso, McClelland (1961) identificou os empreendedores como indivíduos que procuram, precisamente, o sucesso, ademais de os diferenciar pela sua proatividade, dedicação e iniciativa. Neste sentido, o autor defendia que se nasce, ou não, empreendedor, ou seja, tal resultava de

características pessoais intrínsecas ao indivíduo. Contudo, tal perspectiva é invalidada por autores contemporâneos, que consideram que existem outras causas que influenciam o facto de um indivíduo se tornar um empreendedor, nomeadamente o contexto externo e interação com o mesmo (Wu & Mao, 2020).

Kumari (2018) argumenta que aquilo que caracteriza um empreendedor são, não só as suas características comportamentais e psicológicas, mas também a envolvente em que o indivíduo atua e a sua capacidade de desenvolver e relacionar-se com a comunidade à sua volta. Assim, a autora afirma que não se nasce empreendedor, uma vez que existem características que podem ser desenvolvidas e algumas habilidades aprendidas. Também Shabbir e Kassim (2019) reconhece quer fatores psicológicos - tais como a motivação, os conhecimentos, a opinião sobre si mesmo/auto-eficácia -, bem como as características não psicológicas - como a experiência, educação, idade e posição/classe social - influenciam o comportamento empreendedor.

Para compreender o fenómeno do empreendedorismo é também pertinente estudar as atitudes face ao risco, a necessidade de realização, a auto-eficácia/produktividade (visto que o indivíduo tem a iniciativa de começar um negócio próprio), a inovação, a tolerância ao stress/incerteza (dados os riscos pessoais, sociais e financeiros associados ao empreendedorismo), o *locus of control* (refere-se ao quão vigorosamente as pessoas acreditam que têm controlo sobre as situações e experiências que afetam as suas vidas, assim como as causas do seu sucesso ou fracasso), a necessidade de autonomia, a escolha da carreira, dados demográficos e fatores ambientais (Kerr, Kerr, & Xu, 2018).

Entre as mais importantes características do empreendedor, destacam-se as seguintes (Xie, Liu, Malik, Chupradit, & Chupradit, 2021): a sociabilidade, que consiste na capacidade do indivíduo se envolver com os outros; a capacidade de planeamento, que se relaciona com o que fazer e como fazer, auxiliando o empreendedor a iniciar, manter e avaliar as ações necessárias para atingir objetivos, de forma assertiva; capacidades de liderança, ou seja, característica essencial, uma vez que os empreendedores são constantemente confrontados com risco e incerteza; e a capacidade de inovação, que exige conhecimento e experiência, estando associado à ânsia de descobrir novas coisas. Sarkar (2010) destaca também necessidade de autonomia, de poder/autoridade e de independência.

Segundo Carland, Carland e Stewart (1996) e Carland, Hoy, Boulton e Carland, (1984), as características, comportamentos e atitudes dos empreendedores relacionam-se com diversos fatores, entre os quais o desejo de autonomia, a assunção de riscos, a criatividade e inovação. No anexo I, apresenta-se uma síntese das características associadas aos empreendedores

(Carland et al., 1984). Através da análise do anexo I, segundo Carland et al. (1984), é possível constatar que é complexo definir o perfil de um empreendedor e, por isso, os autores destacam um conjunto de características que possuem efeitos favoráveis na probabilidade de um indivíduo se transformar num empreendedor. A partir das diferentes características mencionadas, destaca-se ainda a liderança, a originalidade, otimismo, a autoconfiança, a auto-eficácia, a capacidade de aprendizagem, a capacidade de comunicação e persuasão, a flexibilidade e a capacidade de utilização de recursos (Rosado-Cubero, Freire-Rubio, & Adolfo, 2022).

De acordo com Carvalho e Costa (2015), a criatividade e a inovação permitem aos empreendedores refletir sobre formas não convencionais, desafiando aquilo que é tido como adquirido e, assim, desenvolver uma maior agilidade em prever situações e resolver problemas. Neste sentido, o empreendedor é o indivíduo otimista, inteligente, ambicioso, criativo, responsável, que procura oportunidades e a realização pessoal, dedicando-se de modo inovador às atividades de gestão, criando riqueza, transformando conhecimentos em novos produtos ou serviços, através do seu conhecimento pessoal (2015). Importa ainda, mencionar que segundo o GEM (2016) é necessário que os indivíduos possuam condições económicas favoráveis, assim como características e comportamentos específicos associados ao empreendedorismo, para que a criação de uma nova empresa seja viável.

No que concerne às motivações empreendedoras, Nidhi e Kumari (2018) afirmam que é essa motivação que guia o processo empreendedor e que leva o empreendedor em busca de novas oportunidades, como por exemplo o desejo de independência, de auferir maiores rendimentos e de sentir-se bem-sucedido. Olson e Bosserman (1984, citado por Wu & Mao, 2020) identificaram a motivação empreendedora como o impulso que incentiva os indivíduos que já possuem as condições básicas para o empreendedorismo e consideráveis habilidades empreendedoras, para iniciar um negócio.

Janssen e Bacq (2017) acrescentam que, entre as diferentes motivações que levam um indivíduo a ser empreendedor, destaca-se a realização pessoal, visto que o empreendedorismo permite que o desejo de construir o seu negócio, com as características desejadas, se torne realidade. Também McClelland (1961) corrobora que é a motivação que se constitui como a força motriz que impulsiona o empreendedor, sintetizando na sua investigação que a necessidade de realização e a atividade empreendedora se associam favoravelmente. Outra das principais motivações, evidenciadas por Berg (2015), que levam os indivíduos a empreender são a sua orientação pessoal para o lucro pessoal, essencialmente no curto prazo, a realização pessoal e uma maior autonomia, essencialmente no âmbito laboral, uma vez que se tornarão patrões de si mesmos.

Relativamente à assunção de riscos, uma vez que o empreendedor deve estar preparado para atuar em circunstâncias incertas, Zinn (2019) menciona que os riscos podem ser financeiros, pessoais (como a própria segurança) e sociais (estatuto social, reputação, entre outros). No que concerne aos valores individuais, os empreendedores desejam ser autônomos, sem dependerem de outros (Ferreira et al., 2010). Deste modo, é possível concluir que possuir bons motivos se constitui com um dos principais determinantes para que o indivíduo atinja os seus objetivos, uma vez que é precisamente a motivação que conduz o indivíduo e seus comportamentos no sentido da prossecução de metas (Carvalho & Costa, 2015).

2.3. Dimensões do Potencial Empreendedor

As intenções empreendedoras definem-se como uma pré-disposição consciente que guia o indivíduo para desenvolver comportamentos empreendedores (Bird, 1988). Assim, o indivíduo direciona o seu esforço, de modo a concretizar os seus objetivos. Segundo Bird (1988), as necessidades, valores, desejos, hábitos e crenças influenciam a intenção e, conseqüentemente, o potencial empreendedor. As intenções empreendedoras são influenciadas por diversas variáveis, influenciando a predisposição que um indivíduo tem para atingir um determinado objetivo, uma vez que as intenções se baseiam em fatores motivacionais. Assim, as intenções de um indivíduo criam uma relação de proporcionalidade positiva entre o nível de intenção de ter determinado comportamento e a sua real concretização (Heydari, Xiaohu, Lai , & Shang , 2020). Birley e Westhead (1990) estudaram fatores relacionados com as características culturais que podem motivar ou inibir a intenção empreendedora, corroborando as motivações no subcapítulo anterior, nomeadamente: a necessidade de aprovação; a procura de independência, laboral e financeira, mediante criação do seu negócio; aspiração a auferir rendimentos mais elevados; o desenvolvimento pessoal, que se relaciona com a necessidade de explorar oportunidades, aprender e inovar; a necessidade de melhorar as condições de vida do grupo a que se pertence, por exemplo, da sua família; prosseguimento da ocupação do seu círculo mais próximo, por exemplo, dar continuidade ao negócio da família.

Segundo Carvalho (2016) o conceito de ecossistema empreendedor, apesar de recente, está sujeito à conjugação de diversas premissas, relacionando-se com: a concentração de negócios, inovação e relacionamento entre *stakeholders*. Parreira et al. (2018) argumentam ainda que os ecossistemas empreendedores desenvolvem-se com maior facilidade em cidades ou regiões próximas a empresas, instituições de ensino superior, entidades públicas de apoio ao processo empreendedor, entre outros. De acordo com Santos et al. (2014), existem quatro principais dimensões que podem expressar a motivação e, conseqüentemente, o potencial empreendedor,

designadamente: as motivações empreendedoras, as competências psicológicas, as competências sociais e as competências de gestão. Os mesmos autores (2014) afirmam também que dentro de cada uma destas dimensões existem onze sub-dimensões, nomeadamente: nas motivações empreendedoras englobam-se a motivação económica e o desejo de independência; nas competências psicológicas é pertinente estudar a inteligência emocional, a capacidade de inovação, e a resiliência no que concerne à capacidade de ultrapassar adversidades, correndo, ou não, riscos; as competências sociais incluem a capacidade networking / desenvolvimento de uma rede social, bem como a capacidade de comunicação e persuasão; por fim, nas competências de gestão importa estudar a capacidade de liderança, a auto-eficácia (perceção sobre si mesmo), capacidade de mobilizar e alocar recursos e, ainda, a propensão para o risco.

No seguimento da investigação de Santos et al. (2014), é possível entender que as atitudes empreendedoras se constituem como a consciência de que o empreendedorismo e criação de uma empresa criam valor acrescentado, não só para o indivíduo, como para a sociedade em geral (Yasir, Xie, & Zhang, 2022). Às diferentes perspetivas supracitadas, Yasir et al. (2022) acrescentam que as mesmas podem ser estudadas em conjunto com, essencialmente, variáveis demográficas (como a idade, género, estado civil, qualificações/formação/educação, etc.), sociais (religião, família, amigos, cultura, valores sociais, etc.) e/ou psicológicas (com por exemplo a assunção de riscos). Neste sentido, de modo a identificar as diferentes dimensões do potencial empreendedor, importa estudar os fatores que impulsionam os indivíduos a empreender. Assim, foi elaborada uma tabela (anexo II) onde é possível observar que diversos autores já se ocuparam do estudo destas mesmas dimensões que influenciam a propensão empreendedora.

De acordo com autores como Marín, Nicolás e Rubio (2019), Nguyen (2018) e Indarti e Kristiansen (2003), algumas das variáveis ou determinantes influenciadores da propensão empreendedora são: os fatores demográficos, nomeadamente a idade e o género; fatores psicológicos, como a criatividade, assunção de riscos e a motivação para a ação; fatores contextuais, em concreto a educação, experiência profissional, oportunidades de mercado e *role models* (relação com outros empreendedores). No que concerne às dimensões demográficas, destacam-se: A idade dos potenciais empreendedores, que pode condicionar a criação de uma nova empresa, devido a fatores como o receio de assumir riscos, experiências anteriores, a formação, entre outros (Fernandes et al., 2018). Já Phipps e Prieto (2015) afirmam que, face ao género, indivíduos quer do sexo feminino quer o género masculino possuem preponderância a empreender, contudo os autores concluíram nas suas investigações que as mulheres tendem a enfrentar maiores dificuldades relativamente ao processo empreendedor (Strawser, Hechavarría,

& Passerini, 2021). Ademais, homens e mulheres diferem, essencialmente, na escolha da área de atividade, tipo de negócio e modos de financiamento.

Relativamente aos fatores psicológicos, Guilford (1950, citado por Runco & Jaeger, 2012) afirma que a pessoa criativa e inovadora “has novel ideas. The degree of novelty of which the person is capable, or which he habitually exhibits... can be tested in terms of the frequency of uncommon, yet acceptable, responses to items” (2012, p. 94). Desta forma, é possível depreender que a pessoa criativa desenvolve novas ideias e onde o grau de novidade deve ser diferente do anteriormente apresentado, contudo, aceite pela sociedade (Ahmad, Rasul, Othman, & Jalaludin, 2022). No que respeita à assunção de riscos, a OCDE (2003) argumenta que é devido à capacidade de assumir riscos em condições de incerteza que o fenómeno do empreendedorismo permite criar riqueza e crescimento económico. Por fim, a necessidade de sucesso constitui-se como um traço de personalidade que, segundo Indarti e Kristiansen (2003), apesar de ser uma característica psicológica, advém de fatores demográficos e contextuais.

No que concerne aos fatores contextuais, face à experiência profissional, para Teixeira e Davey (2008) este fator está correlacionado com atitudes empreendedoras, contrariamente a Teixeira e Forte (2009) que, noutro estudo, evidenciaram o oposto. Portanto, a relevância do determinante “Experiência Profissional” na propensão empreendedor não é óbvia. No âmbito da formação e educação, segundo Wang e Yueh (2019), capacidades e competências empreendedoras podem ser desenvolvidas na escola através da educação para o empreendedorismo. Quanto à motivação para empreender, Alam, Kousar, e Rehman (2019) afirmam que sem motivação não existe ímpeto nem intenção de iniciar um negócio. Relativamente às oportunidades de mercado, para Newman, Obschonka, Schwarz, Cohen, e Nielsen (2019) os potenciais empreendedores são cautelosos ao explorar oportunidades, assim como ao formar intenções de empreender.

Capítulo III – O Empreendedorismo no Ensino Superior

Ao longo dos anos, o empreendedorismo tem conquistado um lugar cada vez mais importante na sociedade e na economia. Um dos métodos para se desenvolver e dar a conhecer esta área é através da formação e educação para o empreendedorismo. Por intermédio desta disciplina, diferentes ferramentas são fornecidas aos indivíduos de forma a impulsionarem o seu negócio. A educação para o empreendedorismo, em particular nos jovens que frequentam o ensino superior, também permite que os mesmos desenvolvam as suas capacidades intelectuais, no que concerne à gestão da nova empresa ou à identificação de novas oportunidades. Através da educação e formação, tendo em mente os benefícios e complexidades de criar um negócio, os jovens tornam-se mais predispostos, estimulados e bem preparados para expandir as suas perspetivas de futuro.

3.1. Educação para o Empreendedorismo

De acordo com Kirby (2005) as universidades dos Estados Unidos da América, com destaque para a *Harvard Business School*, em 1947, foram as primeiras a criar cursos direcionados para o empreendedorismo. Posteriormente, o primeiro jornal relacionado com o empreendedorismo surgiu em 1949, cuja designação era *Explorations in Entrepreneurial History* (Katz, 2003). Drucker (1985) afirma, ainda, que os cursos de empreendedorismo são, atualmente, bastante similares aos cursos dos finais dos anos 40. Não obstante o fenómeno do empreendedorismo ser relativamente recente, até 1970 o número de instituições de ensino superior com cursos direcionados para o empreendedorismo era reduzido (Venkataraman, 2004). Contudo, este número é cada vez maior, apesar de grande parte dos cursos de empreendedorismo ainda estar bastante relacionada com a área da gestão.

Mais recentemente, a educação para o empreendedorismo expandiu-se dos Estados Unidos para a Europa a partir do século XX (Venkataraman, 2004) e cada vez mais as instituições de ensino superior tendem a desenvolver e criar cursos de empreendedorismo, contribuindo para o desenvolvimento de novas empresas e permitindo que os docentes transfiram os seus conhecimentos aos estudantes (Cooney, 2012). O intuito é auxiliar no desenvolvimento da sociedade, fomentando a interação entre as empresas, instituições públicas e instituições de ensino superior (Kirby, 2005). Kirby (2005) reconhece que a educação para o empreendedorismo visa fornecer aos estudantes ferramentas intelectuais, nomeadamente *skills* e conhecimentos técnicos, bem como motivá-los para que criem intenções de desenvolver as

suas próprias empresas. A OCDE (2015) afirma que as vantagens da educação para o empreendedorismo não se relacionam apenas com a criação de empresas ou iniciativas inovadoras, também permite que os discentes desenvolvam habilidades, como por exemplo, a criatividade, se tornem seguros de si mesmos, a capacidade para atuar perante incertezas, o que os tornará indivíduos e donos de empresas socialmente responsáveis. Dolabela (2003, citado por Marques & Albuquerque, 2012), apresentou as principais diferenças entre o ensino tradicional, que se caracteriza pela sua maior formalidade, e o ensino empreendedor, que permite o desenvolvimento de competências mais criativas. A tabela 3.1 espelha as diferenças entre os tipos de ensino supracitados.

Tabela 3.1. – Pedagogia tradicional e empreendedora

Ensino tradicional	Ensino Empreendedor
Ênfase no conteúdo como propósito	Ênfase no processo (aprender a aprender)
Aluno liderado pelo professor	O tema é aprendido pelo participante
O conhecimento é transmitido pelo professor	O professor facilita a descoberta e a aprendizagem
O conhecimento é adquirido e não muda	O conhecimento pode mudar
Currículo e aulas altamente planejadas	Aulas e currículo flexível e direcionadas às necessidades
Objetivos educacionais impostos	Objetivos de aprendizagem são negociados e podem alterar-se
Prioridade para o desempenho	Prioridade no autodesenvolvimento
Pensamento convergente, rejeita conjeturas	Pensamento e suposições divergentes como parte do processo criativo
Ênfase no pensamento analítico e linear	Estratégias de pensamento holístico
Conhecimento teórico e abstrato	Conhecimento teórico juntamente como conhecimento prático
Resistência à influência da comunidade	Incentivo à influência da comunidade
Ênfase no mundo exterior	A experiência interior é fonte de aprendizagem e os sentimentos são embutido na ação
A educação como necessidade social para o desempenho de um papel particular	A educação como um processo ao longo da vida e pouco relacionado com a escola
Erros não são aceites	Erros como fonte de conhecimento ("bom erro")
O conhecimento é o vínculo entre professor e aluno	O relacionamento é o principal elo entre professor e aluno

Fonte: Adaptado de Marques e Albuquerque (2012, p. 60)

De acordo com Marques e Albuquerque (2012), no ensino tradicional existe um maior enfoque em seguir os conteúdos programáticos, sendo o docente aquele que domina as sessões/aulas, as quais são demasiado programadas. O ensino tradicional caracteriza-se ainda por privilegiar o conhecimento analítico e teórico, onde os erros não são aceites, nem considerados como um meio de aprendizagem. Pelo contrário, segundo os autores, o ensino empreendedor coloca os seus esforços na máxima “aprender a aprender”, já que o currículo dos alunos deve ser adaptado às suas necessidades e até preferências, sendo que os objetivos educacionais devem ser flexíveis e possíveis de se alterar. Segundo Wei, Liu e Sha (2019), a educação para o empreendedorismo visa desenvolver nos jovens estudantes a intenção empreendedora, bem como educá-los para, no futuro, criarem e gerirem os seus próprios negócios, o que é crucial para o desenvolvimento económico e social. A educação para o empreendedorismo permite que os alunos desenvolvam ideias empreendedoras, de forma a criarem as suas empresas no futuro ou, em alternativa, como funcionários de empresas já estabelecidas, poderão influenciá-las a atuar de forma mais inovadora e empreendedora - intra-empreendedorismo (Laukkanen, 2000).

As instituições de ensino superior deverão ainda seguir algumas sugestões de mudança (Costa, Carvalho, & Mares, 2012). Chamard (1989, citado por Costa et al., 2012) concluiu que o sistema de educação pública formal não favorece o desenvolvimento da personalidade e características empreendedoras. Também Cooney (2012) acredita que devido ao facto de o empreendedorismo ser um fenómeno complexo, já que os indivíduos possuem diversas maneiras de se tornar empreendedores, o ensino desta disciplina torna-se algo complexo. De acordo com Grecu e Denes (2017) a lacuna entre a teoria e a prática no que concerne à criação de negócios pode ser colmatada com a educação para o empreendedorismo, quaisquer que sejam as áreas de especialização dos alunos. Segundo a Direção-Geral da Educação (2020), em Portugal a escola tende a apresentar planos de estudo de índole essencialmente teórica, em sala de aula. Neste sentido, a interação docente-discente é crucial para a motivação dos alunos, desenvolvimento de competências e atitudes empreendedoras, ampliação da rede de contactos, refinar a sua intuição face aos negócios e mundo empresarial, ganhar autoconfiança, capacidade para assumir riscos, identificação de oportunidades, entre outros.

3.2. Importância do Ensino do Empreendedorismo

Com a crescente atenção ao empreendedorismo como motor de criação de empregos e desenvolvimento económico, para autores como Burton, Fairlie e Siegel (2019), este fenómeno constitui-se como uma alternativa ao desemprego ou ao trabalho por conta de outrem; o que permite que os indivíduos, por um lado, consigam ganhar o seu próprio sustento e, por outro,

criar o negócio que desejaram. Assim, atualmente, ter conhecimento relativamente a uma única área de conhecimento acadêmico já não é suficiente para recém-licenciados, sendo cada vez mais crucial que os mesmos desenvolvam habilidades que permitam aumentar a sua empregabilidade (Grecu & Denes, 2017). A educação e formação empreendedoras permitem aos indivíduos desenvolver capacidades relacionadas com a identificação de oportunidades, desenvolvimento de um conceito de negócio, aprendizagem relativamente à exploração e alocação de recursos, gestão, marketing, sistemas de informação, finanças, entre outras áreas (Grecu & Denes, 2017), o que permitirá aos potenciais empreendedores criar valor para si e para os demais.

Importa evidenciar que cabe à escola desenvolver atitudes e competências empreendedoras nos estudantes (Sousa, Almeida, Mansur-Alves, & Huziwara, 2022), dada a relevância da educação para o empreendedorismo no tecido empresarial, no desenvolvimento sustentado português, bem como na criação de uma sociedade mais versátil, o que só será possível através da incorporação da disciplina no ensino e no currículo dos alunos (Burton, Fairlie, & Siegel, 2019). De acordo com Marques e Albuquerque (2012), na Europa o ensino tradicional, não favorece o desenvolvimento de atitudes empreendedoras, nem o desejo de trabalhar por conta própria. Neste sentido, as habilidades empreendedoras devem ser desenvolvidas em todas as fases da vida, nomeadamente desde o ensino básico, passando pelo ensino secundário, até ao ensino superior. Nas organizações em aprendizagem contínua, nomeadamente nas instituições de ensino superior, as mesmas são especializadas na aquisição, criação e transferência de conhecimento (Martins, 2018), onde o desenvolvimento pessoal dos estudantes se deve refletir no desenvolvimento da sociedade.

De acordo com Grecu e Denes (2017), a educação é o meio mais eficaz à disposição da sociedade para preparar e fazer face ao futuro. Uma vez que o progresso das sociedades depende, cada vez mais, das capacidades de investigação, inovação e adaptação das novas gerações. Sem educação, a participação dos jovens na vida cultural e socioeconómica é quase impossível. Segundo Grecu e Denes (2017), o ensino não tem sido eficiente em criar uma mentalidade empreendedora nos mais jovens. Contudo, a educação para o empreendedorismo tem-se tornado mais popular, uma vez que ao aprenderem sobre planos de negócios e a criação de empresas, os alunos compreendem melhor questões relacionadas com economia, contabilidade, marketing, entre outras disciplinas da área da gestão e, assim, a sua experiência educacional será mais e enriquecedora.

Contudo, é essencial criar uma maior consciencialização para as vantagens da educação para o empreendedorismo, não só nos estudantes, do ensino primário ao ensino universitário, mas

também na sociedade em geral (OCDE, 2015). Ademais, na União Europeia existem cada vez mais iniciativas com o intuito de fomentar a mentalidade empreendedora, a assunção de riscos, a criatividade e a inovação (OCDE, 2015). No entender de Fernandes et al. (2018), o comportamento empreendedor é uma condição necessária para o crescimento económico. Assim, a criação de empresas assume-se como essencial no desenvolvimento dos países, contribuindo para a difusão da inovação, criação de emprego, melhoria da competitividade, maior coesão social e bem-estar. Entre os diversos objetivos sociais e económicos no âmbito do empreendedorismo destaca-se a criação de emprego e a redução da pobreza, sendo que os empreendedores são cada vez mais considerados como cruciais para o progresso económico e social (Eurostat, 2012).

3.3. Empreendedorismo no Ensino Superior Português

A educação para o empreendedorismo nas instituições de ensino superior portuguesas tem sido promovida e implementada, principalmente, desde o início dos anos 2000, apesar de o primeiro curso de empreendedorismo no país ter sido oferecido na década de 1990 (Redford, s.d.). Em 2004, a Sociedade Portuguesa de Inovação, citada por Mendes (2007) na Revista Portuguesa de Pedagogia, considerava que o sistema de educação português era inapropriado no que concerne ao estímulo para o empreendedorismo, uma vez que a criatividade é parcamente fomentada nos jovens. Contudo, cada vez mais as escolas, por toda a Europa, desenvolvem programas e cursos direcionados ao empreendedorismo, apesar de estes serem essencialmente orientados para a Economia ou Gestão (Grecu & Denes, 2017).

Contudo, Redford (s.d.), presidente da associação Educar para Empreender, através do website oficial da DGES, afirmou que o ano de 2003 pode ser considerado como um dos anos mais importantes em Portugal para a mudança na educação para o empreendedorismo, uma vez que no ano letivo de 2004/2005 foram lecionados cerca de 27 cursos de empreendedorismo. Desde então, as universidades e politécnicos continuam a desenvolver as suas ofertas incluindo programas de empreendedorismo, principalmente a nível de pós-graduação (Redford, s.d.). De acordo com Redford (s.d.), as instituições de ensino superior portuguesas trabalham numa perspetiva de criação de negócios e, mais recentemente, incluem também o empreendedorismo como competência transversal no currículo, assim como em atividades extra-curriculares. As instituições de ensino superior rapidamente têm vindo a perceber as vantagens da ligação e do desenvolvimento de parcerias com outros tipos de instituições que oferecem as condições e o apoio necessários para potencializar os novos empreendedores.

Segundo Redford (s.d.), apesar dos progressos que Portugal tem conseguido, nos últimos quinze anos, na área da educação para o empreendedorismo, ainda existem problemas que precisam de ser resolvidos através de políticas educacionais e alteração de questões culturais, nomeadamente a aversão ao risco, sendo necessário apostar nas competências tecnológicas e *soft skills*.

A Direção-Geral da Administração Escolar (2021) afirma que em Portugal existem empresas e empreendedores de elevada qualidade, com capacidade para competirem nos mercados globais. Segundo a “Portugal SME Fact Sheet 2021” (Comissão Europeia, 2021), Portugal apresenta um desempenho acima da média da UE, tendo vindo a alcançar progressos significativos desde 2008. Em Portugal, o empreendedorismo é considerado uma opção de carreira atraente e o governo português continua, através da sua Estratégia Nacional Startup Portugal +, empenhado em consolidar um ecossistema empreendedor nacional robusto, capaz de atrair investidores nacionais e estrangeiros e acelerar o crescimento das *startups* portuguesas nos mercados externos.

No que concerne aos programas de maior relevo no âmbito nacional, relativamente ao ensino superior, destaca-se o programa Poliemprende, o qual integra vinte e uma instituições de ensino superior politécnico. (IPL, s.d.). Este programa visa fomentar iniciativas inovadoras e criativas, promovendo a melhoria dos currículos dos estudantes e a criação de empresas. O Instituto Politécnico de Lisboa participa no programa Poliemprende desde 2008, sendo que a apresentação de candidaturas é efetuada e acompanhada em contexto formativo, por exemplo, mediante “ações de sensibilização e motivação, em unidades curriculares específicas existentes nos planos curriculares, em tutorias e num *bootcamp*” (IPL, s.d.), os quais procuram melhorar planos de negócios e financeiros, bem como técnicas de comunicação e marketing.

Neste sentido, importa ainda mencionar que em Portugal, durante o ano de 2021, foram criadas 41.656 novas empresas (AICEP, 2022), sendo que, de acordo com o GEM (2019), no que concerne às auto-perceções, Portugal apresenta uma taxa de oportunidades percebidas de 53,52%, o que representa um grande aumento face a 2016, visto que a taxa era de 29,53%. Relativamente à taxa de capacidades percebidas, a mesma é de 61,43%, ou seja, 19,08% superior a 2016, uma taxa de medo de falhar de 52,59% comparativamente à média global de 41,74% e face a 2016, cuja mesma taxa era de 38,12%. Por fim, a taxa de intenção empreendedora era, em 2019, de 19,78%, ou seja, 6,52% superior à de 2016 que era de 13,26%.

Em conclusão, Fernandes et al. (2018) afirmam que os estudantes portugueses revelam menor preferência face ao trabalho por conta de outrem. Os resultados do estudo concluíram que os portugueses, face aos estudantes de outros países, apresentam um maior desejo em tornarem-se empreendedores.

Capítulo IV – Método e Desenho de Investigação

O presente capítulo apresenta, em três sub-pontos, o método e os respetivos procedimentos, usados. De acordo com Bloise (2020), o trabalho de pesquisa consiste em sair do senso comum e partir para o conhecimento científico e filosófico. A autora afirma ainda que a importância do trabalho metodológico baseia-se em transformar boas ideias em projetos objetivos e rigorosos. Assim, neste capítulo, e numa primeira fase, apresentam-se os objetivos e hipóteses de investigação; em seguida, apresenta-se a população-alvo e amostra; e, por fim, apresentam-se os procedimentos metodológicos e de análise dos dados.

Tendo como pano de fundo metodológico o estudo de caso, a presente dissertação é de natureza exploratória-descritiva quanto à natureza do problema; hipotético-dedutiva quanto ao papel da teoria e do investigador; e, mista (juntando dados qualitativos e quantitativos). Uma vez que se procurou compreender um problema em contexto específico, os dados foram recolhidos mediante a aplicação de um questionário, e realização de entrevistas a indivíduos, com familiaridade face à problemática (docentes e associação de estudantes), seguindo-se as recomendações de Coutinho (2022).

4.1. Objetivos e Hipóteses de Investigação

Retomando o objetivo geral proposto para a presente investigação - Identificar o potencial empreendedor dos estudantes, nas áreas de ciências empresariais do ISCAL, - a pergunta de partida que orientou a observação empírica foi “Como se caracteriza o potencial empreendedor do ISCAL, no grupo de estudantes das ciências empresariais?”. Como objetivos específicos, determinaram-se os seguintes:

1. Caracterizar o perfil dos estudantes da área das Ciências Empresariais do ISCAL, de acordo com a variável género e grau de ensino frequentado (Licenciatura/1º ciclo e Mestrado/2º ciclo).
2. Medir o potencial empreendedor, dos alunos do ISCAL, nas variáveis motivações empreendedoras, competências psicológicas, competências sociais e competências de gestão, de acordo com o IAPE (Santos et al., 2014).
3. Comparar a perceção dos docentes e dos discentes sobre a participação e aproveitamento destes, nas iniciativas do ISCAL, orientadas para o empreendedorismo, nos últimos três anos académicos.

Neste sentido, de acordo com os objetivos mencionados, e após a revisão da literatura, foi possível formular as seguintes hipóteses de investigação:

Relacionada com objetivo 1, **elaborou-se a Hipótese 1**. Espera-se que as dimensões do potencial empreendedor dos alunos do ISCAL apresentem diferenças estatisticamente significativas em relação ao género e grau de ensino frequentado (1º ciclo e 2º ciclo).

Hipótese 1.1. Espera-se que as dimensões do potencial empreendedor dos alunos do ISCAL apresentem diferenças significativas em relação ao género.

Hipótese 1.2. Espera-se que as dimensões do potencial empreendedor dos alunos do ISCAL apresentem diferenças significativas entre os graus de ensino frequentado.

O objetivo 2 consistiu em realizar uma análise descritiva das dimensões do construto “Potencial Empreendedor”. Elaborou-se, assim, a **Hipótese 2** relacionada com o desejo de criação de um negócio: Espera-se que exista relação estatisticamente significativa entre as intenções de criar uma empresa e as dimensões do potencial empreendedor.

Relacionada com a questão 3, elaborou-se a **Hipótese 3**. Espera-se a existência de uma relação significativa entre as variáveis “participação” e “aproveitamento” dos estudantes nas iniciativas afetas ao empreendedorismo, desenvolvidas pela instituição (ISCAL) e as 4 dimensões do construtor “Potencial Empreendedor” de Santos et al. (2014).

O desenho metodológico da investigação foi inspirado nos trabalhos de Santos et al. (2010) e Schmid, Bohnenberger e Freitas (2010). O primeiro trabalho teve como intuito analisar o potencial empreendedor dos estudantes através do Inventário de Avaliação do Potencial Empreendedor, o que dá origem ao Índice do Potencial Empreendedor. O segundo, verificar a influência das práticas didático-pedagógicas na formação do perfil empreendedor (testado no curso de Administração da Universidade de Feevale). Neste sentido, apresenta-se em seguida o desenho de investigação (figura 4.1):

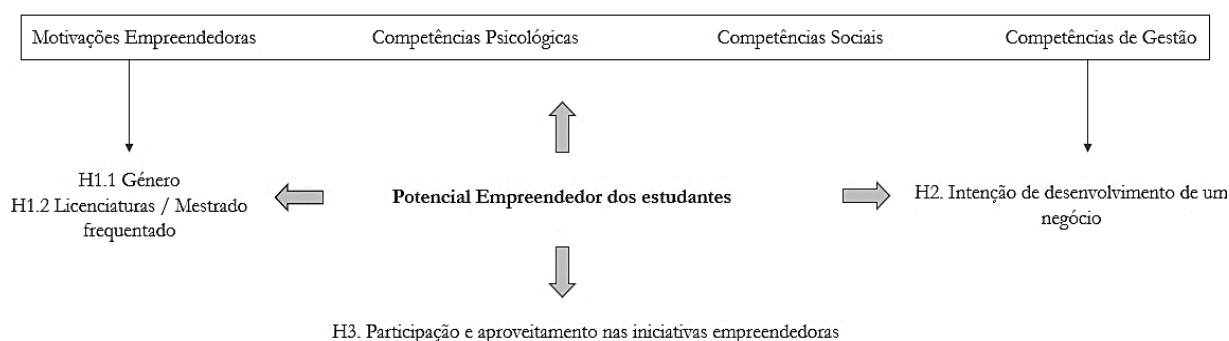


Figura 4.1 - Desenho de investigação

A investigação desenvolvida por Cabral (2012), acerca dos contributos da universidade para a promoção do potencial empreendedor, demonstrou existir uma relação positiva entre as atividades empreendedoras desenvolvidas pela universidade e o desenvolvimento de competências. Para além desta investigação, não foram encontradas outras investigações que estudassem ambas as variáveis em conjunto. Contudo, vários autores (Ferreira, Santos & Serra 2010; Kirby 2005; OCDE, 2015) indicam que a educação para o empreendedorismo estimula a intenção em empreender. Neste contexto destacam-se Santos et al. (2014), que desenvolveram o Inventário de Avaliação do Potencial Empreendedor (IAPE) através de 4 dimensões e 11 sub-dimensões, as quais são operacionalizadas através de 33 itens (tabela 4.1).

Tabela 4.1 - Tabela de operacionalização das variáveis

Dimensão	Sub-dimensões	Itens (Questões do questionário)
Motivações empreendedoras	Motivação económica	- Vou esforçar-me para vir a ter o máximo de dinheiro possível. - Um dos meus maiores lemas é vir a dispor do máximo de dinheiro possível. - Para mim é importante ter mais dinheiro do que o necessário para viver.
	Desejo de independência	- Uma das coisas que é mais importante para mim é ter um trabalho em que sou patrão de mim próprio(a). - Gosto de ter poder de decisão sobre o meu futuro pessoal e profissional. - Um dos principais lemas que me tem orientado tem sido procurar uma vida independente.
Competências psicológicas	Inteligência emocional	- Eu reconheço facilmente as minhas emoções tal como as experiencio. - Eu sei muito bem o que as outras pessoas estão a sentir só de olhar para elas. - Eu consigo lidar com as situações que surgem na minha vida.
	Capacidade de inovação	- Frequentemente surpreendo as pessoas com as minhas ideias novas. - As pessoas frequentemente pedem-me ajuda para atividades criativas. - Gosto mais de um trabalho que exige aptidões específicas e práticas do que um trabalho que requer invenções.
	Resiliência	- Eu sou forte o suficiente para ultrapassar as dificuldades da vida. - Não demoro muito tempo para recuperar de uma situação de grande stress. - Para mim, é difícil continuar em frente quando alguma coisa má acontece.
Competências sociais	Capacidade networking	- Conheço pessoas de sítios muito variados. - Eu costumo tomar a iniciativa em qualquer projeto em que estou envolvido.
	Capacidade de comunicação e persuasão	- Na maioria das situações consigo que as outras pessoas façam o que eu quero. - Normalmente, sou capaz de persuadir os outros em muitas coisas. - Quando quero que alguém mude o seu ponto de vista sobre um assunto, normalmente sou bem-sucedido (a).

Competências de gestão	Liderança	<ul style="list-style-type: none"> - Frequentemente, faço tudo para ser o líder nos projetos que chegam ao meu grupo. - Gosto de ser responsável pelas situações dentro do meu grupo - Eu acho que consigo conduzir facilmente os meus colegas quando tenho uma ideia
	Auto-eficácia	<ul style="list-style-type: none"> - Consigo concretizar iniciativas consideradas impensáveis. - Geralmente consigo definir estratégias eficazes para concretizar os objetivos que pretendo. - Eu sinto-me capaz de lidar de forma eficaz com as situações do dia-a-dia.
	Capacidade de mobilizar recursos	<ul style="list-style-type: none"> - Normalmente, consigo encontrar os recursos necessários para concretizar as iniciativas que tenho. - Geralmente sei como obter os recursos de que preciso para avançar com iniciativas que considero importantes. - Consigo ver de maneira clara como concretizar iniciativas impensáveis
	Propensão para o risco	<ul style="list-style-type: none"> - Para mim, o melhor plano possível é aquele que é livre de riscos. - Para receber as maiores recompensas, eu estou disposto a correr qualquer tipo de riscos. - Eu procuro novas experiências mesmo quando os resultados podem ser arriscados. - Eu acredito que vale a pena correr riscos mais elevados para ter maiores recompensas.

Fonte: Adaptado de Santos et al. (2014) e Alves (2014)

Mediante as variáveis acima mencionadas, de Santos et al. (2014), procedeu-se ao estudo do potencial empreendedor, dos alunos da área das ciências empresariais do ISCAL. O instrumento possibilita uma análise de 4 dimensões, como já mencionado: motivações empreendedoras, competências de gestão, competências psicológicas e competências sociais. Estas, agregadas em 11 sub-dimensões, incluindo, no total, 33 itens: i. motivações empreendedoras - motivação económica e o desejo de independência; ii. competências psicológicas - inteligência emocional, a capacidade de inovação, e a resiliência; iii. competências sociais - capacidade networking, capacidade de comunicação e persuasão; iv. competências de gestão - liderança, a auto-eficácia, capacidade de mobilizar recursos e propensão ao risco.

4.2. Campo empírico e Participantes

Para melhor compreender os tipos de estatísticas inferenciais, é crucial saber distinguir a amostra da população (Minitab LLC, 2021). Segundo a Minitab (2021), que se dedica ao desenvolvimento de *softwares* estatísticos, uma população consiste num conjunto de pessoas, itens ou eventos sobre os quais é possível fazer inferências. O universo, ou população-alvo, é determinada de acordo com um conjunto de critérios e, como tal, os elementos existentes no mesmo são semelhantes, possuindo características em comum (Taherdoost, 2016). Uma vez que pode ser bastante complexo estudar todos os elementos de uma população completa, então

estudar apenas uma parte dessa população é uma opção mais viável. Essa parte da população-alvo, designa-se amostra, que deve ser representativa de toda a população (Taherdoost, 2016).

Neste estudo em concreto, a população-alvo são os estudantes da área das Ciências Empresariais do ISCAL, tendo-se decidido selecionar uma turma dos primeiros, segundos e terceiros anos da licenciatura em Gestão e da licenciatura em Comércio e Negócios Internacionais; os alunos do 1º ano do mestrado em Gestão e Empreendedorismo, do mestrado em Controlo de Gestão e Avaliação de Desempenho e, ainda, do mestrado em Gestão das Instituições Financeiras. Assim, a amostra foi de 204 alunos, das licenciaturas em Gestão, Comércio e Negócios Internacionais, Mestrado de Gestão e Empreendedorismo, Controlo de Gestão e Avaliação de Desempenho e, ainda, de Gestão das Instituições Financeiras, no ano académico de 2022-23, dentro de um universo total de 1269 alunos inscrito neste ano letivo, nas licenciaturas e mestrados anteriormente mencionados. Uma vez que da amostra fazem parte apenas alunos da área das Ciências Empresariais do ISCAL, a generalização estatística para todo o universo de alunos ISCALinos, não foi efetuada, devido ao facto da validade externa ser, por isso, limitada. No entanto, pode-se considerar um grupo representativo para o grupo de alunos das Ciências Empresariais. Este aspeto não condiciona a investigação, visto que um dos seus objetivos são também práticos. Neste sentido, e tendo em conta as vantagens associadas ao método dos estudos de casos, intenta-se também construir conhecimento para que a instituição de ensino superior em estudo melhor conheça os seus alunos e perceba, em profundidade, qual a sua propensão empreendedora. Em adição, contribui para adaptar as suas iniciativas neste campo, de forma não só a fomentar a intenção empreendedora, como estimular o interesse nesta área de estudo, tão relevante para a economia e sociedade. Além do mais, a generalização também não é uma exigência da abordagem metodológica selecionada, i.e., o estudo de caso.

4.3. Procedimentos Metodológicos

A metodologia proporciona legitimidade ao estudo e permite que, cientificamente, a investigação se torne consistente, alcançando conclusões (Quivy & Campenhoudt, 1998). Na presente investigação procedeu-se à realização de um estudo de caso. De acordo com Sátyro e Albuquerque (2020) os estudos de caso caracterizam-se por se centrarem na análise interna de um caso ou situação concreta. Os estudos de caso estudam, ainda, fenómenos contemporâneos, no âmbito da sua vida real. (Yin, 1994).

4.3.1. Os Instrumentos de Recolha de Dados

Quanto ao modelo de investigação, o mesmo teve como intuito analisar o perfil dos estudantes do ISCAL, de modo a correlacionar esses mesmos dados com as variáveis contempladas no design de investigação, anteriormente apresentado (intenção de se iniciar um negócio, género, curso frequentado e grau de ensino) e analisar as dimensões do Inventário de Avaliação do Potencial Empreendedor (IAPE), de Santos et al. (2014); e, ainda, compreender qual o grau de aproveitamento e participação dos estudantes nas iniciativas e ações no âmbito do empreendedorismo desenvolvidas pelo ISCAL. No que concerne à recolha de dados, seguiram-se duas abordagens: qualitativa e quantitativa.

No que concerne à abordagem qualitativa, realizaram-se 6 entrevistas, cujo objetivo foi compreender determinados aspetos do fenómeno estudado. Assim, foi possível complementar as pistas do trabalho sugeridas pelas leituras efetuadas na parte teórica, refletir sobre as questões e hipóteses de investigação e, ainda, descobrir novas perspetivas que surgem no contacto humano (Quivy & Campenhoudt, 1998).

As entrevistas foram efetuadas a diferentes informadores privilegiados do ISCAL, isto é, a interlocutores afetos e com conhecimento relativo às iniciativas empreendedoras, desenvolvidas pela instituição em estudo, designadamente: a Tutora no ISCAL para os programas do empreendedorismo do IPL (Poliempreende/ACE Challenge), o Presidente do ISCAL; o Diretor da Licenciatura em Gestão, bem como do Mestrado em Gestão e Empreendedorismo; o Presidente da Associação de Estudantes; o Diretor da Licenciatura em Comércio e Negócios Internacionais; e a Subdiretora da Licenciatura em Gestão. Segundo Batista, Matos e Nascimento (2017), a entrevista consiste numa forma de interação entre duas ou mais pessoas, na qual o entrevistador procura dados concretos fornecidos pelo entrevistado. A técnica utilizada foi a entrevista semi-estruturada, a qual combina perguntas fechadas e abertas, para além de que o entrevistado tem liberdade para responder conforme lhe aprouver nas questões abertas. A grelha (apêndice A) e o guião da entrevista (apêndice B) foram também resultantes do enquadramento teórico pré-existente, sendo que a sua construção é descrita no sub-capítulo seguinte.

Em conclusão, a presente investigação consiste numa análise exploratória-descritiva, quanto à natureza do problema. Procurou-se descrever o potencial empreendedor em contexto, uma vez que ainda não existem muitos estudos nesta problemática, em Portugal. Quanto ao papel da teoria no processo de investigação, o estudo é marcadamente hipotético-dedutivo partindo de um enquadramento teórico pré-existente. Recolheram-se dados qualitativos, através das

entrevistas, e quantitativos, através de um inquérito por questionário assumindo, assim, natureza mista. Seguiu-se o pano de fundo metodológico do estudo de caso, recolhendo-se informações de diversos interlocutores, cruzando-se também duas técnicas de recolha e análise de dados; fazendo-se assim a triangulação dos mesmos, como sugerido por Yin (1994), a propósito desta metodologia.

Quanto à abordagem quantitativa recorreu-se a inquéritos por questionário, mediante os quais foi possível conhecer a população em estudo. Nesta investigação, a amostra é não probabilística e intencional/por conveniência. Os participantes foram selecionados, por um lado, tendo em conta os objetivos de investigação previamente definidos e, também, segundo critérios de disponibilidade, acessibilidade e proximidade aos inquiridos. Segundo Quivy e Campenhoudt (1998), o método de investigação quantitativo permite reunir dados mensuráveis de diferentes variáveis a partir do universo. Quanto aos inquéritos por questionário, os mesmos têm como principal vantagem a possibilidade de efetuar análises de correlação e, assim, obter conclusões mais precisas (Laureano, 2022).

Neste estudo, os participantes foram os próprios estudantes, os quais preencheram o questionário, em sala de aula. De acordo com Quivy e Campenhoudt (1998), a estruturação de inquéritos inicia-se com a definição de uma problemática à qual a investigação visa responder. A estrutura do questionário aplicado (apêndice D) foi a seguinte:

- Iniciou-se com questões de caráter demográfico, com variáveis como o género, idade e curso frequentado pelo estudante.
- Aplicação do Inventário de Avaliação do Potencial Empreendedor (IAPE), de Santos et al. (2014), o qual foi concebido e validado para a população portuguesa. Este foi o instrumento utilizado para avaliar o potencial empreendedor, uma vez que visa compreender as características psicológicas dos indivíduos, de modo a compreender se os mesmos possuem um perfil favorável a tornarem-se empreendedores de sucesso.

Segundo Santos et al. (2014), o IAPE constitui-se não só como uma forma de o empreendedor se auto-avaliar e, assim, melhorar; como também é uma forma de compreender quais as necessidades de desenvolvimento dos estudantes neste âmbito, permitindo estimar o potencial empreendedor (Santos, Caetano, & Curral, 2010). O instrumento possui um conjunto de 33 afirmações às quais os inquiridos respondem de acordo com a seguinte escala: “*Discordo completamente*”, “*Discordo*”, “*Não discordo nem concordo*”, “*Concordo*” e “*Concordo completamente*”.

- Por fim, na abordagem quantitativa e, em concreto, no inquérito por questionários, o último conjunto de questões centrou-se em descrever as diversas iniciativas e ações no campo do

empreendedorismo desenvolvidas pelo ISCAL e, assim, aferir o grau de participação e aproveitamento dos estudantes nas mesmas. A escala utilizada foi adaptada do estudo de Schmid, Bohnenberger e Freitas (2010). Assim, a escala utilizada foi a seguinte: 0 - “*Não participam*”; 1 - “*Participam, mas pouco*”; 2 - “*Participam*”; 3 - “*Participam muito*”, no que diz respeito ao grau de participação; quanto ao grau de aproveitamento, 0 - “*Sem aproveitamento*”; 1 - “*Aproveitamento fraco*”; 2 - “*Aproveitamento suficiente*”; 3 - “*Excelente aproveitamento*”.

4.3.2. Análise de dados

No que concerne à análise dos dados quantitativos, o trabalho de campo operacionalizou-se através do IAPE que, como já mencionado, apresenta 33 itens, medidos numa escala de 5 pontos, englobados em 4 sub-dimensões. A análise dos dados foi efetuada através do *software* Microsoft Office Excel e do SPSS (*Statistical Package for Social Sciences*), os quais permitem não só organizar os dados, como também efetuar análises estatísticas.

A partir dos *softwares* referidos e, de forma a responder à questão de investigação “Como se caracteriza o potencial empreendedor do ISCAL, no grupo de estudantes das ciências empresariais?”, começou-se por responder ao primeiro objetivo de investigação, nomeadamente “Caracterizar o perfil dos estudantes da área das ciências empresariais do ISCAL” através do cálculo e comparação das médias de cada sub-dimensão e dimensão do construto do potencial empreendedor, analisando as diferenças entre géneros e licenciaturas/mestrados; complementadas com o Teste de Levene para igualdade de variâncias e com o Teste-t para igualdade de médias. Isto permitiu responder às hipóteses 1.1 e 1.2.

De modo a dar resposta ao segundo objetivo de investigação “Medir o potencial empreendedor, dos alunos do ISCAL, nas variáveis motivações empreendedoras, competências psicológicas, competências sociais e competências de gestão, de acordo com o IAPE (Santos, Caetano & Curral, 2014)”, procedeu-se ao cálculo do Índice do Potencial Empreendedor (IPE) através do Inventário de Avaliação do Potencial Empreendedor, o qual foi dividido em 5 categorias de forma a avaliar, em percentagem, o potencial empreendedor da amostra de estudantes.

Procedeu-se, ainda, à formulação do teste de significância T/Levene’s de forma a compreender se o potencial empreendedor influencia significativamente a tentativa de iniciar um negócio (hipótese 2); e realizou-se, ainda, o teste correlacional R de Pearson, para medir as relações entre variáveis e como as mesmas se comportam quando outra variável se altera.

Para responder à hipótese 3. “Espera-se a existências de uma relação significativa entre as variáveis participação e aproveitamento dos estudantes nas iniciativas afetas ao

empreendedorismo, desenvolvidas pela instituição (ISCAL) e as 4 dimensões do construto do potencial empreendedor de Santos et al. (2014).” Recorreu-se à análise da significância estatística e do coeficiente de correlação de Pearson.

Para dar resposta ao terceiro objetivo de investigação “Comparar a perceção dos docentes e dos discentes sobre a participação e aproveitamento destes, nas iniciativas do ISCAL, orientadas para o empreendedorismo, nos últimos três anos académicos” foi necessário, por um lado, incluir no questionário perguntas relativas a ações desenvolvidas pelo ISCAL no âmbito do empreendedorismo; e, por outro lado, realizar entrevistas (grelha da entrevista e guião da entrevista no apêndice A e B, respetivamente) a diferentes indivíduos afetos e com conhecimento relativamente a essas mesmas ações e iniciativas empreendedoras.

De acordo com Bardin (2009), a codificação do material de uma entrevista consiste em transformar dados em bruto de um texto, por recorte, agregação ou enumeração, de forma a esclarecer o analista relativamente ao conteúdo. Neste sentido, transcreveu-se a gravação das entrevistas (apêndice C). Posteriormente, de acordo com as respostas dos entrevistados, as mesmas foram sintetizadas, sendo criadas grelhas de análise de conteúdo (apêndice E), dando origem às respetivas tabelas categoriais, organizadas em 4 categorias principais: 1. listar ações/atividades/iniciativas empreendedoras conhecíveis pelos entrevistados; 2. identificar os contributo das atividades listadas no fomento de competências empreendedoras; 3. Circunscrever a perceção dos entrevistados relativamente ao grau de participação dos discentes; e, 4. Classificar o aproveitamento dos alunos nas iniciativas empreendedoras e respetivos fundamentos para as avaliações dadas. Estas categorias, por sua vez, refletem os objetivos do estudo qualitativo.

Em seguida, de forma a melhor analisar as avaliações dadas pelos entrevistados relativamente ao grau de participação e aproveitamento dos alunos nas iniciativas empreendedoras, foi criada uma grelha de conteúdo da entrevista (apêndice A). Esta, contemplou 3 itens de análise: uma primeira coluna designada de “Categoria”, relativamente às iniciativas e ações empreendedoras desenvolvidas pelo ISCAL; uma segunda coluna de “Enumeração” onde se listaram, precisamente, todas as ações e iniciativas no âmbito empreendedor desenvolvidas pelo ISCAL, e identificadas previamente pela investigadora. Adicionalmente, acrescentaram-se as iniciativas também identificadas pelos entrevistados. As codificações incidiram no “Entrevistado”, com um número correspondente a cada um destes; e, uma última coluna designada de “Avaliação”, onde se colocaram todas as avaliações dos entrevistados relativamente à perceção sobre a participação e aproveitamento dos estudantes, nas iniciativas empreendedoras do ISCAL.

Efetuuou-se também um quadro comparativo, com o objetivo de facilitar a análise de conteúdo (apêndice F) com todas as respostas, dos entrevistados e dos discentes, no que concerne ao grau de participação, e respetivo nível de aproveitamento dos alunos, em iniciativas desenvolvidas pelo ISCAL, no âmbito do empreendedorismo.

De forma que a análise qualitativa fosse rigorosa e fidedigna, desenhou-se uma tabela de frequências (absolutas e relativas), bem como a análise da média das respostas dadas, aos diferentes itens relativos ao grau de participação e aproveitamento dos alunos, nas ações empreendedoras desenvolvidas pelo ISCAL. Neste sentido, foi também efetuado um teste de significância (t), de modo a comparar as médias. Importa mencionar que a análise dos dados foi efetuada através do *software* SPSS e do Microsoft Office Excel.

Capítulo V – Estudo de Caso

Neste capítulo, apresenta-se a descrição dos dados obtidos no estudo qualitativo, recolhidos por intermédio de entrevistas, e no estudo quantitativo, recolhidos por meio de inquéritos por questionário. Procurou-se sintetizar os principais resultados, nomeadamente mediante o desenho de tabelas, de forma a expor-se uma visão geral dos dados, com o intuito de se fazer uma ponte para o capítulo VI, onde se discutem os resultados obtidos, no que respeita às hipóteses de investigação e resposta aos objetivos e à questão de investigação.

5.1. Descrição dos Dados: Perfil sócio-demográfico dos participantes

O presente estudo inclui uma amostra de 204 estudantes do Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Lisboa, dos quais 52,5% são do sexo masculino e 47,5% do sexo feminino. A média de idades dos inquiridos encontra-se no intervalo dos 20 aos 24 anos (54%, DP = 1,47), onde 6,3% são, atualmente, proprietários de uma empresa. Dos 204 inquiridos 39% frequentam a licenciatura em Gestão, 35% a licenciatura em Comércio e Negócios Internacionais, 10% o mestrado em Gestão e Empreendedorismo, 9% o mestrado em Controlo de Gestão e Avaliação de Desempenho e, por fim, 7% frequentam o mestrado em Gestão das Instituições Financeiras. A tabela 5.1.1 descreve os dados observados na amostra de 204 participantes:

Tabela 5.1.1 - Descrição da amostra

Género	%	Idade (média)	%	Proprietários de empresa(s)	%	Curso frequentado	%
Masculino	52,5%	20-24	54%	Sim	6,3%	Licenciatura em Gestão	39%
Feminino	47,5%					Licenciatura em Comércio e Negócios Internacionais	35%
						Mestrado em Gestão e Empreendedorismo	10%
						Mestrado em Controlo de Gestão e Avaliação de Desempenho	9%
						Mestrado em Gestão das Instituições Financeiras	7%

5.2. Estudo Qualitativo: Participação e aproveitamento dos estudantes nas atividades e iniciativas empreendedoras da instituição

Tendo em conta o terceiro objetivo do presente trabalho, procurou-se compreender a perceção (em primeiro lugar da organização/docentes, e depois dos estudantes) sobre a participação e aproveitamento dos alunos nas diferentes atividades e iniciativas vocacionadas para o empreendedorismo desenvolvidas pela instituição de ensino. Esta dimensão do estudo foi aferida tanto nos dados quantitativos, como qualitativos. Para o cumprimento deste objetivo, em primeiro lugar, realizaram-se um conjunto de entrevistas, a um grupo de interlocutores considerados privilegiados neste tópico, nomeadamente: o presidente da instituição, os diretores dos cursos da área das ciências empresariais (1º e 2º ciclo), a tutora do ISCAL para os projetos de empreendedorismo nos programas do Instituto Politécnico de Lisboa (IPL) e o presidente da associação de estudantes. Tendo um guião de entrevista pré-definido, mas semi-estruturado (ver apêndices A e B), como já se descreveu no capítulo do método, na primeira questão começou-se por solicitar aos entrevistados para listarem as principais iniciativas de empreendedorismo desenvolvidas no ISCAL.

A partir da tabela 5.2.1, que lista as ações empreendedoras apontadas pelos entrevistados, foi possível integrar posteriormente esta listagem no questionário a aplicar aos alunos; permitindo, deste modo, uma comparação entre a perceção dos docentes e dos discentes, sobre a participação e aproveitamento destes últimos, nas iniciativas do ISCAL, orientadas para o empreendedorismo, nos últimos três anos académicos. A escala utilizada, quer pelos entrevistados na questão 3 da entrevista, quer pelos estudantes, no questionário, para avaliar o grau de participação e aproveitamento em atividades empreendedoras foi a seguinte: 0 - “*Não participam*”; 1 - “*Participam, mas pouco*”; 2 - “*Participam*”; 3 - “*Participam muito*”, no que diz respeito ao grau de participação; quanto ao grau de aproveitamento, 0 - “*Sem aproveitamento*”; 1 - “*Aproveitamento fraco*”; 2 - “*Aproveitamento suficiente*”; 3 - “*Excelente aproveitamento*”.

Desta forma, na tabela 5.2.1 é possível observar as diferentes ações/atividades empreendedoras apontadas pelos entrevistados, registadas pela contagem frequencial, decorrente da análise de conteúdo.

Tabela 5.2.1 – Frequência das iniciativas empreendedoras listadas

Ações/atividades empreendedoras	Frequência
Disciplinas e trabalhos académicos sobre empreendedorismo/criação de negócios	5 (E1; E2; E3; E5; E6)
Desenvolvimento de projetos/ideias relacionados com a abertura de negócios	2 (E1; E2)
Participação no Poliemprende/Ace Challenge	4 (E1; E2; E3; E5)
Seminários sobre empreendedorismo	6 (E1; E2; E3; E4; E5; E6)
Palestras/Workshops	5 (E1; E2; E4; E5; E6)
Formações de Soft Skills	3 (E1; E2; E4)

Fonte: Dados recolhidos nas entrevistas

*E - Entrevistado

De acordo com os entrevistados, as atividades e iniciativas empreendedoras que se destacam, na instituição em estudo, foram:

- Disciplinas e trabalhos específicos sobre empreendedorismo na licenciatura em Gestão (disciplina optativa no último semestre do 3º ano), Comércio e Negócios Internacionais (disciplina obrigatória designada “Seminário sobre Empreendedorismo e Casos de Sucesso” no último semestre do 3º ano) e mestrado em Gestão e Empreendedorismo.
- O programa Poliemprende, que consiste num concurso de ideias de negócios, tendo sido dinamizado pelos Institutos Politécnicos Portugueses, o qual o IPL integrou. Numa primeira fase, em concurso regional, eram avaliadas e selecionadas as melhores ideias/projetos entre as 8 escolas que integram o Politécnico de Lisboa. Entre essas 8 escolas, sairia o projeto vencedor que representaria o IPL a nível nacional. Nos últimos anos, o IPL criou um concurso interno, que substituiu o concurso do Poliemprende, o ACE Challenge - Academia de Inovação, Criatividade e Empreendedorismo (ACE), em articulação com a Federação Académica do IPL e empresas parceiras, procurando promover atividades direcionadas para o empreendedorismo e de avaliação do risco, estimulando nos alunos espírito de iniciativa (IPL, s.d.).
- Apoio a projetos relacionados com a abertura de negócios e seguimento dessas ideias para o programa Poliemprende, como candidaturas a concursos e incubação de empresas.
- Seminários, com reuniões recorrentes, onde o tema específico a abordar é o empreendedorismo, no qual os presentes são convidados a participar, onde se destaca “A escola como incubadora de ideias” ocorrido em 2016, “Como alcançar o real sucesso empreendedor?” que ocorreu em 2019, entre outros.

- Palestras onde entidades dão a conhecer as suas empresas e/ou projetos empreendedores, como por exemplo a Management Talks 2020 e Formações de Soft Skills, dinamizadas pelo Gabinete de Relações Externas e Saídas Profissionais, de acordo com a Tutora do Poliempreende/ACE Challenge no ISCAL/IPL. Neste sentido, em 2022, existiu uma academia de soft skills, com 8 seminários, nos quais as vagas foram preenchidas em 24 horas, o que revela o interesse crescente dos alunos face a estas temáticas, segundo a Presidência do ISCAL.

Estas atividades foram incluídas no questionário de modo a analisar o grau de participação e aproveitamento dos alunos, já que, segundo os entrevistados, estas foram as atividades de maior relevância no âmbito do empreendedorismo desenvolvidas pelo ISCAL nos últimos 3 anos.

De acordo com os 6 entrevistados, e como será possível compreender no capítulo da discussão de resultados e resposta à questão e hipóteses de investigação, é unânime que as atividades e iniciativas desenvolvidas pelo ISCAL, no âmbito do empreendedorismo, são cruciais para o desenvolvimento de competências empreendedoras e, inclusivamente, do despertar do interesse e atenção para o empreendedorismo. Segundo os entrevistados, estas ações complementam a formação dos estudantes para além do que está formalizado nos currículos, sendo uma mais-valia para que a integração dos alunos no mercado de trabalho seja mais eficaz, quer no âmbito do empreendedorismo ou do intra-empreendedorismo.

Os entrevistados consideraram também que, no que concerne às atividades/iniciativas desenvolvidas no âmbito do empreendedorismo, quando as mesmas são obrigatórias e nas quais a participação está condicionada pela avaliação, a participação tende a ser maior, e o aproveitamento entre suficiente a satisfatório. Já em atividades voluntárias, a participação tende a ser reduzida, porém com ótimo aproveitamento. Os entrevistados destacaram, por exemplo, as diversas solicitações que são feitas aos estudantes para participarem nas várias ações desenvolvidas, contudo, aspetos como as limitações temporais, muitas vezes, impedem-nos de participar. Outros, destacam a falta de condições estruturais da instituição em estudo para o desenvolvimento completo deste tipo de atividades empreendedoras e, também, a cultura organizacional pouco favorável ao desenvolvimento de dinâmicas empreendedoras.

Através da análise da tabela 5.2.2, é possível observar que a amostra “Não participou” em 48,63% das atividades, sendo que, em seguida, a maior percentagem correspondeu a “Participei”, em 26,37% das iniciativas. Contudo, ao realizar uma análise mais detalhada, observou-se que foi na participação em disciplinas e trabalhos académicos específicos sobre empreendedorismo/criação de negócios que os alunos participaram muito (9,31%). Por outro lado, foi no Poliempreende/ACE Challenge que os estudantes menos participaram (91,18%).

Tabela 5.2.2 – Grau de participação nas iniciativas orientadas para o empreendedorismo

	Não participei		Participei, mas pouco		Participei		Participei muito		
	N	%	N	%	N	%	N	%	
Disciplinas e trabalhos acadêmicos específicos sobre empreendedorismo/ criação de negócios	58	28,43%	38	18,63%	89	43,63%	19	9,31%	
Desenvolvimento de projetos/ideias relacionados com a abertura de negócios	78	38,24%	47	23,04%	62	30,39%	17	8,33%	
Participação no Poliempreende / ACE Challenge	186	91,18%	12	5,88%	6	2,94%	00	00,00%	
Seminários sobre empreendedorismo	105	51,47%	37	18,14%	51	25,00%	11	5,39	
Palestras/ Workshops onde entidades dão a conhecer as suas empresas e/ou projetos empreendedores	69	33,82%	56	27,45%	61	29,90%	18	8,82%	
	N = 204		48,63%		18,63%		26,37%		6,37%

Quanto à percepção de aproveitamento, representada na tabela 5.2.3, apesar da fraca participação na maioria das atividades e iniciativas afetas ao empreendedorismo desenvolvidas pelo ISCAL, 56,55% da amostra considerou que o seu aproveitamento é suficiente na generalidade das iniciativas e 19,48% afirmou ter um aproveitamento muito elevado. Analisando percepção de retenção de conhecimentos e aprendizagens que os alunos poderão utilizar atual ou futuramente no âmbito pessoal e/ou profissional, foi na atividade “Palestras/ Workshops” que os estudantes consideraram ter um excelente aproveitamento (29,20%).

Tabela 5.2.3 – Grau de aproveitamento nas atividades orientadas para o empreendedorismo

	Sem aproveitamento		Aproveitamento fraco		Aproveitamento suficiente		Elevado aproveitamento		
	N	%	N	%	N	%	N	%	
Disciplinas e trabalhos acadêmicos específicos sobre empreendedorismo/ criação de negócios	2	1,34%	23	15,44%	96	64,43%	28	18,79%	
Desenvolvimento de projetos/ideias relacionados com a abertura de negócios	6	4,69%	20	15,63%	80	62,50%	22	17,19%	
Participação no Poliempreende / ACE Challenge	7	31,82%	7	31,82%	7	31,82%	1	4,55%	
Seminários sobre empreendedorismo	6	5,88%	21	20,59%	61	59,80%	14	13,73%	
Palestras/ Workshops onde entidades dão a conhecer as suas empresas e/ou projetos empreendedores	4	2,92%	32	23,36%	61	44,53%	40	29,20%	
	N = 181		4,68%		19,29%		56,55%		19,48%

Em seguida, procedeu-se à análise do terceiro e último objetivo de investigação “Comparar a perceção dos docentes e dos discentes sobre a participação e aproveitamento destes, nas iniciativas do ISCAL, orientadas para o empreendedorismo, nos últimos três anos académicos.”.

Tabela 5.2.4 – Comparação entre a avaliação dos entrevistados e dos discentes face ao grau de participação e aproveitamento nas atividades/iniciativas no âmbito do empreendedorismo

		Participação					Aproveitamento			
		Avaliação Entrevistados		Avaliação Discentes			Avaliação Entrevistados		Avaliação Discentes	
		N	%	N	%		N	%	N	%
Disciplinas e trabalhos académicos específicos sobre empreendedorismo / criação de negócios	Não participei	1	20%	58	28,43%	Sem aproveitamento	1	20%	2	1,34%
	Participei, mas pouco	1	20%	38	18,63%	Aproveitamento fraco	1	20%	23	15,44%
	Participei	3	60%	89	43,63%	Aproveitamento suficiente	3	60%	96	64,43%
	Participei muito	0	0%	19	9,31%	Elevado aproveitamento	0	0%	28	18,79%
Desenvolvimento de projetos/ideias relacionados com a abertura de negócios	Não participei	3	75%	78	38,24%	Sem aproveitamento	0	0%	6	4,69%
	Participei, mas pouco	1	25%	47	23,04%	Aproveitamento fraco	2	50%	20	15,63%
	Participei	0	0%	62	30,39%	Aproveitamento suficiente	2	50%	80	62,50%
	Participei muito	0	0%	17	8,33%	Elevado aproveitamento	0	0%	22	17,19%
Participação no Poliemprende / ACE Challenge	Não participei	4	100%	186	91,18%	Sem aproveitamento	1	25%	7	31,82%
	Participei, mas pouco	0	0%	12	5,88%	Aproveitamento fraco	0	0%	7	31,82%
	Participei	0	0%	6	2,94%	Aproveitamento suficiente	3	75%	7	31,82%
	Participei muito	0	0%	0	0,00%	Elevado aproveitamento	0	0%	1	4,55%
Seminários sobre empreendedorismo	Não participei	1	20%	105	51,47%	Sem aproveitamento	1	20%	6	5,88%
	Participei, mas pouco	3	60%	37	18,14%	Aproveitamento fraco	2	40%	21	20,59%
	Participei	1	20%	51	25,00%	Aproveitamento suficiente	2	40%	61	59,80%
	Participei muito	0	0%	11	5,39%	Elevado aproveitamento	0	0%	14	13,73%
Palestras/ Workshops/ Formações de Soft Skills	Não participei	1	20%	69	33,82%	Sem aproveitamento	1	20%	4	2,92%
	Participei, mas pouco	2	40%	56	27,45%	Aproveitamento fraco	2	40%	32	23,36%
	Participei	2	40%	61	29,90%	Aproveitamento suficiente	2	40%	61	44,53%
	Participei muito	0	0%	18	8,82%	Elevado aproveitamento	0	0%	40	29,20%

A tabela 5.2.4 comparar a avaliação dos entrevistados e dos discentes face ao grau de participação e aproveitamento dos alunos nas atividades desenvolvidas pela instituição de ensino superior em estudo. Na tabela mencionada observam-se células destacadas a cinza, que enfatizam os valores mais elevados observados entre entrevistados e estudantes.

Detalhadamente, conclui-se que na atividade “Disciplinas e trabalhos acadêmicos específicos sobre empreendedorismo/criação de negócios” quer a amostra de entrevistados, quer a amostra de alunos inquiridos respondeu em concordância. Tal significa que os docentes mostraram a percepção de que os estudantes participavam na atividade (não participavam muito, nem participavam pouco), o que foi precisamente ao encontro das respostas dadas pelos alunos. Também nesta atividade, a percepção dos docentes quanto ao aproveitamento suficiente (60%) se coaduna com as respostas da amostra de estudantes, que responderam o mesmo.

Na atividade “Desenvolvimento de projetos/ideias relacionados com a abertura de negócios”, a percepção dos docentes e dos discentes quanto à participação e aproveitamento foi, novamente, a mesma. Os docentes mencionaram nas entrevistas que, apesar da percepção de participação neste tipo de iniciativas ser fraca, quando os alunos participam, o aproveitamento tende a ser suficiente ou elevado, o que se revelou nas respostas aos inquéritos por questionário.

No que concerne à “Participação no Poliempreende/ACE Challenge”, segundo os docentes, dado o caráter mais específico desta iniciativa, existia a percepção de fraca participação, contudo de aproveitamento suficiente, o que se revelou ser concordante com as respostas dos estudantes.

Quanto às atividades “Seminários sobre empreendedorismo” e “Palestras/Workshops/Formações de Soft Skills” os docentes revelaram nas entrevistas a percepção de que os estudantes participavam pouco ou de modo suficiente. Contudo, os estudantes responderam, na sua maioria, que não tinham participado nestas atividades (51,47% e 33,82% respetivamente). Quanto à percepção de aproveitamento, os docentes demonstraram que acreditavam que o aproveitamento dos alunos nestas atividades era suficiente, o que se revelou verídico face às respostas dadas pelos estudantes.

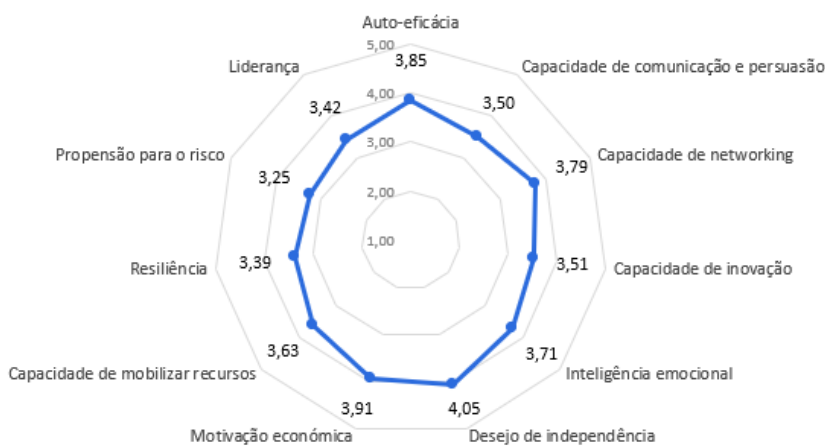
Resumidamente, a percepção de aproveitamento foi concordante, entre entrevistados e estudantes, em todas as iniciativas analisadas. Apenas nas duas últimas atividades/iniciativas no âmbito do empreendedorismo desenvolvidas pelo ISCAL, a percepção dos docentes e discentes divergiu exclusivamente quanto à participação. Tal revela que os docentes demonstram uma boa compreensão do perfil dos seus alunos quanto ao desejo, intenção e real participação em atividades e iniciativas empreendedoras e, principalmente, demonstra um elevado conhecimento quanto ao aproveitamento dos alunos nestas atividades.

5.3. Estudo Quantitativo: O Potencial empreendedor dos estudantes

Segundo Santos et al. (2010), o Inventário de Avaliação do Potencial Empreendedor é constituída por um conjunto de itens medidos numa escala de 5 pontos (1 = discordo completamente; 5 = concordo completamente), os quais espelham onze sub-dimensões do construto de potencial empreendedor.

Uma vez que um dos objetivos da presente dissertação consiste em “Caracterizar o perfil dos estudantes da área das ciências empresariais do ISCAL”, no gráfico 5.3.1 apresenta-se o perfil tipo dos estudantes da instituição, de acordo com o modelo de análise anteriormente descrito.

Gráfico 5.3.1 – Média das sub-dimensões do potencial empreendedor



No gráfico anterior observa-se que os valores médios se encontram entre o valor máximo de 4,05 (DP = 0,60) correspondente ao desejo de independência e 3,25 (DP = 0,59), valor mínimo correspondente à propensão ao risco. Importa referir que o desejo de independência engloba afirmações como “Gosto de ter poder de decisão sobre o meu futuro pessoal e profissional”, e a propensão ao risco inclui afirmações como “Para mim, o melhor plano possível é aquele que é livre de riscos”.

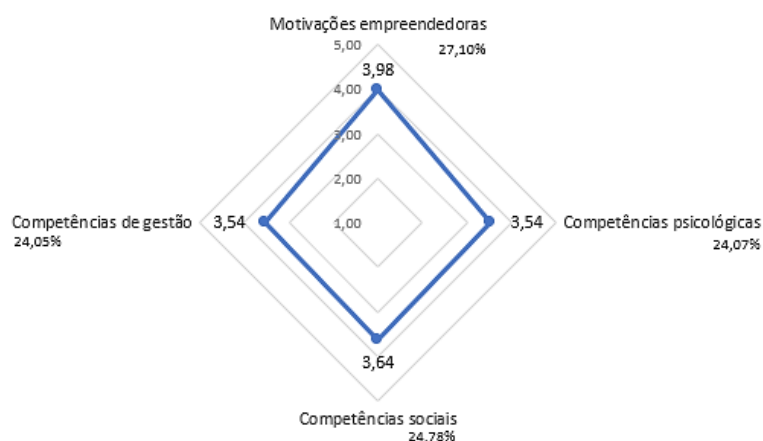
Observando também a tabela 5.3.1 constata-se ainda que o perfil dos estudantes das áreas das Ciências Empresariais do Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Lisboa se caracteriza pela menor resiliência (M = 3,39; DP = 0,54) e capacidade de liderança (M = 3,42; DP = 0,71), existindo um elevado desafio no que concerne ao desenvolvimento da propensão ao risco (M = 3,25; DP = 0,59), como elemento essencial nos negócios, em particular, e no empreendedorismo, em geral.

Tabela 5.3.1 – Média e desvio-padrão das sub-dimensões do potencial empreendedor

Sub-dimensões	Média	Desvio-padrão
Motivação Económica	3,91	,81
Desejo de independência	4,05	,60
Inteligência Emocional	3,71	,58
Capacidade de inovação	3,51	,56
Resiliência	3,39	,54
Capacidade de networking	3,79	,69
Capacidade de comunicação e persuasão	3,50	,69
Liderança	3,42	,71
Auto-eficácia	3,85	,50
Capacidade de Mobilizar Recursos	3,63	,54
Propensão ao risco	3,25	,59

Contudo, os participantes revelam também elevadas motivações económicas ($M = 3,91$; $DP = 0,81$), a par da auto-eficácia ($M = 3,85$; $DP = 0,50$), a qual se caracteriza pela convicção de que o próprio é capaz de realizar iniciativas ou tarefas específicas, bem como a capacidade de *networking* e de criação de relações sociais ($M = 3,79$; $DP = 0,69$). Estes valores médios superiores a 3,5 revelam uma rede social proeminente, podendo a mesma auxiliar os indivíduos a criarem relações com diferentes agentes relevantes à concretização dos seus objetivos. Estes objetivos são potencializados pela elevada inteligência emocional ($M = 3,71$; $DP = 0,58$), capacidade de mobilizar recursos ($M = 3,63$; $DP = 0,54$) para as diferentes iniciativas e atividades que desenvolvem, bem como os elevados valores face às motivações económicas auspiciam o desejo de sucesso e independência, as quais estimulam e são imprescindíveis à intenção e materialização da iniciativa empreendedora. É relevante aclarar que o desvio padrão (DP) consiste numa medida que expressa o grau de dispersão de um conjunto de dados. Por exemplo, no caso da variável capacidade de inovação, a média dos dados situa-se nos 3,51, o que significa que a maioria dos inquiridos respondeu “Concordo” (4 numa escala de 5), sendo o desvio padrão de 0,56. Uma vez que esta medida de dispersão varia entre 0 a 1, quanto mais próximo de 0 mais homogéneos serão os dados, o que indica que as respostas a uma determinada questão não divergiram muito de inquirido para inquirido.

5.3.2 - Média das dimensões do potencial empreendedor



Dada a relevância de interpretar as 4 principais dimensões individualmente, constata-se através do gráfico 5.3.2 que a maioria dos inquiridos - 27,10%; $M = 3,98$; $DP = 0,58$ - apresenta motivações empreendedoras mais elevadas relativamente às competências sociais – 24,78%; $M = 3,64$; $DP = 0,41$ –, às competências psicológicas – 24,07%; $M = 3,54$; $DP = 0,55$ – e às competências de gestão – 24,04%; $M = 3,54$; $DP = 0,39$. Neste sentido, quando observadas de forma agregada, todas as dimensões do potencial empreendedor apresentam valores médios superiores a 3,5 o que auspícia que os estudantes das áreas das ciências empresariais apresentam um potencial empreendedor médio. Contudo, face ao desvio padrão, as motivações empreendedoras revelam ser a dimensão com maior dispersão de dados ou respostas, o que indica que esta é a dimensão onde o conjunto de dados é menos uniforme e menos homogêneo.

Ao observar-se a tabela 5.3.2, quanto às diferenças de género, foram os inquiridos do sexo masculino que revelaram valores médios superiores relativamente às sub-dimensões e dimensões do potencial empreendedor. Observa-se que no que concerne à inteligência emocional ($M = 3,61$; $DP = 0,56$), auto-eficácia ($M = 3,86$; $DP = 0,50$) e capacidade de mobilizar recursos ($M = 3,64$; $DP = 0,53$) foram as 3 sub-dimensões onde o género feminino se destacou em valores superiores face ao género masculino, ainda que por não mais de 0,19 décimas. O valor médio mais baixo encontrado refere-se à propensão ao risco em ambos os géneros, apesar de que no género feminino o valor foi menor ($M = 3,16$) face ao género masculino ($M = 3,32$). Já o valor médio mais elevado encontrado, em ambos os géneros, refere-se ao desejo de independência, com maior preponderância no género masculino ($M = 4,11$) relativamente ao género feminino ($M = 3,99$).

Tabela 5.3.2 – Média e desvio-padrão das dimensões e sub-dimensões do potencial empreendedor por género

Dimensões e sub-dimensões	Feminino		Masculino	
	Média	Desvio-padrão	Média	Desvio-padrão
Motivação Económica	3,88	,82	3,94	,80
Desejo de independência	3,99	,55	4,11	,64
Motivações Empreendedoras	3,93	,57	4,03	,59
Inteligência Emocional	3,61	,56	3,42	,56
Capacidade de inovação	3,69	,61	3,73	,56
Resiliência	3,36	,57	3,42	,52
Competências Psicológicas	3,55	,43	3,53	,40
Capacidade de <i>networking</i>	3,73	,66	3,84	,71
Capacidade de comunicação e persuasão	3,50	,72	3,50	,66
Competências Sociais	3,62	,57	3,67	,53
Liderança	3,36	,76	3,46	,66
Auto-eficácia	3,86	,50	3,84	,50
Capacidade de Mobilizar Recursos	3,64	,53	3,62	,55
Propensão ao risco	3,16	,57	3,32	,59
Competências de Gestão	3,51	,37	3,56	,41

Ao analisarem-se as sub-dimensões agregadas nas 4 dimensões do construto do potencial empreendedor, o género masculino revelou valores médios superiores em todas as variáveis, exceto na dimensão competências psicológicas, onde foi o género feminino que apresentou maior convicção nas suas respostas ($M = 3,55$), ainda que por uma diferença de 0,02 décimas.

Quanto às diferenças estatísticas entre Licenciaturas e Mestrados (tabela 5.3.3), destaca-se a variável desejo de independência, a qual se engloba nas motivações empreendedoras, onde foram os alunos de licenciatura que revelaram valores médios superiores a 4, numa escala até 5, com destaque para a licenciatura em Comércio e Negócios Internacionais ($M = 3,99$), mas também para o mestrado em Gestão e Empreendedorismo ($M = 4,16$). Seguidamente, foram os estudantes de mestrado que apresentaram os maiores valores relativamente à propensão ao risco, com exceção do mestrado em Mestrado em Gestão das Instituições Financeiras ($M = 2,95$). Quanto à inteligência emocional, também os inquiridos do mestrado em Controlo de Gestão e Avaliação de Desempenho revelaram menor capacidade de lidar com as suas emoções ($M = 3,45$). Quanto à capacidade de inovação foi o Mestrado em Gestão e Empreendedorismo que se destacou ($M = 3,79$). Por fim, importa ainda mencionar a licenciatura em Gestão, onde os inquiridos se destacam relativamente à sua perceção de capacidade de liderança ($M = 3,53$).

Tabela 5.3.3 – Média e desvio-padrão das dimensões e sub-dimensões do potencial empreendedor por curso frequentado

Dimensões e sub-dimensões	Licenciatura em Gestão		Licenciatura em Comércio e Negócios Internacionais		Mestrado em Gestão e Empreendedorismo		Mestrado em Controlo de Gestão e Avaliação de Desempenho		Mestrado em Gestão das Instituições Financeiras	
	Média	Desvio-padrão	Média	Desvio-padrão	Média	Desvio-padrão	Média	Desvio-padrão	Média	Desvio-padrão
Motivação Económica	3,87	0,84	3,88	,80	4,02	0,82	3,87	0,81	3,93	0,73
Desejo de independência	4,07	0,61	3,99	,64	4,16	0,57	3,93	0,66	3,82	0,48
Motivações Empreendedoras	3,97	0,61	4,09	0,56	3,9	0,56	3,88	0,52	3,79	0,56
Inteligência Emocional	3,49	0,55	3,61	,56	3,55	0,57	3,45	0,76	3,47	0,41
Capacidade de inovação	3,7	0,58	3,69	,52	3,79	0,6	3,78	0,62	3,56	0,52
Resiliência	3,35	0,48	3,36	,71	3,46	0,55	3,58	0,63	3,25	0,6
Competências Psicológicas	3,51	0,4	3,6	0,41	3,61	0,53	3,43	0,38	3,4	0,31
Capacidade de networking	3,74	0,73	3,73	,71	3,89	0,62	3,87	0,65	3,63	0,62
Capacidade de comunicação e persuasão	3,37	0,69	3,50	,66	3,7	0,65	3,58	0,66	3,26	0,74
Competências Sociais	3,56	0,55	3,79	0,53	3,73	0,54	3,45	0,54	3,51	0,55
Liderança	3,53	0,72	3,36	,66	3,38	0,73	3,3	0,87	3,25	0,46
Auto-eficácia	3,79	0,49	3,86	,50	3,93	0,54	3,87	0,5	3,75	0,41
Capacidade de Mobilizar Recursos	3,57	0,48	3,64	,55	3,72	0,58	3,73	0,59	3,51	0,57
Propensão ao risco	3,27	0,53	3,16	,59	3,32	0,64	3,3	0,71	2,95	0,4
Competências de Gestão	3,54	0,39	3,59	0,41	3,55	0,47	3,36	0,29	3,44	0,29

Analisando as sub-dimensões de forma agregada, foi na dimensão motivações empreendedoras que todos os cursos se destacaram com valores médios superiores, com enfoque na licenciatura em comércio e negócios internacionais apresentou uma média de 4,09, superior aos demais cursos. Nas competências psicológicas, apenas a licenciatura em Gestão (M = 3,51) e o mestrado em Gestão das Instituições Financeiras (M = 3,40) revelaram ser esta a dimensão na qual apresentam menores valores médios, ao contrário dos restantes cursos que se destacaram nas competências de gestão, como sendo a dimensão onde apresentam menores valores médios.

De modo a melhor responder à questão de investigação “Como se caracteriza o potencial empreendedor do ISCAL, no grupo de estudantes das ciências empresariais?” e, em concreto, ao segundo objetivo de investigação “Medir o potencial empreendedor, dos alunos do ISCAL, nas variáveis motivações empreendedoras, competências psicológicas, competências sociais e competências de gestão, de acordo com o IAPE (Santos, Caetano & Curral, 2014)”, procedeu-

se ao cálculo do Índice do Potencial Empreendedor (IPE) através do Inventário de Avaliação do Potencial Empreendedor, o qual foi dividido em 5 categorias de forma a avaliar, em percentagem, o potencial empreendedor da amostra de estudantes. O cálculo é o seguinte:

$$\text{IPE} = (\text{CP} + \text{CS}) \times \text{CG} \times \text{ME}^2.$$

No qual,

- IPE = Índice do Potencial Empreendedor;
- CP = Competências Psicológicas
- CS = Competências Sociais
- CG = Competências de Gestão
- ME = Motivação Empreendedora

Os resultados brutos do IPE foram transformados em resultados estandardizados com um valor médio de 50 e um desvio-padrão de 10, segundo Cronbach, 1976 (citado por Santos, Caetano & Curral, 2010), dando origem ao IPEt, visível na tabela 5.3.4.

Tabela 5.3.4 - Médias do Índice do Potencial Empreendedor (IPE) e Índice do Potencial Empreendedor Transformado (IPEt)

	Média	Desvio-padrão
Motivação Económica	3,91	,81
Desejo de independência	4,05	,60
Inteligência Emocional	3,71	,58
Capacidade de inovação	3,51	,56
Resiliência	3,39	,54
Capacidade de networking	3,79	,69
Capacidade de comunicação e persuasão	3,50	,69
Liderança	3,42	,71
Auto-eficácia	3,85	,50
Capacidade de Mobilizar Recursos	3,63	,54
Propensão ao risco	3,25	,59
IPE	425,22	174,63
IPEt	37,52	17,46

Segundo esta transformação de dados e com a distribuição dos valores do IPE, foram criadas cinco categorias. Assim, indivíduos que revelem “um IPE: (a) com um desvio-padrão inferior ou superior ao valor médio encontram-se no agrupamento médio; (b) com um desvio-padrão duas vezes acima ou abaixo do valor médio encontram-se no agrupamento elevado ou reduzido, respetivamente; (c) acima ou abaixo de três desvios-padrão do valor médio encontram-se no agrupamento muito elevado ou muito reduzido, respetivamente.” (Santos, Caetano, & Curral, 2010). A comparação dos valores médios do IPEt e a sua distribuição por categorias para os estudantes é apresentada na tabela 5.3.5.

Tabela 5.3.5 - Médias do Índice do Potencial Empreendedor (IPE) e percentagem distribuída por classes

	Média	Desvio-padrão	IPEt				
			0 – 19% Muito Reduzido	20 – 39% Reduzido	40 – 59% Médio	60 – 79% Alto	80 – 100% Muito Alto
Estudantes N = 204	37,52	17,46	15,07%	41,91%	33,51%	7,20%	2,31%
Licenciatura em Gestão N = 80	36,78	18,04	18,62%	37,5%	33,67%	6,38%	3,83%
Licenciatura em Comércio e Negócios Internacionais N = 71	41,84	17,85	8,33%	36,49%	40,80%	12,64%	1,44%
Licenciaturas	38,58	18,02	13,2%	40,4%	35,1%	8,6%	2,6%
Mestrado em Gestão e Empreendedorismo N = 20	36,3	17,54	5,10%	60,20%	20,41%	10,20%	5,10%
Mestrado em Controlo de Gestão e Avaliação de Desempenho N = 19	31,14	13,33	16,13%	52,69%	31,18%	0,00%	0,00%
Mestrado em Gestão das Instituições Financeiras N = 14	30,25	12,25	28,99%	42,03%	28,99%	0,00%	0,00%
Mestrados	34,51	15,52	17,0%	43,4%	32,08%	5,7%	1,9%

Analisando em detalhe a tabela 5.3.5, de acordo com as licenciaturas e mestrados frequentados pela amostra de estudantes, verifica-se que os alunos do Mestrado em Gestão das Instituições Financeiras revelam o valor médio de IPEt mais baixo ($M = 30,25$), apesar de todos os cursos apresentarem uma média abaixo de 50. Resumidamente, observa-se que existe uma maior percentagem de indivíduos com um IPEt reduzido (41,91%) do que um IPEt médio (33,51%), elevado (7,20%) ou, inclusivamente, muito reduzido (15,07%).

Estes resultados podem parecer incongruentes, uma vez que, como observado, as 4 dimensões do construto do potencial empreendedor revelaram valores médios superiores a 3,5 (numa escala de 5), nomeadamente: $M = 3,98$ nas motivações empreendedoras; $M = 3,54$ nas competências psicológicas; $M = 3,64$ nas competências sociais; $M = 3,54$ competências de gestão. Contudo, é importante lembrar que, de acordo com o cálculo do IPE (que dá origem ao IPEt), a preponderância dada a cada dimensão é diferente, o que agregado à média de 50 e desvio-padrão de 10 leva a valores distintos dos observados.

Assim, os estudantes que frequentam o Mestrado em Gestão e Empreendedorismo foram os que revelaram valores de IPEt mais discrepantes, nomeadamente, foram a parte da amostra com valores mais elevados de IPEt reduzido (60,20%), porém também foram os que revelaram ter no seu grupo de estudantes indivíduos com maior potencial empreendedor (elevado 10,20% e

muito elevado 5,10%). No agrupamento muito reduzido foram os estudantes do Mestrado em Gestão das Instituições Financeiras revelaram um IPEt mais baixo (28,99%). Já no agrupamento reduzido destaca-se também o mestrado em Controlo de Gestão e Avaliação de Desempenho (52,69%). No agrupamento médio e elevado destaca-se a licenciatura em Comércio e Negócios Internacionais (40,80% e 12,64%, respetivamente).

Em traços gerais, se se proceder aos cálculos, observa-se que a amostra de indivíduos que frequentam licenciaturas possui um potencial empreendedor médio, alto e muito alto de 46,30%, superior face àqueles que frequentam os mestrados, cuja média de IPEt médio, alto e elevado é de 36,68%.

Capítulo VI – Análise das hipóteses de investigação

A fim de responder às hipóteses de investigação procede-se, em seguida, à análise das mesmas. Os dados quantitativos e qualitativos obtidos da investigação foram alvo de diferentes análises, o que permitiu aferir se as respetivas hipóteses de investigação são aceites ou rejeitadas de acordo com a análise estatística.

Hipótese 1. Espera-se que as dimensões do potencial empreendedor dos alunos do ISCAL apresentem diferenças estatisticamente significativas em relação ao género e grau de ensino frequentado (1º ciclo e 2º ciclo).

De forma a responder à hipótese 1, optou-se por subdividir a mesma nas hipóteses 1.1 e 1.2.

Hipótese 1.1. Espera-se que as dimensões do potencial empreendedor dos alunos do ISCAL apresentem diferenças significativas em relação ao género.

Para melhor compreender e responder à hipótese 1.1., recorreu-se à elaboração do teste-t para a igualdade das médias, através do teste de Levene (tabela 6.1). Este último, que analisa a homogeneidade de variâncias, revelou que em todas as variáveis do potencial empreendedor a significância (p) é superior a 0,05, o que indica que as variâncias são semelhantes nos dois grupos (género feminino e masculino). Neste sentido, assumindo-se a homogeneidade das variâncias, optou-se por analisar os valores de *Equal variances assumed* no test T.

Tabela 6.1 – Significância entre Potencial empreendedor e Género

		Teste de Levene para igualdade de variâncias		Teste-t para Igualdade de Médias			
		Z	Sig.	t	df	Sig. (2-tailed)	Diferença média
Motivações Empreendedoras	Variâncias iguais assumidas	0,000	0,992	-1,149	202	0,252	-0,09349
	Variâncias iguais não assumidas			-1,151	201,103	0,251	-0,09349
Competências Psicológicas	Variâncias iguais assumidas	0,449	0,504	0,442	202	0,659	0,02553
	Variâncias iguais não assumidas			0,441	196,490	0,660	0,02553

Competências Sociais	Variâncias iguais assumidas	0,133	0,716	-0,659	202	0,511	-0,05077
	Variâncias iguais não assumidas			-0,657	196,796	0,512	-0,05077
Competências de Gestão	Variâncias iguais assumidas	1,248	0,265	-0,976	202	0,330	-0,05368
	Variâncias iguais não assumidas			-0,981	201,998	0,328	-0,05368

Os resultados para Motivações Empreendedoras ($p = 0,252$), Competências Psicológicas ($p = 0,659$), Competências Sociais ($p = 0,511$) e Competências de Gestão ($p = 0,330$) indicam que: $p = >0,05$, logo não se rejeita H_0 , existindo uma evidência significativa contra H_1 . Tal significa que não existem diferenças significativas entre os valores médios obtidos entre os grupos. Contudo, como mencionado, o género masculino revelou maior convicção nas suas respostas, destacando-se ligeiramente com valores médios superiores.

Hipótese 1.2. Espera-se que as dimensões do potencial empreendedor dos alunos do ISCAL apresentem diferenças significativas entre o grau de ensino frequentado.

Para melhor analisar a hipótese 1.2, criaram-se dois grupos: grupo 1 licenciaturas ($N = 151$; 74,02%) e grupo 2 mestrados ($N = 53$; 25,98%). Desta forma, procedeu-se à elaboração do teste Levene que analisa a homogeneidade de variâncias (tabela 6.2).

Tabela 6.2 – Significância entre Potencial empreendedor e grau de ensino frequentado

		Teste de Levene para igualdade de variâncias		Teste-t para Igualdade de Médias			
		Z	Sig.	t	df	Sig. (2-tailed)	Diferença média
Motivações Empreendedoras	Variâncias iguais assumidas	0,012	0,915	1,391	202	0,166	0,12866
	Variâncias iguais não assumidas			1,440	97,198	0,153	0,12866
Competências Psicológicas	Variâncias iguais assumidas	0,033	0,857	-0,498	202	0,619	-0,03278
	Variâncias iguais não assumidas			-0,489	87,896	0,626	-0,03278
Competências Sociais	Variâncias iguais assumidas	1,754	0,187	1,708	202	0,089	0,14902

	Variâncias iguais não assumidas			1,631	83,999	0,107	0,14902
Competências de Gestão	Variâncias iguais assumidas	0,022	0,882	0,111	202	0,912	0,00696
	Variâncias iguais não assumidas			0,110	89,302	0,913	0,00696

A análise da tabela 6.2 revela que em todas as variáveis do potencial empreendedor a significância (p) é superior a 0,05, o que indica que as variâncias são semelhantes nos dois grupos (licenciaturas e mestrados). Neste sentido, assumindo-se a homogeneidade das variâncias, optou-se por analisar os valores de Equal variances assumed no test T para a igualdade de médias. Os resultados para Motivações Empreendedoras ($p = 0,166$), Competências Psicológicas ($p = 0,619$), Competências Sociais ($p = 0,089$) e Competências de Gestão ($p = 0,912$) indicam que:

$p = >0,05$, logo não se rejeita H_0 , o que revela que não existem diferenças significativas observadas entre licenciaturas e mestrados, apesar de, como referido, as licenciaturas apresentarem maiores valores médios de Potencial Empreendedor.

Hipótese 2. Espera-se que exista relação estatisticamente significativa entre as intenções de criar uma empresa e as dimensões do potencial empreendedor.

Na tabela abaixo (tabela 6.3) observa-se a comparação de médias entre as respostas Sim / Não à questão “Atualmente ou no futuro, individualmente ou com outras pessoas, visa tentar iniciar um novo negócio, incluindo qualquer tipo de negócio por conta própria ou venda de produtos ou serviços a terceiros?”.

Tabela 6.3 - Comparação das categorias Sim / Não da variável Intenção de iniciar um negócio face ao Potencial Empreendedor

		Intenção de iniciar um negócio		
		N	Média	Desvio-padrão
Motivações Empreendedoras	Sim	146	4,11	0,53
	Não	58	3,67	0,58
Competências Psicológicas	Sim	146	3,59	0,40
	Não	58	3,41	0,41
Competências Sociais	Sim	146	3,71	0,58
	Não	58	3,48	0,53
Competências de Gestão	Sim	146	3,58	0,38
	Não	58	3,42	0,39

A maioria dos inquiridos – 146 participantes, o que totaliza 71,57% - respondeu que tinha intenção de iniciar um negócio, não existindo diferenças significativas entre as 4 dimensões do construtor do potencial empreendedor, como se observa na tabela. Contudo, analisando com maior detalhe, depreende-se que os inquiridos que responderam “Sim” à intenção de iniciar um novo negócio apresentam, em todas as 4 dimensões do potencial empreendedor, uma média mais elevada no que concerne ao conjunto de questões que avaliaram cada dimensão. Inversamente, os indivíduos que responderam que não tinham intenção de iniciar um negócio, revelaram médias inferiores e menor convicção nas suas respostas às questões efetuadas, as quais avaliavam, por exemplo, a propensão ao risco, capacidade de inovação, liderança, entre outros. Para melhor compreender se o potencial empreendedor se relaciona significativamente com a tentativa de iniciar um negócio, procedeu-se à realização do teste T (tabela 6.4).

Tabela 6.4 – Significância entre Intenção de iniciar um negócio face às dimensões do Potencial Empreendedor

		Teste de Levene para igualdade de variâncias		Teste-t para Igualdade de Médias			
		Z	Sig.	t	df	Sig. (2-tailed)	Diferença média
Motivações Empreendedoras	Variâncias iguais assumidas	0,231	0,631	-5,084	202	<,001	-0,43261
	Variâncias iguais não assumidas			-4,884	96,708	<,001	-0,43261
Competências Psicológicas	Variâncias iguais assumidas	0,029	0,864	-2,931	202	0,004	-0,18367
	Variâncias iguais não assumidas			-2,924	104,196	0,004	-0,18367
Competências Sociais	Variâncias iguais assumidas	1,294	0,257	-2,720	202	0,007	-0,22817
	Variâncias iguais não assumidas			-2,616	96,901	0,01	-0,22817
Competências de Gestão	Variâncias iguais assumidas	0,018	0,894	-2,614	202	0,01	-0,15685
	Variâncias iguais não assumidas			-2,596	103,255	0,011	-0,15685

O teste t para a igualdade das médias, através do teste de Levene que analisa a homogeneidade de variâncias, revelou que em todas as variáveis do potencial empreendedor a significância (p) é superior a 0,05, o que indica que as variâncias são semelhantes nos dois grupos (tabela 6.4). Assumindo-se a homogeneidade das variâncias, optou-se por analisar os valores de *Equal*

variances assumed no test-T. Os resultados para Motivações Empreendedoras ($p = <0,001$), Competências Psicológicas ($p = 0,004$), Competências Sociais ($p = 0,007$) e Competências de Gestão ($p = 0,01$) indicam que:

$p = < 0,05$, logo rejeita-se a hipótese nula, o que indica que existe uma relação estatisticamente significativa para um intervalo de 95% de confiança entre as dimensões do potencial empreendedor e o desejo de iniciar um negócio, na amostra de indivíduos que responderam “Sim” e “Não”.

Ainda assim, na tabela 6.5, foi necessário recorrer ao coeficiente de correlação de Pearson, de forma a melhor compreender a associação e intensidade da relação das variáveis entre si.

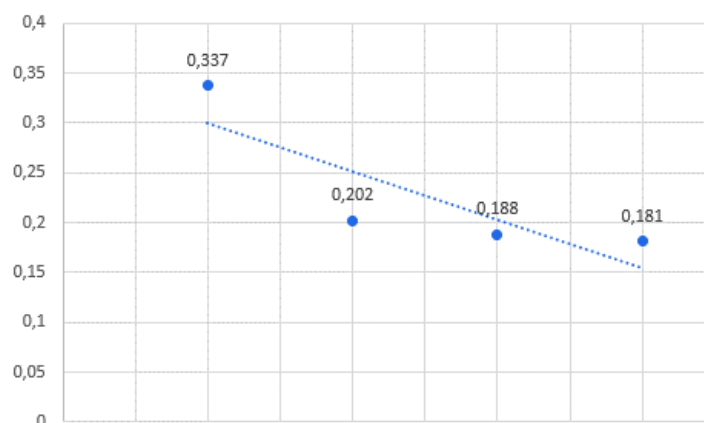
Tabela 6.5 – Correlação entre Intenção de iniciar um negócio e dimensões do Potencial Empreendedor

		Intenção de iniciar um negócio	Motivações Empreendedoras	Competências Psicológicas	Competências Sociais	Competências de Gestão
Intenção de iniciar um negócio	Correlação de Pearson	1	0,337**	0,202**	0,188**	0,181**
	Sig. (-2 tailed)		<,001	0,004	0,007	0,01
	N	204	204	204	204	204

** A correlação é significativa no nível 0,01 (2 extremidades).

O nível de significância de cada dimensão do potencial empreendedor é, como esperado, igual ao da tabela anterior. Contudo, observa-se que os valores do coeficiente de correlação de Pearson são positivos (>0) nas Motivações Empreendedoras ($r = 0,337$; correlação moderada), Competências Psicológicas ($r = 0,202$; correlação fraca), Competências Sociais ($r = 0,188$; correlação fraca) e Competências de Gestão ($r = 0,181$; correlação fraca). Tais valores vão ao encontro do que foi apresentado no test-t anteriormente realizado. No teste de correlação, os valores revelaram que existe uma correlação direta entre variáveis, pois quanto maior a intenção de iniciar um negócio, maiores os valores médios observados em cada uma das 4 dimensões do construto do potencial empreendedor. Contudo, apesar de superiores a 0, os valores do coeficiente de Person são próximos de 0, o que revela que as variáveis estão correlacionadas, porém não dependem de forma totalmente linear uma da outra, como revela o gráfico 6.1.

Gráfico 6.1 – Correlação da Intenção de iniciar um negócio e dimensões do PE



Tendo em consideração que 71,57% da amostra revelou intenções de iniciar um negócio, tal não coincide com o facto de que 41,91% dos inquiridos revelou reduzido potencial empreendedor, apresentado na tabela 5.3.5. Apesar do reduzido potencial empreendedor da amostra, tal não invalida o desejo de se iniciar um negócio.

Hipótese 3. Espera-se a existências de uma relação significativa entre as variáveis “participação” e “aproveitamento” dos estudantes nas iniciativas afetas ao empreendedorismo, desenvolvidas pela instituição (ISCAL) e as 4 dimensões do construto “Potencial Empreendedor” de Santos et al. (2014).

De forma a dar resposta à hipótese 3, procedeu-se à elaboração do cálculo do coeficiente de correlação de Pearson, que visa compreender se duas variáveis estão associadas estão entre si.

Tabela 6.6 – Correlação entre grau de participação e aproveitamento face às dimensões do Potencial Empreendedor

		Participação	Aproveitamento	Motivações empreendedoras	Competências Psicológicas	Competências Sociais	Competências de Gestão
Participação	Correlação de Pearson	1	0,308**	,055	,043	,078	,101
	Sig. (-2 tailed)		<,001	,435	,541	,269	,149
	N	204	204	204	204	204	204
Aproveitamento	Correlação de Pearson	,308**	1	,093	,135	,180*	,179*
	Sig. (-2 tailed)	<,001		,213	,070	,016	,016
	N	181	181	181	181	181	181

**A correlação é significativa no nível 0,01 (2 extremidades).

*A correlação é significativa no nível 0,05 (2 extremidades).

Ao observar a tabela 6.6, o grau de significância entre ambas as variáveis é reduzido ($p < 0,01$), o que indica existir uma diferença estatisticamente significativa entre os resultados. Contudo, analisando em detalhe a correlação entre a “participação” e “aproveitamento”, a mesma é positiva ($r = 0,308$), o que indica que quando o grau de participação aumenta, o grau de aproveitamento também tende a aumentar, ainda que a associação linear seja reduzida.

Relativamente à associação entre a “participação” e as 4 dimensões do construto do potencial empreendedor, o nível de significância é, em todos os casos, superior a 0,05, o que não revela uma relação significativa entre os dados, o que se reflete no coeficiente r , que revelou valores positivos entre variáveis, contudo próximos de 0, o que indica uma fraca correlação. Tal significa que não existem evidências suficientes de que, se o grau de participação nas atividades aumenta, os valores médios nas motivações empreendedoras, competências psicológicas, sociais e de gestão aumentem também, contudo é certo de que também não diminuem.

No que concerne à associação entre o “aproveitamento” e as dimensões do potencial empreendedor, nas motivações empreendedoras ($p = 0,213$; $r = 0,093$) e competências psicológicas ($p = 0,70$; $r = 0,135$), existe uma relação fraca entre as variáveis, o que é corroborado pelo coeficiente de correlação de Pearson, que nos indicou que apesar de a relação entre elas ser positiva (se uma aumenta a outra terá tendência para também aumentar), não é forte o suficiente. Contudo, ao observar a relação entre o “aproveitamento” e as competências sociais ($p = 0,16$; $r = 0,180$) ou as competências de gestão ($p = 0,16$; $r = 0,179$), apesar de o nível de significância ser superior a 0,05 e, como já foi referido, tal indica uma reduzida relação entre as variáveis, ao observar coeficiente de correlação de Pearson o mesmo revela que, nestas duas dimensões do potencial empreendedor, existe uma correlação significativa que indica que quando o grau de aproveitamento nas atividades e iniciativas afetas ao empreendedorismo aumenta, então os valores médios das competências sociais e de gestão tendem a aumentar.

Será necessário confirmar a hipótese 3 através da literatura, pois segundo os dados empíricos decorrentes da presente análise, a hipótese fica parcialmente confirmada, visto que apenas existe correlação e relação estatística significativa (ainda que fraca) entre a “participação” e “aproveitamento” e entre as “participação” e as 4 dimensões do construto do potencial empreendedor. Já a relação entre o “aproveitamento” e as dimensões do potencial empreendedor, a relação entre variáveis é fraca.

Capítulo VII – Discussão dos Resultados

A fim de responder à questão, objetivos e hipóteses de investigação procede-se, em seguida, à discussão dos resultados. Os dados quantitativos e qualitativos obtidos na investigação são agora sintetizados e comparados com as evidências empíricas anteriormente descritas e com a literatura, o que permite aferir se as respetivas hipóteses de investigação são aceites ou rejeitadas. Por fim, responder-se-á à questão de investigação.

Hipótese 1. Espera-se que as dimensões do potencial empreendedor dos alunos do ISCAL apresentem diferenças estatisticamente significativas em relação ao género e grau de ensino frequentado (1º ciclo e 2º ciclo).

A hipótese 1 (1.1. e 1.2.) relaciona-se, essencialmente, com as características sócio-demográficas da amostra. Neste sentido, foi possível concluir que 54% da amostra possui idade entre os 20 e 24 anos e desvio-padrão de (1,47), o que pode ser explicado pelo facto de que parte dos participantes são alunos de mestrado e, como tal, a idade é usualmente superior à idade dos alunos de licenciatura. Conclui-se também que relativamente às licenciaturas, dos 204 inquiridos, a maioria - 39% - frequenta a licenciatura em Gestão e, relativamente aos mestrados, a maioria - 10% - frequentam o mestrado em Gestão e Empreendedorismo.

Hipótese 1.1. Espera-se que as dimensões do potencial empreendedor dos alunos do ISCAL apresentem diferenças significativas em relação ao género.

A análise empírica, através da realização do test-t, revelou que não existem diferenças significativas entre o género feminino e masculino relativamente aos valores médios obtidos nas dimensões do potencial empreendedor. Contudo, apesar de que estatisticamente as diferenças não são significativas, concluiu-se que o género masculino apresenta ligeiramente maior potencial empreendedor em comparação com o género feminino. Face aos homens, as mulheres destacaram-se nas competências psicológicas, em concreto na inteligência emocional.

Estes dados são concordantes com a literatura e tendências atuais. Strawser, Hechavarría e Passerini (2021) concluíram nas suas investigações que as mulheres tendem a enfrentar maiores dificuldades relativamente ao processo empreendedor, o que leva à sua menor preponderância a empreender. Também o GEM (2016) e a OCDE (2022) revelaram nas suas investigações que a tendência observada era o sexo masculino empreender mais face ao sexo feminino, o que se verifica em diversos países não apenas da União Europeia e também, em concreto, em Portugal. Rosário (2007), verificou que relativamente aos estudantes universitários, o género feminino era

menos propenso à atividade empreendedora, apesar de a diferença entre o género feminino e masculino não ser extrema (23% e 31%, respetivamente).

Hipótese 1.2. Espera-se que as dimensões do potencial empreendedor dos alunos do ISCAL apresentem diferenças significativas entre o grau de ensino frequentado.

Quanto à análise empírica efetuada, apesar de os estudantes de licenciatura revelarem valores médios ligeiramente superiores nas dimensões do potencial empreendedor relativamente aos estudantes de mestrado, a análise empírica permitiu aferir que não existem diferenças significativas entre o potencial empreendedor dos estudantes de diferentes graus de ensino.

Neste sentido, a investigação de Teixeira (2009, citada por Branco, 2012), analisou o potencial empreendedor de alunos, segundo o seu grau de habilitação. Na mesma, observou-se que a amostra que frequentava o 2º ciclo de estudos (mestrado) e também o 3º ciclo (doutoramento) apresentava maior potencial empreendedor face aos estudantes do 1º ciclo de estudos (licenciatura). O estudo revelou ainda que 39,4% destes estudantes de mestrado criam efetivamente empresas, quando comparados com 15,9% dos indivíduos que possuem apenas licenciatura e criam empresas (Branco, 2012).

Estes dados não vão ao encontro dos valores obtidos na presente investigação, bem como também não vão ao encontro da investigação levada a cabo pelo IAPMEI (2007), que revelou que a maioria dos empreendedores que criam um negócio possuem apenas uma licenciatura, o que tem subjacente a possibilidade de existência de um potencial empreendedor entre os estudantes do 1º ciclo de estudos.

Hipótese 2. Espera-se que exista relação estatisticamente significativa entre as intenções de criar uma empresa e as dimensões do potencial empreendedor.

71,57% dos inquiridos respondeu que tinha intenção de iniciar um negócio. No que concerne às 4 dimensões do construtor do potencial empreendedor, o teste de Pearson revelou existir uma correlação direta entre as variáveis, porém, devido aos valores positivos mas próximos de 0, as mesmas não dependem de forma totalmente linear umas das outras. Tal indica que quanto maior a intenção de iniciar um negócio, maiores os valores observados em cada uma das 4 dimensões do construto do potencial empreendedor, o que indica também que quanto maior a intenção de iniciar um negócio, maior a probabilidade de o potencial empreendedor dos estudantes ser mais elevado. Segundo Kong, Zhao e Tsai (2020), o coeficiente de correlação entre a intenção empreendedora e o comportamento empreendedor estão significativamente correlacionados positivamente.

Currall, Santos e Caetano (2013) analisaram evidências empíricas relacionadas com as dimensões e sub-dimensões do potencial empreendedor, nomeadamente:

Nas Motivações Empreendedoras:

- Desejo de independência: Hisrich (1985, citado por Currall et al., 2013) descobriu que uma das principais motivações para iniciar um negócio era o desejo de independência. Hornaday e Aboud (1971, citado por Currall et al., 2013) analisaram 60 fundadores de empresas utilizando vários inventários de personalidade. Os resultados revelaram que os empreendedores possuem valores significativamente mais altos face à população em geral, no que respeita ao desejo de independência.

- Motivação económica: O desejo de procurar oportunidades para gerar lucro económico, ou seja, a motivação económica, tem sido apontada como uma das características mais comuns em empreendedores de sucesso. Em geral, os empreendedores consideraram obter maior lucro a trabalhar por conta própria do que a trabalhar para outros, sendo este um dos principais motivos para a intenção de criar uma empresa (segundo Alstete, 2008; Brice & Nelson, 2008, citado por Currall et al., 2013).

- Auto-eficácia empreendedora: A crença dos indivíduo na sua capacidade de alcançar um objetivo particular é importante na intenção de criar um negócio para que os empreendedores estejam confiantes nas suas habilidades para realizar tarefas diferentes e muitas vezes imprevisas, em situações incertas (Baum & Locke, 2004, citado por Currall et al., 2013).

- Capacidade de inovação: A capacidade de inovação é uma das principais características do empreendedor (de acordo com Engle, Mah & Sadri, 1997, Marvel & Lumpkin, 2007, citados por Currall et al., 2013). Embora a inovação possa ser definida como uma característica de um indivíduo, a eficácia da implementação da inovação depende de um grupo de pessoas e, como tal, é uma característica de um empreendedor e que influencia a sua intenção de criar uma empresa (Klein & Sorra, 1996 citado por Currall et al., 2013).

Nas Competências Psicológicas:

- Inteligência emocional: Investigações revelaram que os empreendedores possuem valores elevados no que se refere à inteligência emocional (Baron & Markman, 2000; Cross & Travaglione, 2003; Higgs & Dulewicz, 2003, citado por Currall et al., 2013). Estudos empíricos demonstraram que quando existe uma relação entre a inteligência emocional, atitudes empreendedoras e intenções de criar um negócio, a ação empreendedora tende a ocorrer (Currall et al., 2013).

- Resiliência: As pesquisas empíricas efetuadas por Fribourg, Hjemdal, Rosenvinge, Martinussen, Aslaksen & Flaten, 2006 (citado por Currell et al., 2013) evidenciaram que os empreendedores apresentam maiores níveis de persistência face a não empreendedores, o que faz com a intenção de criar uma empresa não seja facilmente abalada pelas dificuldades de criar um negócio.

Nas Competências Sociais:

- Persuasão e capacidade de comunicação: Eggers, Leahy e Churchill (1996, citado por Currell et al., 2013) estudaram 112 empresas, aplicando 20 escalas comportamentais que mediam a liderança do CEO e suas habilidades de gestão. Os resultados evidenciaram, por exemplo, que comunicação e delegação de tarefas estavam positivamente relacionados com o sucesso. Assim, ficou comprovado que a intenção de empreender e o facto de os empreendedores geralmente revelarem valores mais elevados nas principais variáveis psicossociais individuais (Begley & Boyd, 1987; Utsch, Rauch, Rothfuss & Frese, 1999, citados por Currell, Santos & Caetano, 2013).

- Capacidade de *networking*: A capacidade de desenvolver uma rede entre empreendedores e outros indivíduos favorece a capacidade de desenvolver uma rede social, com efeito direto na intenção e criação de empresas (Johannisson, 1988; Lee & Tsang, 2001, citado por Currell et al., 2013).

Nas Competências de Gestão:

- Visão empreendedora: Empiricamente, a capacidade de visão tem-se mostrado um preditor da intenção de empreender (Baum, Locke & Kirkpatrick, 1998, citado por Currell et al., 2013), com efeitos diretos e indiretos, essencialmente, em pequenos empreendimentos (Baum, Locke & Kirkpatrick, 1998, citado por Currell et al., 2013).

- Capacidade de Mobilizar recursos: A capacidade de reunir os recursos materiais e financeiros, de forma a gerir um empreendimento, têm sido identificados como um importante preditor do sucesso empresarial e da intenção de criar empresas, dado que estes recursos são essenciais no desenvolvimento de novos empreendimentos e facilitam a flexibilidade dos novos negócios a mudanças ambientais e contextuais (Ramachandran & Ray, 2006; Tan & Peng, 2003, citados por Currell et al., 2013).

- Capacidade de liderança: As pesquisas efetuadas acerca da liderança demonstraram que a mesma foi identificada como importante para a intenção de empreender, bem como para o processo empreendedor, pois quanto mais o indivíduo acredita nas suas capacidades de liderar,

maior a intenção de empreender. A liderança tem sido descrita como a habilidade de influenciar outros, de gerir recursos estrategicamente, a fim de enfatizar encontrar oportunidade e vantagens competitivas (Eyal & Kark, 2004, citados por Curral et al., 2013).

As investigações efetuadas em cada uma das sub-dimensões do potencial empreendedor suportam a premissa de que o potencial empreendedor está relacionado com a atividade empreendedora, sugerindo que esta ferramenta pode prever a intenção empreendedora: quanto maior for a pontuação de um indivíduo no potencial empreendedor, maior será a sua probabilidade de ser um empreendedor e de se envolver em atividades empreendedoras, ou seja, ter uma intenção empreendedora (Santos, Caetano, & Curral, 2014).

Hipótese 3. Espera-se a existência de uma relação significativa entre as variáveis “participação” e “aproveitamento” dos estudantes nas iniciativas afetas ao empreendedorismo, desenvolvidas pela instituição (ISCAL) e as 4 dimensões do construto “Potencial Empreendedor” de Santos et al. (2014).

A correlação entre as variáveis “participação” e “aproveitamento” é positiva, o que demonstra que quando o grau de participação aumenta, o grau de aproveitamento também tende a aumentar.

No que concerne à associação entre a “participação” e as 4 dimensões do potencial empreendedor, evidências empíricas revelam que não existem evidências suficientes de que, se o grau de participação nas atividades empreendedoras aumenta, os valores médios nas motivações empreendedoras, competências psicológicas, sociais e de gestão também aumentem.

No que respeita à relação entre o “aproveitamento” e as dimensões do construto do potencial empreendedor: nas motivações empreendedoras e competências psicológicas existe uma fraca relação entre variáveis, o que é confirmado pelo coeficiente de Pearson que revela que apesar de a relação entre elas ser positiva (se uma aumenta a outra tende a aumentar também), a mesma não é forte o suficiente para dizermos que existe correlação entre elas; quanto à relação entre o aproveitamento e as competências sociais ou as competências de gestão, existe uma correlação significativa, ou seja, quando o grau de aproveitamento nas iniciativas empreendedoras aumenta, os valores médios das competências sociais e de gestão tendem a aumentar.

Neste sentido foi complexo encontrar literatura que analisasse as diferentes iniciativas afetas ao empreendedorismo e as 4 dimensões do construto “Potencial Empreendedor” de Santos et al. (2014) em conjunto. Assim, optou-se por fazer uma análise às evidências empíricas teóricas

orientadas para a relação entre a variáveis “participação” e “aproveitamento” dos estudantes em iniciativas vocacionadas para o empreendedorismo.

A investigação de Testas (2014), revelou que as iniciativas relacionadas com o empreendedorismo são essenciais, dado que possuem um impacto positivo na intenção empreendedora, o que permite depreender que a participação nestas atividades também possui um impacto positivo no aproveitamento das mesmas. Nesta investigação constatou-se que os inquiridos interessados em criar empresas davam maior importância à participação e aproveitamento nas atividades vocacionadas para o empreendedorismo.

Tal coincide com os estudos de Schmidt e Bohnenberger (2008), que revelaram que a participação nas iniciativas afetas ao empreendedorismo e, conseqüentemente, o aproveitamento das mesmas pode ser crucial no desenvolvimento de negócios. Lucas (2001) indica que nas iniciativas desenvolvidas pelas instituições de ensino superior existe um contacto próximo com outros empreendedores, o que, possivelmente, motiva os alunos a seguirem o exemplo. Também na investigação de Pinto (2013) se confirma a formação de intenções empreendedoras através do estímulo ao empreendedorismo, nomeadamente através de iniciativas vocacionadas para o empreendedorismo. Assim, conclui-se que as atividades relacionadas com o empreendedorismo são cruciais para a promoção de competências empreendedoras junto dos estudantes (Bucha, 2009).

Em seguida, a tabela 7.1 resume o estado do corpo de hipóteses (aceites/rejeitadas), tendo em conta a comparação das evidências empíricas com o modelo teórico deste trabalho.

Tabela 7.1 - Estado das Hipóteses e Síntese das Evidências empíricas *Vs.* Literatura

Hipóteses		Evidências empíricas <i>Vs.</i> Literatura	Estado (Aceite/Rejeitada)
<p>H1. <i>Espera-se que as dimensões do potencial empreendedor dos alunos do ISCAL apresentem diferenças estatisticamente significativas em relação ao género e grau de ensino</i></p>	<p>H1.1. <i>Espera-se que as dimensões do potencial empreendedor dos alunos do ISCAL apresentem diferenças significativas em relação ao género.</i></p>	<p>Evidências empíricas: não existem diferenças significativas entre o género feminino e masculino.</p> <p>Evidências teóricas: Evidências empíricas confirmadas pelas investigações de Strawser, Hechavarría e Passerini (2021), Rosário (2007), GEM (2016) e OCDE (2022).</p>	<p>Rejeitada</p>
	<p>H1.2. <i>Espera-se que as dimensões do potencial empreendedor dos alunos do ISCAL apresentem</i></p>	<p>Evidências empíricas: não existem diferenças significativas entre o grau de ensino frequentado</p>	

<i>frequentedo (1º ciclo e 2º ciclo).</i>	<i>diferenças significativas entre o grau de ensino frequentado.</i>	Evidências teóricas: Evidências empíricas confirmadas pelas investigações de Teixeira (2009, citada por Branco, 2012) e IAPMEI (2007).	
H2. <i>Espera-se que exista relação estatisticamente significativa entre as intenções de criar uma empresa e as dimensões do potencial empreendedor.</i>		Evidências empíricas: Correlação direta (ainda que fraca) entre as variáveis. Evidências teóricas: Confirmado pelas investigações de Kong, Zhao e Tsai (2020) e Currell et al. (2013) citando autores como Hornaday e Aboud (1971), Alstete (2008), Baum e Locke (2004), Marvel e Lumpkin (2007), Higgs e Dulewicz (2003), Lee e Tsang (2001), entre outros.	Confirmada
H3. <i>Espera-se a existências de uma relação significativa entre as variáveis “participação” e “aproveitamento” dos estudantes nas iniciativas afetas ao empreendedorismo, desenvolvidas pela instituição (ISCAL) e as 4 dimensões do construto “Potencial Empreendedor” de Santos et al. (2014).</i>		Evidências empíricas: Correlação positiva entre as variáveis “participação” e “aproveitamento”; Fraca correlação entre a “participação” e as 4 dimensões do potencial empreendedor; Existência de correlação (fraca) entre o “aproveitamento” e as “motivações empreendedoras” e “competências psicológicas”; Correlação positiva entre “aproveitamento” e “competências sociais” e “competências de gestão” Evidências teóricas: Correlação positiva entre as variáveis “participação” e “aproveitamento” confirmada por Testas (2014), Schmidt e Bohnenberger (2008), Pinto (2013), Bucha (2009) e Lucas (2001).	Confirmada parcialmente

Analisadas as hipóteses de investigação, procede-se à resposta à pergunta de investigação “Como se caracteriza o potencial empreendedor do ISCAL, no grupo de estudantes das ciências empresariais?”, seguindo o objetivo geral da investigação “Identificar o potencial empreendedor dos estudantes, nas áreas de ciências empresariais do ISCAL”.

Começando pelo **1º objetivo de investigação** específico - Caracterizar o perfil dos estudantes da área das Ciências Empresariais do ISCAL, de acordo com a variável género e grau de ensino frequentado (Licenciatura/1º ciclo e Mestrado/2º ciclo) -, foi possível depreender que na grande maioria das características/dimensões do potencial empreendedor analisadas, a amostra apresentou características com valores superiores à média, nomeadamente no desejo de

independência, inteligência emocional, capacidade de *networking*, liderança, entre outras, com exceção da propensão ao risco e resiliência.

Verificou-se também que o género masculino apresenta maior potencial empreendedor face ao género feminino, ainda que as diferenças não sejam significativas. O género feminino destacou-se, em comparação com o género masculino, nas competências psicológicas, com destaque para a inteligência emocional. Concluiu-se ainda que não existem diferenças significativas entre o potencial empreendedor dos estudantes de licenciaturas e mestrado, apesar de que os estudantes de licenciatura revelaram valores médios ligeiramente superiores nas dimensões do potencial empreendedor face aos mestrados.

Tal revela que o perfil do potencial empreendedor é dominado, essencialmente e ainda que de forma ligeira, pelos indivíduos do sexo masculino, estudantes de licenciatura (com destaque para a licenciatura em Comércio e Negócios Internacionais, seguido do mestrado em Gestão e Empreendedorismo e da licenciatura em Gestão). Este potencial empreendedor é impulsionado maioritariamente pelas motivações empreendedoras, como as motivações económicas e desejo de independência, e pelas competências sociais, como a capacidade de comunicação, persuasão e *networking*. As competências de gestão e as competências psicológicas revelaram uma menor preponderância na amostra. Contudo, foram identificadas as dimensões do potencial empreendedor em que os alunos revelam maiores dificuldades, nomeadamente a propensão ao risco e resiliência, sendo essas as duas principais sub-dimensões do potencial empreendedor onde os estudantes demonstram maiores necessidades de desenvolvimento.

No que concerne ao **2º objetivo específico de investigação** relativamente à medição do potencial empreendedor dos estudantes das áreas das ciências empresariais do ISCAL, através do cálculo do Índice do Potencial Empreendedor, o qual dá maior relevância às motivações empreendedoras (média-alta na amostra) e às competências de gestão (média-baixa na amostra), ficou claro que a maioria dos estudantes apresenta um “muito reduzido” ou “reduzido” potencial empreendedor, o que contrasta com uma pequena parte da amostra com valores de IPE muito elevados. Se se comparar com os estudos de Santos et al. (2010) e de Cabral (2012), a amostra de estudantes do ISCAL apresenta elevados valores de IPE “Muito Reduzidos” ou “Reduzidos”, contudo, também apresenta valores médios de IPE “Alto” e “Muito alto”, superiores aos das amostras das investigações dos outros autores mencionados. Tal indica-nos que existe uma parte da amostra com um elevado potencial para desenvolver iniciativas empreendedoras, o qual deveria ser aproveitado pela instituição em estudo, uma vez que estes valores são bastante significativos, em comparação com as outras investigações já realizadas.

Relativamente aos indivíduos com IPE médio, baixo ou muito baixo, é necessário compreender que é crucial dotar estes estudantes de características empreendedoras, uma vez que as mesmas são essenciais na criação de uma nova empresa, mas também são características base em trabalhadores por conta de outrem.

Parte-se do pressuposto de que estes estudantes com reduzido IPE não têm capacidade para criarem um negócio, dado não possuírem as características essenciais necessárias (salvo se se rodeiem de outros que as possuam). Assim, a instituição de ensino em análise, de modo a formar indivíduos competentes no âmbito do desenvolvimento organizacional e com capacidade para tornarem as organizações onde trabalham relevantes, inovadoras e competitivas, deve desenvolver iniciativas específicas. Estas iniciativas devem, por um lado permitir e incentivar os alunos com elevado IPE a tornarem reais as suas ideias de negócio e, por outro lado, desenvolver atividades que forneçam e estimulem, nos estudantes com IPE reduzido, as características básicas do potencial empreendedor, cruciais a qualquer trabalhador, ainda que por conta de outrem. Estes trabalhadores que não possuem características básicas do potencial empreendedor, nomeadamente, a capacidade de auto-motivação, aspiração ao sucesso, entre outras, poderão tornar-se indivíduos que praticam o *quiet quitting*. *Quiet quitting* refere-se aos funcionários das empresas que “desistem silenciosamente”, ou seja, fazem os requisitos mínimos do seu trabalho e não dedicam mais tempo ou esforço do que o absolutamente necessário, dada a sua falta de entusiasmo e ambição (Mahand & Caldwell, 2023).

Em Portugal, segundo a Informa D&B (2016), 67% das novas empresas sobrevivem ao primeiro ano e, apenas 52% se mantém em atividade ao fim de três anos, o que revela que algumas das principais características do potencial empreendedor podem não ter sido totalmente desenvolvidas e trabalhadas nestes empreendedores. Tal vai ao encontro dos dados desta investigação, visto que 71,57% da amostra responde ter intenção de iniciar um negócio, onde 56,98% possui um índice do potencial empreendedor baixo ou muito baixo.

Deste modo, é crucial dotar os estudantes que possuem um IPE elevado das ferramentas necessárias; e, dar a conhecer aos estudantes com um IPE baixo de que deverão optar pela via do trabalho por conta de outrem sem, obviamente, perderam as características básicas do potencial empreendedor que lhes foram fornecidas pela sua instituição de ensino. Características essas, tais como a liderança, motivações económicas, independência, resiliência, entre outras, que permitirão alcançar as necessidades básicas de 4ª e 5ª ordem de Malow, nomeadamente o sentimento de conquista, reconhecimento e respeito dos pares, realização profissional, auto-confiança, etc. (McLeod, 2018).

Por fim, respondeu-se ao **3º objetivo específico de investigação** no que concerne à análise das percepções do empreendedorismo vigentes nos ISCAL – “Comparar a percepção dos docentes e dos discentes sobre a participação e aproveitamento destes, nas iniciativas do ISCAL, orientadas para o empreendedorismo, nos últimos três anos académicos.”. Ao analisar o grau de participação da amostra nas iniciativas e atividades empreendedoras desenvolvidas pelo ISCAL (tabela 5.2.4), mencionadas pelos docentes, conclui-se que, de um modo geral, a maioria dos estudantes não participa nestas iniciativas, contudo quando participam, classificam o seu aproveitamento como suficiente, o que vai ao encontro das respostas dadas pelos docentes, que demonstraram possuir uma percepção real do que é a participação e aproveitamento dos seus estudantes nas diferentes atividades e iniciativas desenvolvidas pela instituição. Ao concluir-se que existe uma correlação entre as variáveis participação e aproveitamento – quando uma aumenta a outra também aumenta – fica comprovado que as iniciativas desenvolvidas, apesar da fraca adesão por parte dos alunos, são-lhes úteis quanto ao aproveitamento e ensinamentos que retiram delas.

Como mencionado pelos entrevistados e verificado na análise dos inquéritos, as atividades e iniciativas cuja participação é voluntária tendem a ter um maior grau de aproveitamento, visto que os alunos participam de forma espontânea. Quanto ao grau de participação, destacam-se positivamente as atividades obrigatórias. Importa ainda mencionar as seguintes atividades dado o maior grau de participação e aproveitamento: Disciplinas e trabalhos académicos específicos sobre empreendedorismo/criação de negócios e Palestras/ Workshops/ Formações de *Soft Skills*. São nestas duas atividades, a primeira obrigatória e a segunda voluntária, que a instituição em estudo deve apostar para melhor desenvolver e fomentar nos seus estudantes as características do potencial empreendedor.

Como referido por alguns dos entrevistados, o ISCAL é uma escola de contabilidade, não possuindo uma elevada vocação ou dinâmica empreendedora. Importa ainda destacar alguns aspetos a melhorar, nomeadamente questões estruturais que contribuem para que a instituição e, conseqüentemente, os seus estudantes não possuam elevadas características empreendedoras como, por exemplo, a inexistência de uma infraestrutura que permita o desenvolvimento destas atividades, devido à falta de espaço do edifício, reduzido estacionamento (aquele que existe é pago), inexistência de um campus onde alunos da área da Gestão possam partilhar conhecimentos com estudantes de outras áreas, nomeadamente, as artes, engenharia, informática, entre outras.

Dadas estas condicionantes, destaca-se também a falta de entusiasmo por parte dos alunos para participarem nas atividades, mencionada pelos entrevistados. Nesta instituição, o ensino é

efetuado numa perspectiva de transmissor-recetor, não sendo os alunos particularmente estimulados a participar com a exposição oral das suas opiniões, sendo este um ponto importante a melhorar. Ademais, alguns dos entrevistados enfatizam não só a falta de entusiasmo dos alunos para a temática do empreendedorismo, em particular; e, na participação em atividades extra-curriculares (como palestras, formações, workshops, entre outras), em geral. Também a estrutura orgânica do IPL (no qual se insere o ISCAL), é apontada, visto não existirem incentivos para que os docentes tenham maior liberdade de ação e, como tal, não procurem, nem sejam estimulados a desenvolver atividades e iniciativas em colaboração com outras instituições.

Capítulo VIII – Conclusão

8.1 Conclusões Gerais e Contributos do Trabalho

Considera-se ser relevante a investigação que acabou de se apresentar por várias razões. Uma delas é o facto de a literatura ter vindo, cada vez mais, a chamar a atenção para a importância do ensino para o empreendedorismo; em particular o papel do ensino superior e o desenvolvimento de competências que sustentam um melhor potencial empreendedor, tais como a liderança, orientação para a inovação, auto-eficácia, entre outras (Santos, Caetano, & Curral, 2014). Tal colide com as implicações teóricas do anteriormente apresentadas. Os resultados obtidos vieram, deste modo, e por um lado, consolidar a literatura, até então desenvolvida; por outro, colocar o foco na sua pertinência e atualidade.

De acordo com Santos et al., (2010), as instituições de ensino superior possuem os meios para desempenhar um papel de relevo no desenvolvimento destas características, uma vez que conseguem reunir um conjunto de indivíduos numa faixa etária crucial e ideal para se fomentarem as características empreendedoras. Neste sentido, também as implicações práticas ficam aqui evidenciadas. As conclusões, fruto dos resultados empíricos, fornecem pistas e reflexões para os atores que operam no ensino superior: órgãos de decisão e gestores, professores e estudantes, e investigadores, entre outros.

Em paralelo, considera-se esta investigação pertinente, uma vez que se detetou uma lacuna no conhecimento, havendo muito poucos estudos sobre o ensino do empreendedorismo em Portugal, e em particular destacando o papel do ensino superior público. Assim, analisar o potencial empreendedor de estudantes universitários, relacionando-o com o grau de participação e aproveitamento percebido dos mesmos, em atividades no âmbito do empreendedorismo, desenvolvidas pela instituição de ensino que frequentam, sob o cenário de estudo de caso, veio ser mais um contributo para esta lacuna. Atreve-se mesmo a sublinhar o carácter inovador desta investigação. Outro exemplo disto foi também a comparação das diferentes perceções ISCALinas (vários atores organizacionais: órgãos de gestão, docentes, interlocutores do empreendedorismo e discentes) sobre esta temática, o que ainda é menos frequente neste tipo de investigações. Isto ilustra uma terceira implicação da presente dissertação, os contributos metodológicos. Neste grupo de implicações, salientam-se as potencialidades da abordagem do método dos estudos de caso, construindo teoria a partir de numa base real, com evidências empíricas muito concretas, servindo de exemplo nas mais diversas vertentes associadas à problemática da investigação. Adicionalmente, também o

desenvolvimento e aplicação dos instrumentos de recolha de dados refletem esta implicação, quer pela grelha desenvolvida para as entrevistas, quer pela adaptação do inquérito por questionário (IAPE). Ficaram aqui duas ferramentas, disponíveis para outros estudos, no que concerne à recolha de dados. Ainda no que respeita ao campo do método, um dos pontos a salientar neste trabalho é a natureza mista; ou seja, o facto de terem sido desenvolvidos dois estudos ao longo do processo de investigação, combinando-se dados quantitativos (com uma amostra de 204 participantes) e dados qualitativos. Esta estratégia metodológica permitiu, assim, ter uma visão geral sobre a problemática, sendo complementada por informações mais detalhadas e em maior profundidade. Isto permitiu também uma compreensão mais enriquecedora e explicativa do problema em análise.

8.2 Limitações de Investigação

Não obstante as contribuições do presente trabalho, o mesmo apresenta algumas limitações. Como principais limitações desta investigação, destaca-se o facto de que a mesma inquiriu apenas estudantes de duas licenciaturas e três mestrados, exclusivamente da área das ciências empresariais, deixando de lado outras áreas de ensino, as quais seria interessante estudar e comparar. Sugere-se, então, que proximamente se aumentem as amostras de população estudada, integrando-se outras licenciaturas e mestrados, e até alargar ao corpo docente, aprofundando melhor a perceção deste grupo.

Apesar de que os dados obtidos permitem ao ISCAL identificar as dimensões do potencial empreendedor em que os alunos revelam maiores dificuldades, diagnosticando as suas necessidades de desenvolvimento, importa ainda referir que a investigação se centrou exclusivamente no estudo de uma instituição de ensino, o que faz com que os dados não possam ser generalizados. Sugere-se que no futuro sejam comparadas outras instituições de ensino, para reforçar os resultados e conclusões aqui obtidas.

Ademais, relativamente a este estudo não foi possível compreender se os alunos que frequentam as atividades e iniciativas desenvolvidas pelo ISCAL, no âmbito do empreendedorismo, pretendem apenas melhorar algumas das características do potencial empreendedor que sabem que possuem; ou se, contrariamente, é o facto de participarem nestas atividades que os faz desenvolverem competências empreendedoras. Assim, outras dimensões e variáveis para esta problemática serão bem-vindas, bem como outros instrumentos de recolha de dados poderão ser também salutares.

8.3 Sugestões para Investigações Futuras

Na sequência das limitações anteriormente apresentadas, e de algumas sugestões já avançadas no ponto anterior, deixam-se outras recomendações. Como sugestão para futuras investigações, seria interessante realizar a mesma investigação, abrangendo-a a diferentes áreas de ensino, por exemplo, no IPL, possibilitando a comparação de licenciaturas e mestrados por áreas do ensino superior e por escolas. Poderia, também, ser interessante comparar o ensino público com o ensino privado, no sentido de perceber as suas diferenças.

Outro aspeto que poderia ter desenvolvimentos futuros, a partir das informações e dados fornecidos pela presente investigação, seria compreender junto dos estudantes quais os tipos de atividades que, na sua perspetiva, os estimulariam a participar em iniciativas empreendedoras, e desse modo desenvolverem características do potencial empreendedor. Tal auxiliaria a instituição a ajustar os seus planos curriculares.

A presente investigação pode também constituir-se como um ponto de partida para a realização de estudos similares, na qual se procure compreender se a participação em atividades extracurriculares influencia o desenvolvimento de características empreendedoras.

A última sugestão relaciona-se com a comparação do potencial empreendedor do ISCAL com o potencial empreendedor de uma outra instituição e, desse modo, perceber se existem atividades a serem desenvolvidas numa delas que acabem por influenciar o potencial empreendedor da amostra de estudantes.

Referências Bibliográficas

- Ahmad, N. A., Rasul, M. S., Othman, N., & Jalaludin, N. A. (2022). Generating Entrepreneurial Ideas for Business Development. *Sustainability*, 14(9). doi: <https://doi.org/10.3390/su14094905>
- AICEP. (2022). *Número de novas empresas cresce. Nasceram mais de 41 mil no ano passado*. AICEP Portugal Global. Obtido em 23 de 08 de 2022. Disponível em <https://portugalglobal.pt/PT/RevistaPortugalglobal/2022/Documents/revista-158-novembro.pdf>
- Alam, M. Z., Kousar, S., & Rehman, C. A. (2019). Role of entrepreneurial motivation on entrepreneurial intentions and behaviour: Theory of planned behaviour extension on engineering students in Pakistan. *Journal of Global Entrepreneurship Research*, 9(50). doi:10.1186/s40497-019-0175-1
- Ali, A., Topping, K., & Tariq, R. U. (2010). Entrepreneurial attributes among postgraduate students of a Pakistani university. *US-China Education Review*, 7(5), 66-77.
- Alves, A. P. (2014). *Perfil dos potenciais novos empreendedores e a mais-valia da formação profissional institucional, no concelho de Oeiras*. Lisboa: ISCTE Business School. Obtido em 03 de 09 de 2022. Disponível em <https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/9330/1/DISSERTA%C3%87%C3%83O-Vers%C3%A3oFinal.pdf>
- Anjum, T., Amoozegar, A., Farrukh, M., & Heidler, P. (2021). Entrepreneurial intentions among business students: The mediating role of attitude and the moderating role of university support. *Education and Training*. doi: 10.1108/ET-01-2021-0020
- Bardin, L. (2009). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Batista, E. C., Matos, L. A., & Nascimento, A. B. (2017). A entrevista como técnica de investigação na pesquisa qualitativa. *Revista Interdisciplinar Científica Aplicada*, 11(3), 23-38.
- Berg, J. L. (2015). The role of personal purpose and personal goals in symbiotic visions. *Frontiers in Psychology*, 6(443), 1-13. doi:10.3389/fpsyg.2015.00443
- Bird, B. (1988). Implementing Entrepreneurial Ideas: The Case for Intention. *The Academy of Management Review*, 13(3), 442-453. doi:10.2307/258091

- Birley, S., & Westhead, P. (1990). Growth and performance contrasts between 'types' of small firms. *Strategic Management Journal*, 11(7), 535-557. Obtido em 10 de 08 de 2022. Doi: <https://doi.org/10.1002/smj.4250110705>
- Bloise, D. (2020). A importância da metodologia científica na construção da ciência. *A importância da metodologia científica na construção da ciência*. doi:10.32749/nucleodoconhecimento.com.br/educacao/metodologia-cientifica
- Branco, N. C. (2012). *Propensão Empreendedora dos Estudantes de Ensino Superior na Região Autónoma dos Açores*. Universidade dos Açores, Ponta Delgada. Obtido em 13 de 05 de 2023. Disponível em <https://repositorio.uac.pt/bitstream/10400.3/1662/1/DissertMestradoNeliaCavacoBranco2013.pdf>
- Bucha, A. I. (2009). *Empreendedorismo, aprender a saber ser empreendedor*. Lisboa: RH Editora.
- Burton, M. D., Fairlie, R. W., & Siegel, D. (2019). Introduction to a Special Issue on Entrepreneurship and Employment: Connecting Labor Market Institutions, Corporate Demography, and Human Resource Management Practices. *ILR Review*, 72(5), 1050-1064. doi:<https://doi.org/10.1177/0019793919866409>
- Cabral, M. L. (2012). *Contributos da Universidade para a Promoção do Potencial Empreendedor dos Estudantes*. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa. Obtido em 23 de 09 de 2022. Disponível em <https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/9261/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o.%20pdf.pdf>
- Carland, J. C., Carland, J. W., & Stewart, W. H. (11 de Janeiro de 1996). Seeing What's Not There: The Enigma of Entrepreneurship. *Journal of Small Business Strategy*, 7(1), 1-20. Obtido em 16 de 08 de 2022. Disponível em <https://libjournals.mtsu.edu/index.php/jsbs/article/view/326>
- Carland, J. W., Hoy, F., Boulton, W. R., & Carland, J. A. (1984). Differentiating Entrepreneurs from Small Business Owners: A Conceptualization. *The Academy of Management Review*, 9(2), 354-359. doi:10.2307/258448
- Carvalho, L. C. (2016). Compreender o que se entende por ecossistema empreendedor: Lisboa como uma cidade start up. *Revista Lusófona de Economia e Gestão das Organizações*, 17-31.
- Carvalho, L. C., & Costa, T. G. (2015). *Empreendedorismo - Uma visão global e Integradora*. Lisboa: Edições Sílabo.

- Comissão Europeia. (2021). *Portugal SME Fact Sheet 2021* [Website]. Obtido em 28 de 08 de 2022. Disponível em <https://ccp.pt/wp-content/uploads/2021/06/Portugal-SME-Fact-Sheet-2021.pdf>
- Cooney, T. M. (2012). *Entrepreneurship Skills for Growth-Orientated Businesses*. Copenhaga: Danish Business Authority. Obtido em 20 de 09 de 2022. Disponível em https://www.oecd.org/cfe/leed/Cooney_entrepreneurship_skills_HGF.pdf
- Costa, T., Carvalho, L., & Mares, P. (2012). *Auto-percepção das competências empreendedoras dos estudantes: um estudo do instituto politécnico de Setúbal*. Comunicação apresentada em XXII Jornadas Luso-Espanholas de Gestão Científica, Vila Real, Portugal. Obtido em 01 de 08 de 2022. Disponível em <http://hdl.handle.net/10400.26/5345>
- Coutinho, C. P. (2022). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas - Teoria e Prática*. Coimbra: Almedina.
- Curral, L., Santos, S. C., & Caetano, A. (2013). Theoretical foundations on the entrepreneurial potentia. *Amity Business Journal*, 2(1), pp. 1-12. Obtido em 14 de 05 de 2023. Disponível em https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/11008/1/Curral%2c%20Santos%2c%20Caetano_2013_Amity%20Business%20Journal%20por.pdf
- DGAE. (2021). *Portal da Direção-Geral das Atividades Económicas* [Website]. Lisboa: Direção-Geral das Atividades Económicas. Obtido em 03 de 08 de 2022. Disponível em <https://www.dgae.gov.pt/servicos/politica-empresarial/competitividade/empreendedorismo.aspx>
- DGE. (2020). *Transition as a Process: Role of Guidance* [Website]. Lisboa: Direção Geral da Educação. Obtido em 10 de 08 de 2022. Disponível em https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/boletim/transition_as_a_process_the_role_of_guidance.pdf
- Drucker, P. (1985). *Innovation and entrepreneurship: Principles and Practices*. New York: Harper & Row. Obtido em 07 de 08 de 2022. Doi: <https://doi.org/10.2307/3380320>
- Elitha, C., & Purba, D. E. (2020). Entrepreneurial Self-Efficacy and Entrepreneurial Intention: The Mediating Role of Entrepreneurship Intentional Self-Regulation among Future Entrepreneurs. *Journal of Economics, Business, and Accountancy Ventura*, 23(2), 149-159. doi: 10.14414/jebav.v23i2.2239
- Eurostat. (2012). *Entrepreneurship determinants: Culture and capabilities* [Website]. Luxemburgo: UE. doi:10.2785/29545

- Fernandes, C. I., Ferreira, J. J., Raposo, M., Sanchez, J., & Hernandez–Sanchez, B. (2018). Determinants of entrepreneurial intentions: An international cross-border study. *International Journal of Innovation Science*, 10(2), 129-142. doi:10.1108/IJIS-02-2017-0017
- Ferreira, M. P., Santos, J. C., & Serra, F. R. (2010). *Ser Empreendedor - Pensar, Criar e Moldar a Nova Empresa* (2ª ed.). Lisboa: Edições Sílabo.
- GEM. (2016). *Estudo de avaliação sobre as dinâmicas empreendedoras em Portugal* [Website]. Lisboa: GEM/Sociedade Portuguesa da Inovação. Obtido em 27 de 09 de 2022. Disponível em https://www.spi.pt/documents/studies/GEM_Portugal_2016_Report.pdf
- GEM. (2019). *Entrepreneurial Behaviour and Attitudes* [Website]. Obtido em 25 de 09 de 2022. Disponível em <https://www.gemconsortium.org/data/key-aps>
- GEM. (2022). *Global Entrepreneurship Monitor 2021/2022 Global Report: Opportunity Amid Disruption* [Website]. Londres: GEM. Obtido em 27 de 09 de 2022. Disponível em <https://gemconsortium.org/file/open?fileId=50900>
- Greco, V., & Denes, C. (2017). Benefits of entrepreneurship education and training for engineering students. *8th International Conference on Manufacturing Science and Education (MSE) - Trends in New Industrial Revolution*, 121. Roménia. doi:10.1051/mateconf/201712112007
- Haroon, S., & Ghani, U. (2020). Need for Achievement as a Predictor of Entrepreneurial Behavior: The Mediating Role of Entrepreneurial Passion for Founding and Entrepreneurial Interest. *International Review of Management and Marketing*, 10(1), 40-53. doi:10.32479/irmm.8949
- Heydari, M., Xiaohu, Z., Lai, K. K., & Shang, Y. (2020). Entrepreneurial Intentions and Behaviour as the Creation of Business: Based on the Theory of Planned Behaviour Extension Evidence from Polish Universities and Entrepreneurs. *Propósitos y Representaciones*, 8(2). doi:10.20511/pyr2020.v8nSPE.674
- Holienka, M., Mrva, M., & Marcin, P. (2013). Role of Family Entrepreneurial Role Models in Determining Students' Preferences Towards Entrepreneurship. *ICERI2013 Conference*. Sevilha. Obtido em 05 de 08 de 2022. Obtido em 06 de 08 de 2022. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/271852017_Role_of_Family_Entrepreneurial_Role_Models_in_Determining_Students'_Preferences_Towards_Entrepreneurship
- IAPMEI. (2007). *Observatório Sobre Criação de Empresas - Relatório 2007*. Lisboa. Obtido em 12 de 05 de 2023. Disponível em https://www.cig.gov.pt/siic/pdf/2014/oce_2007.pdf

- Informa D&B. (2016). *Longevidade Empresarial em Portugal*. Lisboa. Obtido em 19 de 05 de 2023. Disponível em https://blog.informadb.pt/wp-content/uploads/biblioteca/2016/2016_07_IDB_longevidadeempresarial.pdf
- Indarti, N., & Kristiansen, S. (2003). Determinants of Entrepreneurial Intention - The Case of Norwegian Students. *Gadjab Mada International Journal of Business*, 5(1), 79-95. Doi: DOI: 10.22146/gamaijb.5392
- INE. (2021). *Alunos matriculados no ensino superior: Total e por Sexo* [Website]. Obtido em 05 de 08 de 2022. Obtido em 08 de 08 de 2022. Disponível em <https://www.pordata.pt/Portugal/Alunos+matriculados+no+ensino+superior+total+e+por+sexo-1048>
- IPL. (s.d.). *Poliempreende* [Website]. Lisboa: Instituto Politécnico de Lisboa. Obtido em 01 de 09 de 2022. Disponível em <https://www.ipl.pt/id-inovacao/inovacao/empreendedorismo/poliempreende>
- Janssen, F., & Bacq, S. (2017). The entrepreneur, wealth creator and growth seeker: myth or reality? *De Boeck Supérieur*, 3(18), 51-68. doi:10.3917/proj.018.0051
- Katz, J. A. (2003). The chronology and intellectual trajectory of American entrepreneurship education 1876–1999. *Journal of Business Venturing*, 18(2), 283-300. doi:10.1016/S0883-9026(02)00098-8
- Kerr, S. P., Kerr, W. R., & Xu, T. (2018). Personality Traits of Entrepreneurs: A Review of Recent Literature. *Foundations and Trends in Entrepreneurship*, 14(3), 279-285. Obtido em 01 de 08 de 2022. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1561/03000000080>
- Kirby, D. A. (2005). Entrepreneurship Education: Can Business Schools Meet the Challenge? *Education and Training*, 46(8/9), 510-519. doi:10.1108/00400910410569632
- Kong, F., Zhao, L., & Tsai, C.-H. (5 de 3 de 2020). The Relationship Between Entrepreneurial Intention and Action: The Effects of Fear of Failure and Role Model. *Frontiers in Psychology*, 11(229), pp. 1-9. Obtido em 14 de 05 de 2023, de <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2020.00229>
- Kumari, N. (2018). *Entrepreneurs are Made, Not Born*. Waterford: Waterford Institute of Technology. Obtido em 01 de 08 de 2022. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.2139/ssrn.3143973>
- Landström, H. (2020). The Evolution of Entrepreneurship as a Scholarly Field. *Foundations and Trends in Entrepreneurship*, 16(2), 65-243. doi:10.1561/03000000083

- Laukkanen, M. (2000). Exploring alternative approaches in high-level entrepreneurship education: Creating micro mechanisms for endogenous regional growth. *Entrepreneurship & Regional Development*, 12(1), 25-47. doi:10.1080/089856200283072
- Laureano, R. (2022). *Testes de Hipóteses com o IBM SPSS Statistics* (3 ed.). Lisboa: Edições Sílabo.
- Mahand, T., & Caldwell, C. (2023). Quiet Quitting – Causes and Opportunities. *Business and Management Research*, 12(1), 9-19. Obtido em 11 do 06 de 2023 de https://www.researchgate.net/publication/366990489_Quiet_Quitting_-_Causes_and_Opportunities
- Marín, L., Nicolás, C., & Rubio, A. (2019). How Gender, Age and Education Influence the Entrepreneur's Social Orientation: The Moderating Effect of Economic Development. *Sustainability*, 11(17). doi:10.3390/su11174514
- Marques, L. A., & Albuquerque, C. (2012). Entrepreneurship education and the development of young people life competencies and skills. *Journal of Entrepreneurship Perspectives*, 2(1), 55-68. Obtido em 10 de 08 de 2022. Disponível em <http://www.acrn.eu/resources/Journals/Joe022012/201202c.pdf>
- Martins, J. D. (2018). *Gestão do Conhecimento: criação e transferência de conhecimento*. Lisboa: Edições Sílabo.
- McClelland, D. C. (1961). *The Achieving Society*. Nova Iorque: Irvington. Obtido em 13 de 08 de 2022. Disponível em <https://gwern.net/doc/economics/1971-mcclelland-theachievingociety.pdf>
- McLeod, S. (2018). *Maslow's Hierarchy of Needs*. Obtido em 20 de 10 de 2022. Disponível em <https://canadacollege.edu/dreamers/docs/Maslows-Hierarchy-of-Needs.pdf>
- Mendes, A. R. (2007). Apontamentos sobre a educação para o empreendedorismo em Portugal. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 41(3), 285-298.
- Ministério da Economia. (2019). *Inovação, I&D e Empreendedorismo: Rumos da economia digital e circular* [Website]. Lisboa: Ministério da Economia. Obtido em 27 de 09 de 2022. Disponível em <https://www.gee.gov.pt/pt/documentos/estudos-e-seminarios/competitividade/8968-ficha-de-inovacao-id-e-empreendedorismo-2019/file>
- Minitab LLC. (2021). *Qual é a diferença entre uma população e uma amostra?* [Website]. Minitab Statistical Software. Obtido em 04 de 08 de 2022. Disponível em <https://support.minitab.com/pt-br/minitab/20/help-and-how-to/statistics/basic-statistics/supporting-topics/data-concepts/how-are-population-and-sample-different/>

- Newman, A., Obschonka, M., Schwarz, S., Cohen, M., & Nielsen, I. (2019). Entrepreneurial self-efficacy: A systematic review of the literature on its theoretical foundations, measurement, antecedents, and outcomes, and an agenda for future research. *Journal of Vocational Behavior*, 110, 403-419. Obtido em 01 de 08 de 2022. Disponível em <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0001879118300587>
- Nguyen, C. (2018). Demographic factors, family background and prior self-employment on entrepreneurial intention - Vietnamese business students are different: why? *Journal of Global Entrepreneurship Research*, 8(1), 1-17. doi:10.1186/s40497-018-0097-3
- Nidhi, N., & Kumari, K. (2018). Entrepreneur motivations and its impact on entrepreneur intention among college students. *International Journal of Management, Technology And Engineering*, 8(7), 153-160. Obtido em 07 de 09 de 2022. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/327174154_Entrepreneur_motivations_and_its_impact_on_entrepreneur_intention_among_college_students
- Nowiński, W., Haddoud, M. Y., Lančarič, D., Egerová, D., & Czeglédi, C. (2019). The impact of entrepreneurship education, entrepreneurial self-efficacy and gender on entrepreneurial intentions of university students in the Visegrad countries. *Studies in Higher Education*, 44(2), 361-379. Obtido em 20 de 09 de 2022. Disponível em <https://doi.org/10.1080/03075079.2017.1365359>
- OCDE. (2003). *Entrepreneurship in Europe* [Website]. Bruxelas: OCDE. Obtido em 26 de 08 de 2022. Disponível em https://ec.europa.eu/invest-in-research/pdf/download_en/entrepreneurship_europe.pdf
- OCDE. (2015). *Entrepreneurial Education in Practice - Building Motivations and Competencies* [Website]. Thematic Paper. Obtido em 26 de 08 de 2022. Disponível em [https://www.schooleducationgateway.eu/downloads/entrepreneurship/40.7%20OECD%20\(2015\)_Entrepreneurial%20Education%20in%20Practice%20pt2.pdf](https://www.schooleducationgateway.eu/downloads/entrepreneurship/40.7%20OECD%20(2015)_Entrepreneurial%20Education%20in%20Practice%20pt2.pdf)
- OCDE. (2022). *Gender Equality - Key charts on Entrepreneurship*. Obtido em 13 de 05 de 2023. Disponível em <https://www.oecd.org/gender/data/entrepreneurship/>
- Parreira, P., Alves, L., Mónico, L., Sampaio, J. H., & Paiva, T. (2018). *Competências empreendedoras no Ensino Superior Politécnico: Motivos, influências, serviços de apoio e educação*. Guarda: Instituto Politécnico da Guarda. Obtido em 03 de 08 de 2022. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/327860472_Competencias_empreendedoras_no_Ensino_Superior_Politecnico_Motivos_influencias_servicos_de_apoio_e_educacao

- Phipps, S. T., & Prieto, L. C. (2015). Women versus men in entrepreneurship: A comparison of the sexes on creativity, political skill, and entrepreneurial intentions. *Academy of Entrepreneurship Journal*, 25(1), 32-43. Obtido em 04 de 08 de 2022. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/281927490_Women_versus_men_in_entrepreneurship_A_comparison_of_the_sexes_on_creativity_political_skill_and_entrepreneurial_intentions
- Pinto, I. C. (2013). *Rumo à universidade empreendedora: O potencial empreendedor dos alunos do ISEG*. Lisboa: ISEG. Obtido em 14 de 05 de 2023. Disponível em <https://www.iseg.ulisboa.pt/aquila/getFile.do?fileId=427316&method=getFile>
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. V. (1998). *Manual de Investigação em Ciências Sociais* (2ª ed.). Lisboa: Gradiva.
- Redford, D. T. (s.d.). *Entrepreneurship Education in Higher Education in Portugal*. Lisboa: Direção-Geral do Ensino Superior. Obtido em 22 de 08 de 2022. Disponível em <https://www.dges.gov.pt/en/pagina/entrepreneurship-education-higher-education-portugal>
- Rosado-Cubero, A., Freire-Rubio, T., & Adolfo, H. (2022). Entrepreneurship: What matters most. *Journal of Business Research*, 144, 250-263. doi: 10.1016/j.jbusres.2022.01.087
- Rosário, A. (2007). *Propensão ao empreendedorismo dos alunos finalistas da Universidade do Porto*. Dissertação de Mestrado em Inovação e Empreendedorismo Tecnológico, Universidade do Porto, Porto. Obtido em 01 de 08 de 2022. Disponível em https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/11505/2/DIGITool_FEUP_15238_2.pdf
- Runco, M. A., & Jaeger, G. J. (2012). The Standard Definition of Creativity. *Creativity Research Journal*, 24(1), 91-96. doi: 10.1080/10400419.2012.650092
- Santos, S. C., Caetano, A., & Curral, L. (2010). Atitude dos estudantes universitários face ao empreendedorismo - Como identificar o potencial empreendedor? *Revista Portuguesa e Brasileira de Gestão*, 9(4), 2-14. Obtido em 11 de 08 de 2022. Disponível em <https://www.redalyc.org/pdf/3885/388539126002.pdf>
- Santos, S. C., Caetano, A., & Curral, L. (2014). Psychosocial aspects of entrepreneurial potential. *Journal of Small Business & Entrepreneurship*. pp. 1-25. Obtido em 14 de 05 de 2023. Disponível em <https://core.ac.uk/download/pdf/32329087.pdf>. doi: 10.1080/08276331.2014.892313
- Sarkar, S. (2010). *Empreendedorismo e Inovação* (2ª ed.). Lisboa: Escolar Editora.

- Sátyro, N., & Albuquerque, R. W. (2020). O que é um Estudo de Caso e quais as suas potencialidades. *Sociedade e Cultura*, 23. doi: 10.5216/sec.v23i.55631
- Schmid, S., Bohnenberger, M. C., & Freitas, E. E. (2010). *Práticas didáticas na formação empreendedora: O caso do curso de administração da Feevale*. Novo Hamburgo: Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Obtido em 23 de 10 de 2022. Disponível em <https://periodicos.feevale.br/seer/index.php/revistagestaoedesenvolvimento/article/view/969>
- Shabbir, M. S., & Kassim, N. M. (2019). Entrepreneur as an Individual Review of Recent Literature on Entrepreneurial Skills. *Opción: Revista de Ciencias Humanas y Sociales*, 35(89), 582-599. Obtido em 03 de 09 de 2022. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/337304736_Entrepreneur_as_an_Individual_Review_of_Recent_Literature_on_Entrepreneurial_Skills
- Shah, I. A., Amjed, S., & Jaboob, S. (2020). The moderating role of entrepreneurship education in shaping entrepreneurial intentions. *Journal of Economic Structures*, 9(19). doi:10.1186/s40008-020-00195-4
- Sousa, M. M., Almeida, D. A., Mansur-Alves, M., & Huziwara, E. M. (2022). Characteristics and Effects of Entrepreneurship Education. *Trends in Psychology*, 1-31. Obtido em 19 de 08 de 2022. Disponível em :<https://doi.org/10.1007/s43076-022-00197-0>
- Lucas, E. (2001). A disseminação da cultura empreendedora e a mudança na relação universidade-empresa. Anais do II Encontro de Estudos sobre Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas (EGEPE), (pp. 241-252). Paraná. Obtido em 11 do 06 de 2023, disponível em <https://anegepe.org.br/wp-content/uploads/2021/09/EMP2001-31.pdf>
- Strawser, J. A., Hechavarría, D. M., & Passerini, K. (2021). Gender and entrepreneurship: Research frameworks, barriers and opportunities for women entrepreneurship worldwide. *Journal of Small Business Management*, 59(sup1), S1-S15. doi:10.1080/00472778.2021.1965615
- Taherdoost, H. (2016). Sampling Methods in Research Methodology; How to Choose a Sampling Technique for Research. *International Journal of Academic Research in Management*, 5(2), 18-27. Obtido em 30 de 08 de 2022. Doi: <https://doi.org/10.2139/ssrn.3205035>
- Teixeira, A. A., & Davey, T. (2008). *Attitudes of Higher Education students to new venture creation: a preliminary approach to the Portuguese case*. Working Papers, Faculdade de Economia,

- Universidade do Porto, Porto, Portugal. Obtido em 24 de 08 de 2022. Disponível em <https://wps.fep.up.pt/wps/wp298.pdf>
- Teixeira, A. A., & Forte, R. (2009). *Unbounding entrepreneurial intents of university students: a multidisciplinary perspective*. Working Papers, Faculdade de Economia da Universidade do Porto, Porto. Obtido em 24 de 08 de 2022. Disponível em <https://wps.fep.up.pt/wps/wp322.pdf>
- Testas, C. P., & Moreira, F. R. (2014). O Empreendedorismo no Ensino Superior. *Gestão e Desenvolvimento*(22), 139-163. Obtido em 10 de 08 de 2022. Disponível em <https://doi.org/10.7559/gestaoedesenvolvimento.2014.261>
- Uysal, Ş. K., Karadağ, H., Tuncer, B., & Şahinc, F. (2022). Locus of control, need for achievement, and entrepreneurial intention: A moderated mediation model. *The International Journal of Management Education*, 20(2). doi:10.1016/j.ijme.2021.100560
- Venkataraman, S. (2004). Regional transformation through technological entrepreneurship. *Journal of Business Venturing*, 19(1), 153-167. doi:<https://doi.org/10.1016/j.jbusvent.2003.04.001>
- Wang, S.-M., & Yueh, H.-P. (2019). How the New Type of Entrepreneurship Education Complements the Traditional One in Developing Entrepreneurial Competencies and Intention. *Frontiers in Psychology*, 10, 1-12. doi:10.3389/fpsyg.2019.02048
- Wei, X., Liu, X., & Sha, J. (2019). How Does the Entrepreneurship Education Influence the Students' Innovation? Testing on the Multiple Mediation Model. *Frontiers in Psychology*, 10, 1-10. doi: <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2019.01557>
- Wu, F., & Mao, C. (2020). Business Environment and Entrepreneurial Motivations of Urban Students. *Frontiers in Psychology*, 11, 1-12. doi:10.3389/psyg.2020.01483)
- Xie, Q., Liu, L., Malik, H., Chupradit, S., & Chupradit, P. W. (2021). The Influence of Entrepreneurial Characteristics on the Performance of Tourism Vlogger Entrepreneurs. *Frontiers in Psychology*, 12, 1-12. doi:10.3389/fpsyg.2021.725545
- Yasir, N., Xie, R., & Zhang, J. (2022). The Impact of Personal Values and Attitude toward Sustainable Entrepreneurship on Entrepreneurial Intention to Enhance Sustainable Development: Empirical Evidence from Pakistan. *Sustainability*, 14, 1-20. doi:<https://doi.org/10.3390/su14116792>
- Yin, R. K. (1994). *Pesquisa Estudo de Caso - Desenho e Métodos*. Porto Alegre: Bookman.

Zinn, J. O. (2019). The meaning of risk-taking – Key concepts and dimensions. *Journal of Risk Research*, 22(1), 1-15. doi:10.1080/13669877.2017.1351465

Apêndices

Apêndice A – Grelha da entrevista

Blocos	Objetivos	Questões orientadas
A Legitimação da entrevista	<ul style="list-style-type: none"> - Explicar o contexto e objetivos da entrevista. - Solicitar a autorização para gravar a entrevista. 	-
B Atividades e iniciativas empreendedoras	<ul style="list-style-type: none"> - Listar as principais atividades direcionadas para o empreendedorismo desenvolvidas pelo ISCAL. 	<ul style="list-style-type: none"> - Listar as atividades e iniciativas empreendedoras desenvolvidas pelo ISCAL, nos últimos 3 anos. - Identificar a importância dessas atividades no âmbito do empreendedorismo.
C Avaliação dos itens listados	<ul style="list-style-type: none"> - Saber qual a percepção dos entrevistados relativamente à participação e aproveitamento dos alunos nas iniciativas empreendedoras para, posteriormente, comparar a percepção dos docentes e dos discentes face à temática. 	<ul style="list-style-type: none"> - Avaliar (em termos de percepção e numa escala de 1 a 5) a participação e aproveitamento dos alunos face às iniciativas empreendedoras desenvolvidas pelo ISCAL, nos últimos 3 anos.
D Considerações acerca da temática	<ul style="list-style-type: none"> - Compreender os fundamentos para as avaliações dadas. 	<ul style="list-style-type: none"> - Explicar/esclarecer as avaliações dadas na questão anterior.
E Agradecimento e validação da entrevista	<ul style="list-style-type: none"> - Agradecer a participação na entrevista. - Informar acerca da transcrição da entrevista. 	-

Apêndice B – Guião da entrevista

Contextualização	<p>Esta entrevista é efetuada no âmbito da dissertação de mestrado em Gestão e Empreendedorismo, cujo objetivo é avaliar o potencial empreendedor dos estudantes da licenciatura em Gestão, da licenciatura em Comércio e Negócios Internacionais e, ainda, do Mestrado em Gestão e Empreendedorismo do Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Lisboa (ISCAL). Neste sentido, o seu contributo é essencial para responder ao problema de investigação.</p>
P1	<p>Ao longo dos últimos anos o ISCAL tem vindo a desenvolver atividades e iniciativas relacionadas com o empreendedorismo. Consegue listar algumas dessas atividades e iniciativas empreendedoras, desenvolvidas nos últimos 3 anos? Quem, no ISCAL, foram/são os agentes/pessoas que promovem estas ações?</p>
P2	<p>Na sua perspetiva, qual a real importância dessas atividades no âmbito do desenvolvimento das competências empreendedoras para os alunos? E para o potencial empreendedor, no grupo dos alunos, desta escola?</p>
P3	<p>Relativamente às seguintes ações e iniciativas empreendedoras, classifique, de acordo com a sua perspetiva, qual o grau de participação e aproveitamento dos alunos nas mesmas.</p> <p>Relativamente à participação, pode avaliar entre 0 - “<i>Não participam</i>”; 1 - “<i>Participam, mas pouco</i>”; 2 - “<i>Participam</i>”; 3 - “<i>Participam muito</i>”.</p> <p>Face ao aproveitamento, avalie o mesmo numa escala de 0 a 5 (0 - “<i>Sem aproveitamento</i>”; 1 - “<i>Aproveitamento fraco</i>”; 2 - “<i>Aproveitamento suficiente</i>”; 3 - “<i>Excelente aproveitamento</i>”).</p>

Categoria	Enumeração	Avaliação	
		Participação	Aproveitamento
Iniciativas e ações empreendedoras desenvolvidas pelo ISCAL	Disciplinas e trabalhos académicos sobre empreendedorismo/criação de negócios		
	Desenvolvimento de projetos/ideias relacionados com a abertura de negócios		
	Participação no Poliemprende/Ace Challenge		
	Seminários sobre empreendedorismo		
	Palestras/Workshops		
	Outros eventos que o entrevistado queira acrescentar		

Projetar a tabela e a escala de avaliação, anotando as avaliações dadas.

P4	<p>Quer esclarecer as avaliações dadas nas questões anteriores?</p> <p>Elaborar a questão de acordo com a avaliação dada. “<i>Por exemplo, relativamente à ação 2, deu uma avaliação de 2 (fraco aproveitamento). Porquê?</i>”</p>
Conclusão	<p>Agradeço a sua disponibilidade para a realização desta entrevista. O seu contributo foi essencial para compreender a perspetiva de alguém que contacta de perto com os alunos e que, para além disso, possui também conhecimento relevante relativamente à temática do empreendedorismo. Muito obrigada!</p>

Apêndice C – Dados Qualitativos: Entrevistas

Entrevista 1: Tutora do Poliempreende/ACE Challenge no ISCAL/IPL

Entrevistadora - Eu sou a Catarina Vale e, desde já, agradeço a sua disponibilidade para a realização desta entrevista que é efetuada no âmbito da dissertação de mestrado em Gestão e Empreendedorismo, cujo objetivo é avaliar o potencial empreendedor dos estudantes da área das ciências empresariais aqui do ISCAL. Neste sentido, o seu contributo é essencial para responder ao problema de investigação. Aproveito também para lhe perguntar se permite a gravação desta entrevista, gravação essa que será eliminada após a transcrição da entrevista. Se não quiser que grave a entrevista também não tem qualquer problema.

Entrevistado 1 – Muito obrigada pela entrevista, é sempre uma honra poder contribuir para o desenvolvimento do conhecimento no ISCAL

Entrevistadora - Ao longo dos anos o ISCAL tem vindo a desenvolver atividades e iniciativas relacionadas com o empreendedorismo. Consegue listar algumas dessas atividades e iniciativas empreendedoras, desenvolvidas nos últimos 3 anos? E, já agora, dessas atividades e iniciativas quem, no ISCAL, é que foram/são as pessoas ou agentes que as promovem?

Entrevistado 1 – Relativamente às atividades e iniciativas empreendedoras que têm sido desenvolvidas pelo ISCAL, e tendo em conta os últimos 3 anos, sei que têm sido desenvolvidas ações e, eu própria, tenho estado envolvida em algumas delas. Desde há uns anos que tenho sido a representante do IPL, no ISCAL, do Poliempreende, divulgando-o junto dos alunos. O Poliempreende consiste num concurso de ideias de negócios, que tem sido dinamizado pelos Institutos Politécnicos Portugueses, no qual o IPL fez parte desta rede. Inicialmente era um concurso regional, em que as melhores ideias eram selecionadas entre as 8 escolas que integram o Politécnico de Lisboa. Entre essas 8 escolas, saíria o projeto vencedor que iria representar o IPL a nível nacional. Enquanto tutora do ISCAL, estive envolvida nos últimos anos neste concurso. No último ano, o IPL decidiu criar um concurso interno, que substituiu o concurso do Poliempreende pelo ACE Challenge, no qual também tenho estado envolvida na sua dinamização junto do ISCAL. Sendo intermediária entre o ISCAL e o IPL também dinamizo a unidade curricular de Seminário sobre Empreendedorismo e Casos de Sucesso, no 3º ano, 2º semestre, na licenciatura em Comércio e Negócios Internacionais. Nesta unidade curricular temos trazido muitas pessoas, empresas e entidades emblemáticas ao nível do empreendedorismo, discutindo o empreendedorismo não só do ponto de vista académico, mas também do ponto de vista prático e empresarial. Temos trazido jovens empreendedores para motivar os nossos alunos. Por exemplo, no ano passado trouxemos uma empresa – AHUA - que nasceu no âmbito do Poliempreende no ISCAL, nomeadamente de uma aluna da nossa escola e de um outro colega arquiteto, no qual concorrem ao Poliempreende, tendo alcançado uma menção honrosa. Atualmente, estes jovens têm como principal fonte de rendimento

a empresa, que produz pranchas de surf sustentáveis, exportando para todo o mundo. Este é, portanto, um exemplo de sucesso. Também sei que há outras unidades curriculares noutros cursos que têm como objetivo envolver os alunos no desenvolvimento de ideias e projetos de negócio. Paralelamente a estes seminários e unidades curriculares, também têm existido formações, penso que desenvolvidas pelo Gabinete de Relações Externas e Saídas Profissionais, que dinamizam formações no âmbito comportamental e vocacionadas para o desenvolvimento das soft skills e de competências que podem estar relacionadas com o empreendedorismo. Também o Management Talks tem trazido indivíduos e empresários que relatam as suas experiências empreendedoras. Na minha perspetiva, em termos de iniciativas, ao trazer pessoas para falar destas temáticas e motivar os estudantes, O ISCAL tem feito um bom trabalho e tem tido boas iniciativas. Relativamente aos agentes que promovem estas iniciativas, destaco os órgãos da presidência que estão envolvidos e que têm sensibilidade para estes temas e, claro, os professores que têm responsabilidades nestas unidades curriculares associadas ao empreendedorismo. Portanto, há trabalho feito no ISCAL e faz-se o que se consegue, no que respeita ao incentivo desta temática.

Entrevistadora - Na sua perspetiva, qual a real importância destas atividades no desenvolvimento de competências empreendedoras, mas também para o desenvolvimento do potencial empreendedor nos alunos desta instituição?

Entrevistado 1 – As atividades existem e vão sendo desenvolvidas. Se estivermos a falar de jovens formados aqui no ISCAL e que, em seguida, vão para o mercado de trabalho, procuramos desenvolver neles competências empreendedoras, que são extremamente importantes atualmente. Quando trazemos práticas empreendedoras à escola, o objetivo é ir além do que está formalizado nos currículos, na teoria, e desenvolver competências a nível prático. Uma vez que estamos a falar de jovens que vão para o mercado de trabalho, fazer os alunos, de diferentes licenciaturas e mestrados, pensar nestas questões, desenvolverem competências técnicas e participarem em diversas iniciativas é também contribuir para o desenvolvimento do potencial empreendedor. Acreditamos que, assim, a integração no mercado de trabalho será mais eficaz.

Entrevistadora - Relativamente às atividades e iniciativas empreendedoras desenvolvidas pelo ISCAL (que estão aqui do lado esquerdo da tabela), de acordo com a sua perspetiva, peço-lhe agora que classifique o grau de participação e aproveitamento dos alunos nas mesmas, sempre com base na sua perspetiva. Primeiro, vamos avaliar o grau de participação dos alunos nessas mesmas atividades: A escala é 0 - “Não participam; 1 - “Participam, mas pouco”; 2 - “Participam”; 3 - “Participam muito”. Seguidamente, vamos avaliar o grau de aproveitamento dos alunos nessas iniciativas. Aqui a escala é 0 - “Sem aproveitamento”; 1 - “Aproveitamento fraco”; 2 - “Aproveitamento suficiente”; 3 - “Excelente aproveitamento”). *Por aproveitamento entenda-se que, posteriormente à iniciativa ou ação empreendedora, o aluno é capaz de usufruir do conhecimento transmitido nessas mesmas atividades empreendedoras.*

Entrevistado 1

Categoria	Enumeração	Avaliação	
		Participação	Aproveitamento
Iniciativas e ações empreendedoras desenvolvidas pelo ISCAL	Disciplinas e trabalhos acadêmicos sobre empreendedorismo/criação de negócios	3	3
	Desenvolvimento de projetos/ideias relacionados com a abertura de negócios	1	3
	Participação no Poliempreende/Ace Challenge	1	3
	Seminários sobre empreendedorismo	3	3
	Palestras/Workshops	2	2
	Acrescentado pelo Entrevistado: Formações de Soft Skills	1	2

Entrevistadora - Quer esclarecer as avaliações dadas nas questões anteriores?

Entrevistado 1 – Relativamente à primeira iniciativa/atividade empreendedora “*Disciplinas e trabalhos acadêmicos específicos sobre empreendedorismo/criação de negócios*”, tendo em conta a minha experiência e tendo também em conta que tenho uma unidade curricular relacionada com o empreendedorismo, a participação está condicionada pela avaliação, ou seja, eles são obrigados a desenvolver um projeto de negócio, porque é um dos elementos de avaliação e, portanto, diria que realmente participam muito, mas essa participação está condicionada pela obrigatoriedade da avaliação. Contudo, apesar da obrigatoriedade, acabam por fazer trabalhos e projetos muito interessantes, engraçados e inovadores. O aproveitamento em termos académico é muito bom, porém o aproveitamento pode ser considerado muito fraco se tivermos em conta que, posteriormente, os alunos não desenvolvem os projetos na prática, nem os divulgam, ou seja, as ideias não vão para além da unidade curricular. Não são proativos nesse sentido, nem aproveitam o que desenvolvem. Não têm motivação para ir além da disciplina. Por exemplo, eu nunca os consigo levar ao ACE Challenge, porque não têm tempo ou porque não querem fazer disso vida e não têm para já, nesta fase de vida, o *mindset* do empreendedorismo, nem o espírito empreendedor. Relativamente à segunda atividade empreendedora “*Desenvolvimento de projetos/ideias relacionados com a abertura de negócios*“, como dito, quando os alunos são chamados a pensar, os projetos realizados são realmente muito bons e úteis, mas voluntariamente e por iniciativa própria, não participam. Contudo, existem casos pontuais onde aqueles alunos que realmente desenvolvem na prática os seus projetos, têm um ótimo aproveitamento

e até chegam a ganhar prémios. Por exemplo, no ano passado, no ACE Challenge, existe uma iniciativa que dura 3 a 4 dias – um *bootcamp* – e, como estávamos num cenário de COVID, realizou-se online. Uma aluna da disciplina de “Seminários” que leciono participou, integrou-se com os alunos de outras escolas, e acabou por ganhar o primeiro prémio. Relativamente à atividade/iniciativa “Participação no Poliemprende/Ace Challenge”, no ano passado participou uma equipa da licenciatura em Solicitadoria, foi a única que participou, mas ganhou um prémio. Relativamente aos *Seminários sobre empreendedorismo* participam bastante, porque, no âmbito das disciplinas, são obrigados a participar.

Entrevistadora - Agradeço a sua disponibilidade para a realização desta entrevista. O seu contributo é muito importante para compreender a perspetiva de alguém que contacta de perto com os alunos e que, para além disso, possui também conhecimento relevante relativamente à temática do empreendedorismo no ISCAL. Muito obrigada!

Entrevista 2: Presidente do ISCAL

Entrevistadora - Eu sou a Catarina Vale e, desde já, agradeço a sua disponibilidade para a realização desta entrevista que é efetuada no âmbito da dissertação de mestrado em Gestão e Empreendedorismo, cujo objetivo é avaliar o potencial empreendedor dos estudantes da área das ciências empresariais aqui do ISCAL. Neste sentido, o seu contributo é essencial para responder ao problema de investigação. Aproveito também para lhe perguntar se permite a gravação desta entrevista, gravação essa que será eliminada após a transcrição da entrevista. Se não quiser que grave a entrevista também não tem qualquer problema.

Entrevistado 2 – Muito obrigado!

Entrevistadora - Ao longo dos anos o ISCAL tem vindo a desenvolver atividades e iniciativas relacionadas com o empreendedorismo. Consegue listar algumas dessas atividades e iniciativas empreendedoras, desenvolvidas nos últimos 3 anos? E, já agora, dessas atividades e iniciativas quem, no ISCAL, é que foram/são as pessoas ou agentes que as promovem?

Entrevistado 2 – Logo à partida, nas licenciaturas, temos disciplinas relacionadas com o empreendedorismo, que permitem contribuir para o desenvolvimento de competências nesta área. Também no mestrado e licenciatura em Gestão, no âmbito da unidade curricular de Empreendedorismo, temos tido um conjunto de seminários, que ocorrem todos os anos e onde se abordam temas relacionados com o desenvolvimento das ideias de negócio, financiamento, trazemos pessoas ligadas a incubadoras e *startups*, damos a conhecer projetos de aceleração e incubação, etc. Portanto englobamos um bocadinho de tudo. Na unidade curricular de Governança e Responsabilidade Social das Empresas, do mestrado em Gestão, procuramos desenvolver o tema do empreendedorismo social e sensibilizar os alunos para tal. Também existe uma unidade curricular – Seminários sobre Empreendedorismo e Casos de Sucesso -, lecionada pela professora Margarida

Piteira, na licenciatura em Comércio e Negócios Internacionais, que também tem permitido dar a conhecer aos alunos novas perspetivas relacionadas com o empreendedorismo, de forma a que eles desenvolvam competências nessa área. Já no âmbito do IPL, tínhamos o projeto Poliemprende, que se passou a chamar ACE Challenge, no qual nomeamos um representante para acompanhar todos os trabalhos. Eu próprio já estive envolvido, o professor José Moleiro Martins também, agora a representante é a professora Margarida Piteira, portanto já passou por várias pessoas. O objetivo é fomentar junto dos alunos o espírito empreendedor e o desenvolvimento de ideias de negócio, o que temos conseguido com relativo sucesso. Por exemplo, ainda há pouco tempo houve uma estudante premiada e, na altura em que o ISCAL participava no Poliemprende, um conjunto de estudantes desenvolveu um projeto chamado AHUA e também foram premiados. Para além disto, vamos tendo seminários, conferências sobre o empreendedorismo. No ano passado abrimos uma academia de soft skills, com 8 seminários e em 24 horas preenchemos as vagas, o que revela o sucesso de algumas iniciativas. Apesar de todas estas ações, o ISCAL também tem atenção a outras questões. Por exemplo, uma outra atividade, desenvolvida pelo IPL, mais relacionada com o intraempreendedorismo e que não envolvia os estudantes, tinha a ver com a capacitação dos funcionários não docentes no desenvolvimento de ideias, não de negócio, mas de ideias que tinham algum potencial de inovação para o desenvolvimento administrativo do próprio IPL, que juntou funcionários das 8 escolas, e que procurou fomentar atitudes empreendedoras numa lógica de disrupção e de inovação. Mais recentemente, posso também referir a participação do ISCAL na XX e XXI semana do empreendedorismo de Lisboa, no qual submetemos à Câmara de Lisboa o desenvolvimento de dois seminários abertos à comunidade relativamente a estes temas.

Entrevistadora - Na sua perspetiva, qual a real importância destas atividades no desenvolvimento de competências empreendedoras, mas também para o desenvolvimento do potencial empreendedor nos alunos desta instituição?

Entrevistado 2 – No respeito a todas as atividades e ações desenvolvidas pelo ISCAL âmbito do empreendedorismo, espero que os alunos aproveitem as mesmas para desenvolverem competências empreendedoras, para seu benefício pessoal e profissional. Contudo, de acordo com a minha experiência, posso dar um exemplo: aqueles que participam nas atividades, por exemplo no ACE Challenge, desenvolvem competências empreendedoras sem dúvida, porque participam por vontade própria, porque já têm uma ideia de negócio pensada e querem-na desenvolver, etc. Quando falamos, por exemplo, de seminários (apesar de ser difícil quantificar), numa turma de 60 alunos, se nos referimos àqueles que já têm alguma propensão e espírito empreendedor, esses acabam por aproveitar e desenvolver competências e ferramentas empreendedoras. Dos restantes, penso que poderá existir uma margem pequena que fica curiosa e desperta para o tema. Contudo, há outros que, talvez pela sua aversão ao risco, não olham para estas atividades relacionadas com o empreendedorismo como sendo um caminho futuro.

Entrevistadora - Relativamente às atividades e iniciativas empreendedoras desenvolvidas pelo ISCAL (que estão aqui do lado esquerdo da tabela), de acordo com a sua perspetiva, peço-lhe agora que classifique o grau de participação e aproveitamento dos alunos nas mesmas, sempre com base na sua perspetiva. Primeiro, vamos avaliar o grau de participação dos alunos nessas mesmas atividades: A escala é 0 - “Não participam”; 1 - “Participam, mas pouco”; 2 - “Participam”; 3 - “Participam muito”. Seguidamente, vamos avaliar o grau de aproveitamento dos alunos nessas iniciativas. Aqui a escala é 0 - “Sem aproveitamento”; 1 - “Aproveitamento fraco”; 2 - “Aproveitamento suficiente”; 3 - “Excelente aproveitamento”). *Por aproveitamento entenda-se que, posteriormente à iniciativa ou ação empreendedora, o aluno é capaz de usufruir do conhecimento transmitido nessas mesmas atividades empreendedoras.*

Entrevistado 2

Categoria	Enumeração	Avaliação	
		Participação	Aproveitamento
Iniciativas e ações empreendedoras desenvolvidas pelo ISCAL	Disciplinas e trabalhos académicos sobre empreendedorismo/criação de negócios	2	1
	Desenvolvimento de projetos/ideias relacionados com a abertura de negócios	1	2
	Participação no Poliemprende/Ace Challenge	1	3
	Seminários sobre empreendedorismo	1	1
	Palestras/Workshops	1	1
	Formações de Soft Skills	2	2

Entrevistadora - Quer esclarecer as avaliações dadas nas questões anteriores?

Entrevistado 2 – De acordo com a minha experiência, acredito que a *Participação no Ace Challenge* é efetivamente a atividade onde, poucos alunos participam, mas aqueles que participam conseguem alcançar bons e muito bons resultados! Já os *seminários sobre empreendedorismo, palestras e workshops* ficam um pouco aquém relativamente à participação e ao aproveitamento, talvez por serem, muitas vezes, obrigatórios no âmbito das unidades curriculares. Por outro lado, as *Formações de soft skills* são de participação voluntária e, por comparação com as restantes, considero que os alunos participam, mas pouco, conseguindo, contudo, algum aproveitamento relativamente àquilo que lhes é ensinado/exposto nestas formações. Relativamente às *Disciplinas e trabalhos académicos sobre empreendedorismo*, a participação por parte dos estudantes na unidade curricular é obrigatória, contudo

o aproveitamento acaba por ser fraco se tivermos em conta que os alunos desenvolvem projetos em aula que não voltam a utilizar. Já o *Desenvolvimento de projetos/ideias relacionados com a abertura de negócios* possui um carácter voluntário e, como tal, os poucos estudantes que participam conseguem obter um bom desempenho. Ou seja, tudo aquilo em que existe a obrigatoriedade de participar, os alunos tendem a aproveitar menos e a ter menores resultados. Por outro lado, tudo aquilo que tem um carácter voluntário, os alunos usufruem mais.

Entrevistadora - Agradeço a sua disponibilidade para a realização desta entrevista. O seu contributo é muito importante para compreender a perspectiva de alguém que contacta de perto com os alunos e que, para além disso, possui também conhecimento relevante relativamente à temática do empreendedorismo no ISCAL. Muito obrigada!

Entrevista 3: Diretor da licenciatura em Gestão e do Mestrado em Gestão e Empreendedorismo

Entrevistadora - Eu sou a Catarina Vale e, desde já, agradeço a sua disponibilidade para a realização desta entrevista que é efetuada no âmbito da dissertação de mestrado em Gestão e Empreendedorismo, cujo objetivo é avaliar o potencial empreendedor dos estudantes da área das ciências empresariais aqui do ISCAL. Neste sentido, o seu contributo é essencial para responder ao problema de investigação. Aproveito também para lhe perguntar se permite a gravação desta entrevista, gravação essa que será eliminada após a transcrição da entrevista. Se não quiser que grave a entrevista também não tem qualquer problema.

Entrevistado 3 – Muito obrigado!

Entrevistadora - Ao longo dos anos o ISCAL tem vindo a desenvolver atividades e iniciativas relacionadas com o empreendedorismo. Consegue listar algumas dessas atividades e iniciativas empreendedoras, desenvolvidas nos últimos 3 anos? E, já agora, dessas atividades e iniciativas quem, no ISCAL, é que foram/são as pessoas ou agentes que as promovem?

Entrevistado 3 – No ISCAL, relativamente às iniciativas que têm sido desenvolvidas no âmbito do empreendedorismo, destaco, por exemplo, as unidades curriculares relacionadas com o empreendedorismo. Na licenciatura em Gestão a disciplina é optativa, desde há vários anos, sendo um dos objetivos nesta licenciatura passar a unidade curricular para obrigatória. De acordo com a minha experiência há, de facto, interesse dos alunos em frequentar a disciplina, existindo também o desenvolvimento de um plano de negócios, entre outras atividades que vão sendo desenvolvidas ao longo do semestre. Houve até vários grupos de alunos que já participaram no programa Poliemprende, inclusive um destes grupos, que frequentava a licenciatura em regime noturno, chegou mesmo a ganhar! Para além disto, durante os anos que fui representante do ISCAL no Poliemprende houve constantemente participação de equipas da nossa instituição. Entretanto surgiram outros representantes do ISCAL no Poliemprende, contudo, gradualmente, a participação

dos alunos foi sendo cada vez menor. Por exemplo, no ano letivo de 2017/2018 e 2018/2019 existiram diversas equipas da licenciatura em Gestão e, principalmente, do mestrado em Gestão e Empreendedorismo que participaram na realização de planos de negócio para desempregados na Associação Industrial Portuguesa. Estes estudantes também participaram e tiveram uma intervenção direta na realização de ações de formação, faziam levantamento de informações e recolha de dados, que eram complementadas pelos professores que faziam o acompanhamento dos alunos. Por diversos motivos, esta ligação à Associação Industrial Portuguesa terminou. O ISCAL chegou, inclusivamente, a ser a unidade orgânica do IPL com maior número de candidatos. De qualquer forma, os alunos vão sendo estimulados e preparados para participarem em concursos entre outras atividades. Na licenciatura em Finanças também existia uma unidade curricular de empreendedorismo optativa, contudo a mesma deixou de existir. Por outro lado, a licenciatura em Solicitadoria recentemente introduziu a disciplina de empreendedorismo, sendo a mesma obrigatória. O ISCAL caracteriza-se por ser uma escola administrativa, uma instituição ligada à contabilidade, não sendo, particularmente, dinâmica, nem existindo um grande pendor empreendedor. Tal deve-se, não só, à formação dos docentes, mas também à formação que os alunos vão tendo ao longo das licenciaturas, uma vez que o ensino é efetuado numa perspetiva de transmissor-recetor, já que as matérias lecionadas são essencialmente técnicas e de cálculos e, por isso, os alunos limitam-se a tirar dúvidas, não sendo particularmente desafiados a participar com a exposição oral ou a dar as suas opiniões. Portanto, o ensino é mais expositivo do que pró-ativo. A cultura da instituição e o seu clima organizacional também não fomentam as atividades empreendedoras e, portanto, a perspetiva da instituição relativamente ao empreendedorismo existe, mas em câmara lenta. Ademais, a cultura do IPL é uma cultura de desconfiança entre as entidades orgânicas e, portanto, existem dificuldades na colaboração entre as diferentes unidades. Depois também existem outras questões, por exemplo, o edifício, uma vez que as infraestruturas não são das melhores, existe falta de espaço, pouco estacionamento, os parques de estacionamento são caros, não tem campus, os meios de transporte, essencialmente intermodais, não funcionam a 100%, o que é culpa das entidades públicas, sendo que o ISCAL acaba por ser vítima destas situações. Outro dos problemas centra-se no facto de que o ISCAL depende em termos financeiros e administrativos do IPL, o que nos dá pouca autonomia e o que também limita a capacidade da instituição de rasgar horizontes e de ir mais além. Tal prejudica não só os alunos, mas também os professores e todos os envolvidos. De qualquer forma, não se pode exigir que o ISCAL seja uma instituição de pendor empreendedor/criação de negócios, uma vez que o pendor dela é de contabilidade.

Entrevistadora - Na sua perspetiva, qual a real importância destas atividades no desenvolvimento de competências empreendedoras, mas também para o desenvolvimento do potencial empreendedor nos alunos desta instituição?

Entrevistado 3 – Atualmente, os alunos estão moldados para serem empregados por conta de outrem. Podem existir grandes dinâmicas e atividades a acontecerem no âmbito empreendedor, mas

sem iniciativa dos alunos em participar, nada acontece. Por outro lado, sem um grande líder é difícil criarem-se condições para criar uma grande dinâmica empreendedora na instituição. Por exemplo, futuramente, existirão tentativas para criar uma incubadora, em parceria com o ISEL, isto porque, se formos observar o mercado, não existe um mestrado tão estruturado, em termos de empreendedorismo, como o de Gestão e Empreendedorismo do ISCAL. Voltando à questão, quando existem iniciativas e ações empreendedoras no ISCAL, como foi o caso do Poliemprende, os alunos vão de livre vontade e porque foram espicaçados e desafiados a tal. Contudo, quando lá chegam têm de conseguir apresentar o seu plano de negócios, defendê-lo, explicar qual a realidade do mercado, a vantagem competitiva, a sua viabilidade, ... E, se têm de dominar tudo isto, é claro que participam de livre e espontânea vontade e, esta experiência, acaba por lhes auxiliar no desenvolvimento de competências empreendedoras. Há forma de dinamizar a capacidade empreendedora dos alunos e das instituições, mas tem de ser através do próprio governo, que em termos contratuais, deve negociar com as instituições e estimulá-las (p.e., aquelas que mais se esforçam recebem maior retorno, em termos de orçamento de estado) para que existam resultados. Enquanto isso não acontecer, esta perspectiva empreendedora de criação de negócios, sobretudo nos alunos com uma grande capacidade de trabalhar com as tecnologias da informação e comunicação, não vai acontecer. Não é pela estrutura dos cursos que vai criar grandes empreendedores, uma vez que, como já referido, a estrutura do IPL dificulta a dinâmica da instituição, ao invés de facilitar.

Entrevistadora - Relativamente às atividades e iniciativas empreendedoras desenvolvidas pelo ISCAL (que estão aqui do lado esquerdo da tabela), de acordo com a sua perspectiva, peço-lhe agora que classifique o grau de participação e aproveitamento dos alunos nas mesmas, sempre com base na sua perspectiva. Primeiro, vamos avaliar o grau de participação dos alunos nessas mesmas atividades: A escala é 0 - “Não participam”; 1 - “Participam, mas pouco”; 2 - “Participam”; 3 - “Participam muito”. Seguidamente, vamos avaliar o grau de aproveitamento dos alunos nessas iniciativas. Aqui a escala é 0 - “Sem aproveitamento”; 1 - “Aproveitamento fraco”; 2 - “Aproveitamento suficiente”; 3 - “Excelente aproveitamento”).

Entrevistado 3

Categoria	Enumeração	Avaliação	
		Participação	Aproveitamento
Iniciativas e ações empreendedoras desenvolvidas pelo ISCAL	Disciplinas e trabalhos académicos sobre empreendedorismo/criação de negócios	NR	NR
	Desenvolvimento de projetos/ideias relacionados com a abertura de negócios	NR	NR
	Participação no Poliemprende/Ace Challenge	NR	NR
	Seminários sobre empreendedorismo	NR	NR
	Palestras/Workshops	NR	NR
	Formações de Soft Skills	NR	NR

Entrevistadora - Quer esclarecer as avaliações dadas nas questões anteriores?

Entrevistado 3 – De acordo com a minha perspetiva e experiência, prefiro responder-lhe de forma geral e não em particular. Desde o próprio edifício, a falta de estacionamento, os anfiteatros estão constantemente ocupados, ... A instituição não tem uma infraestrutura que permita o desenvolvimento completo das atividades descritas neste quadro, porque é preciso darmos o mínimo de condições, por exemplo, aos convidados. Devido ao facto de a instituição se essencialmente burocrática e administrativa, não existe a dinâmica de os alunos, por eles próprios, irem a seminários ou palestras. Eles vão integrados nas aulas e enquadrados nas atividades letivas por exemplo, sempre que existem elementos de avaliação envolvidos, os alunos participam. Se existir um seminário fora do horário das aulas, os alunos muito dificilmente comparecem. É necessário ligarmos diversas áreas, como a gestão à engenharia e às tecnologias da informação, para efetivamente, se criarem negócios de valor acrescentado. Obviamente que há exceções, mas na generalidade, a cultura organizacional não é favorável para tal. Também podemos mencionar a cultura nacional, que é avessa ao risco e à inovação – a cultura nacional é uma cultura de trabalhador por conta de outrem. O governo deveria estimular os jovens a tirarem cursos para gerarem riqueza, ao invés de tirarem cursos simplesmente para obterem graus académicos. Para os alunos terem interesse em ouvir matérias, em estudar, em aplicarem-se, eles têm de sentir que se se esforçarem, ganham com isso, se trabalham mais, ganham mais – é o chamado inovador social, que quer subir na vida, querem dedicar-se e conseguir alcançar os seus objetivos. Se a criação de negócios, a transferência de conhecimento para a sociedade fosse estimulada, aí existiria uma maior ação por parte dos docentes e dos próprios empreendedores para participarem nas iniciativas. O IPL não cria as condições para a existência do dinamismo

empreendedor. Os alunos e professores são apanhados neste círculo fechado e neste conjunto de circunstâncias, o que não os beneficia em nada, já que se se esforçarem muito, os docentes, podem estar sujeitos, inclusivamente, a processos por ilegalidades. Por exemplo, quando os alunos participam em programas como o Poliempreende, por vontade própria, como foi o caso da época em que participaram na Associação Industrial Portuguesa, em atividades de consultoria, em termos de aproveitamento foram impecáveis e os seus trabalhos muito bons. Até mesmo quando existem palestras, seminários, formações os alunos, muitas vezes, os alunos participam de forma interessada, colocam questões e acham as temáticas interessantes. Depois, várias vezes, seminários são avaliados em testes e os alunos participam e são assíduos. Em termos de aproveitamento, quando os temas são avaliados, o mesmo é bom, na casa dos 80%. Portanto, na perspetiva micro – o interesse, participação, dedicação e aproveitamento dos alunos – funciona, na perspetiva macro – não haver condições em termos de infraestrutura, não existir acesso ao crédito, a cultura de ensino expositivo, a falta de dinamismo da instituição, o facto de o ISCAL estar dependente do IPL limita bastante - não funciona. Se o IPL passasse a fundação, como é o ISCTE ou a NOVA, tinha mais liberdade de ação e a dinâmica empreendedora seria facilitada. Isto significaria que o Estado financiaria 50% e o IPL outros 50% das verbas. Tal levaria a maiores ordenados, inclusivamente o dobro: Ou seja, há um ordenado do Estado e, depois, um conjunto de atividades que o professor pode participar, não sendo penalizado, esforçando-se, participando e ganhando com isso. No ISCAL tal não é possível, uma vez que está dependente do IPL, onde claramente não existe uma cultura empreendedora.

Entrevistadora - Agradeço a sua disponibilidade para a realização desta entrevista. O seu contributo é muito importante para compreender a perspetiva de alguém que contacta de perto com os alunos e que, para além disso, possui também conhecimento relevante relativamente à temática do empreendedorismo no ISCAL. Muito obrigada!

Entrevista 4: Presidência da Associação de Estudantes

Entrevistadora - Eu sou a Catarina Vale e, desde já, agradeço a sua disponibilidade para a realização desta entrevista que é efetuada no âmbito da dissertação de mestrado em Gestão e Empreendedorismo, cujo objetivo é avaliar o potencial empreendedor dos estudantes da área das ciências empresariais aqui do ISCAL. Neste sentido, o seu contributo é essencial para responder ao problema de investigação. Aproveito também para lhe perguntar se permite a gravação desta entrevista, gravação essa que será eliminada após a transcrição da entrevista. Se não quiser que grave a entrevista também não tem qualquer problema.

Entrevistado 4 – Muito obrigado!

Entrevistadora - Ao longo dos anos o ISCAL tem vindo a desenvolver atividades e iniciativas relacionadas com o empreendedorismo. Consegue listar algumas dessas atividades e iniciativas

empreendedoras, desenvolvidas nos últimos 3 anos? E, já agora, dessas atividades e iniciativas quem, no ISCAL, é que foram/são as pessoas ou agentes que as promovem?

Entrevistado 4 – Relativamente a esta temática, ISCAL tem vindo a desenvolver diversas iniciativas, como workshops e formações que vão sendo desenvolvidas para os alunos. Enquanto membro da Associação de Estudantes, temos o objetivo de desenvolver, pelo menos duas formações/workshops por mês, desde Power BI, Excel, LinkedIn como fazer um currículo, etc. Tentamos variar os temas e abordar temáticas que não se dão em aula e que, na verdade, são cruciais no mercado de trabalho. Depois também temos eventos maiores, como a JobShop – Feira de Empregabilidade -, que tem vindo a aumentar a sua capacidade de acolher mais empresas, de forma a que elas se deem a conhecer e recolham também os currículos dos alunos. Para além disto, o ISCAL também convida empresas e empreendedores para a realização e palestras e seminários, o que também acaba por ser interessante. Na nossa instituição também existem outros núcleos, como é o caso do Management Talks, cujo seu principal objetivo é proporcionar aos estudantes um maior contato com o mundo do trabalho e também um maior contacto com diversos oradores e representantes de empresas e start-ups do panorama nacional. A Associação de estudantes, pela sua maior facilidade em chegar aos alunos, acaba por fazer a ponte entre as iniciativas e os estudantes, porque muitas vezes não somos os criadores da ação/iniciativa, mas sim parceiros. Como tal, alinhamo-nos com os restantes órgãos do ISCAL e saímos todos a ganhar.

Entrevistadora - Na sua perspetiva, qual a real importância destas atividades no desenvolvimento de competências empreendedoras, mas também para o desenvolvimento do potencial empreendedor nos alunos desta instituição?

Entrevistado 4 – Quando um aluno participa em formações desenvolvidas pela Associação de estudantes, muitas vezes, vão apenas para receberem o certificado de participação. Contudo, muitos deles, vão porque têm interesse em aprender mais e a desenvolver o mais variado leque de competências. Por exemplo, muitas vezes os alunos têm cadeiras onde têm de aprender a trabalhar com Excel e podem até achar que não tem grande utilidade, mas depois quando vêm a estas formações com empresas como a Deloitte, ficam com uma perspetiva diferente e, efetivamente, compreendem que a importância de determinadas competências no mercado de trabalho.

Entrevistadora - Relativamente às atividades e iniciativas empreendedoras desenvolvidas pelo ISCAL (que estão aqui do lado esquerdo da tabela), de acordo com a sua perspetiva, peço-lhe agora que classifique o grau de participação e aproveitamento dos alunos nas mesmas, sempre com base na sua perspetiva. Primeiro, vamos avaliar o grau de participação dos alunos nessas mesmas atividades: A escala é 0 - “Não participam”; 1 - “Participam, mas pouco”; 2 - “Participam”; 3 - “Participam muito”. Seguidamente, vamos avaliar o grau de aproveitamento dos alunos nessas iniciativas. Aqui a escala é 0 - “Sem aproveitamento”; 1 - “Aproveitamento fraco”; 2 - “Aproveitamento suficiente”;

3 – “Excelente aproveitamento”). *Por aproveitamento entenda-se que, posteriormente à iniciativa ou ação empreendedora, o aluno é capaz de usufruir do conhecimento transmitido nessas mesmas atividades empreendedoras.*

Entrevistado 4

Categoria	Enumeração	Avaliação	
		Participação	Aproveitamento
Iniciativas e ações empreendedoras desenvolvidas pelo ISCAL	Disciplinas e trabalhos académicos sobre empreendedorismo/criação de negócios	1	2
	Desenvolvimento de projetos/ideias relacionados com a abertura de negócios	2	2
	Participação no Poliemprende/Ace Challenge	1	1
	Seminários sobre empreendedorismo	2	3
	Palestras/Workshops	3	3
	Formações de Soft Skills	3	3

Entrevistadora - Quer esclarecer as avaliações dadas nas questões anteriores?

Entrevistado 4 – Relativamente às *disciplinas e trabalhos académicos sobre empreendedorismo/ criação de negócios*, na minha perspetiva, considero que os alunos participam porque efetivamente têm de participar para, posteriormente, terem uma avaliação positiva, mas não acredito que a participação seja muito ativa, o que poderá levar a um aproveitamento suficiente. No que respeita ao *desenvolvimento de projetos/ ideias relacionados com a abertura de negócios*, uma vez que a participação é voluntária, penso que o interesse e a participação são maiores, mas relativamente ao aproveitamento, também diria um suficiente. Mas aqueles que se candidatam ao desenvolvimento de ideias/projetos empreendedores, acredito que se candidatem com intenção de dar o seu melhor. Relativamente à participação no Poliemprende/Ace Challenge, não conheço suficientemente os projetos para ter uma opinião formada, mas penso que serão muito poucos aqueles que participam e, quando participam, talvez o aproveitamento não seja dos melhores, visto que se os alunos tivessem um excelente aproveitamento, provavelmente estes projetos seriam mais falados e seriam mais conhecidos. Face aos seminários sobre empreendedorismo, acredito que também devido ao facto de muitas vezes participarem no âmbito das unidades curriculares, a participação acaba por ser suficiente. Já o aproveitamento, acredito que seja muito bom, porque quando vão é porque realmente querem e têm interesse. Por fim, relativamente às palestras/workshops e formações de soft skills, em termos de participação e

aproveitamento, daria a pontuação de 3 (excelente). Por exemplo, na Associação de estudantes, no espaço de 1 ou 2 dias, esgotamos as vagas para este tipo de iniciativas. Por exemplo, há pouco tempo tivemos workshops com a Deloitte e com a Neyond que esgotaram num dia. Depois, enviamos e-mail a pedir a confirmação dos participantes e, realmente, os alunos respondem e, efetivamente, aparecem nas formações, mostram empenho em participar e, acreditamos que, daí retiram um grande aproveitamento. Por exemplo, a formação com a Neyond durou dois dias e todos os participantes compareceram no primeiro e segundo dia, portanto, quando há interesse em participar, o aproveitamento só pode ser bom.

Entrevistadora - Agradeço a sua disponibilidade para a realização desta entrevista. O seu contributo é muito importante para compreender a perspetiva de alguém que contacta de perto com os alunos e que, para além disso, possui também conhecimento relevante relativamente à temática do empreendedorismo no ISCAL. Muito obrigada!

Entrevista 5: Diretor da licenciatura em Comércio e Negócios Internacionais

Entrevistadora - Eu sou a Catarina Vale e, desde já, agradeço a sua disponibilidade para a realização desta entrevista que é efetuada no âmbito da dissertação de mestrado em Gestão e Empreendedorismo, cujo objetivo é avaliar o potencial empreendedor dos estudantes da área das ciências empresariais aqui do ISCAL. Neste sentido, o seu contributo é essencial para responder ao problema de investigação. Aproveito também para lhe perguntar se permite a gravação desta entrevista, gravação essa que será eliminada após a transcrição da entrevista. Se não quiser que grave a entrevista também não tem qualquer problema.

Entrevistado 5 – Muito obrigado!

Entrevistadora - Ao longo dos anos o ISCAL tem vindo a desenvolver atividades e iniciativas relacionadas com o empreendedorismo. Consegue listar algumas dessas atividades e iniciativas empreendedoras, desenvolvidas nos últimos 3 anos? E, já agora, dessas atividades e iniciativas quem, no ISCAL, é que foram/são as pessoas ou agentes que as promovem?

Entrevistado 5 – Tenho presente, desde logo, um projeto interessante, nomeadamente o Poliemprende no âmbito dos Politécnicos, onde os alunos participam e têm a oportunidade de apresentar as suas ideias de negócio e partilhar os seus conhecimentos com outras pessoas da área. Também destaco e acompanho com regularidade a realização de iniciativas de natureza mais pontual, por exemplo, a realização de seminários e palestras onde diversas figuras apresentam as suas empresas e dão a conhecer os estudantes uma perspetiva diferente do mundo laboral. E, claro, não nos podemos esquecer das unidades curriculares de empreendedorismo. No curso de Comércio e Negócios Internacionais, do qual sou diretor, temos uma UC de *Seminários de Empreendedorismo e Casos de Sucesso*, a qual é atualmente lecionada pela professora Margarida Piteira, onde não só se abordam

os mais variados temas da área, mas também convidamos personalidades para partilharem as suas experiências com os nossos estudantes. Portanto, há uma diversidade de ações a serem desenvolvidas no âmbito do empreendedorismo no ISCAL.

Entrevistadora - Na sua perspetiva, qual a real importância destas atividades no desenvolvimento de competências empreendedoras, mas também para o desenvolvimento do potencial empreendedor nos alunos desta instituição?

Entrevistado 5 – Todas as atividades realizadas, desde uma palestra até uma iniciativa mais elaborada como o Poliemprende, têm o seu interesse e o seu intuito é, claramente, fazer com que os estudantes daí retirem o máximo de informação, contribuindo assim para desenvolverem as suas competências empreendedoras. Mais do que achar que estas ações são úteis, tenho uma forte convicção de que são uma mais-valia para os nossos estudantes, uma vez que são uma forma de aprendizagem baseada no testemunho e na partilha de experiências, bem como um complemento àquilo que é dado em aula de uma forma mais tradicional e, como tal, claro que contribuem para a aquisição de competências empreendedoras. Evidentemente que o testemunho de alguém que tem uma experiência de altos e baixos, de sucessos e de dificuldades, é muito relevante, apesar de os docentes também terem as suas próprias experiências e as partilharem com os alunos. Contudo, temos que ter em consideração que as solicitações aos estudantes são elevadas, desde participações em seminários, palestras, formações, workshops, etc., quer no âmbito das unidades curriculares, quer todas as outras iniciativas desenvolvidas pela instituição e, inclusivamente, pelos próprios alunos (como é o caso da Associação de Estudantes). Como é óbvio, existem limitações, muitas vezes os alunos não conseguem participar porque têm limitações de horários, têm de estudar, de trabalhar, têm as suas próprias atividades extra-curriculares, têm vida familiar e social e, claro, também é importante terem tempo para si próprios e, como o dia só tem 24 horas, a conciliação de todas as atividades é difícil. Muitas vezes, os alunos não comparecem e existem iniciativas com menos audiência e participação devido a estas razões e não porque os alunos não consideram as iniciativas importantes, apenas há que gerir as prioridades. De um modo geral, estou convicto de que realmente os alunos reconhecem a relevância destas iniciativas para consolidarem conhecimentos, para fazerem contactos, ...

Entrevistadora - Relativamente às atividades e iniciativas empreendedoras desenvolvidas pelo ISCAL (que estão aqui do lado esquerdo da tabela), de acordo com a sua perspetiva, peço-lhe agora que classifique o grau de participação e aproveitamento dos alunos nas mesmas, sempre com base na sua perspetiva. Primeiro, vamos avaliar o grau de participação dos alunos nessas mesmas atividades: A escala é 0 - “Não participam”; 1 - “Participam, mas pouco”; 2 - “Participam”; 3 - “Participam muito”. Seguidamente, vamos avaliar o grau de aproveitamento dos alunos nessas iniciativas. Aqui a escala é 0 - “Sem aproveitamento”; 1 - “Aproveitamento fraco”; 2 - “Aproveitamento suficiente”; 3 - “Excelente aproveitamento”). *Por aproveitamento entenda-se que, posteriormente à iniciativa ou ação empreendedora, o aluno é capaz de usufruir do conhecimento transmitido nessas mesmas atividades empreendedoras.*

Entrevistado 5

Categoria	Enumeração	Avaliação	
		Participação	Aproveitamento
Iniciativas e ações empreendedoras desenvolvidas pelo ISCAL	Disciplinas e trabalhos académicos sobre empreendedorismo/criação de negócios	3	3
	Desenvolvimento de projetos/ideias relacionados com a abertura de negócios	1	3
	Participação no Poliemprende/Ace Challenge	1	3
	Seminários sobre empreendedorismo	2	2
	Palestras/Workshops	2	2
	Formações de Soft Skills	2	3

Entrevistadora - Quer esclarecer as avaliações dadas nas questões anteriores?

Entrevistado 5 – Relativamente às *Disciplinas e trabalhos académicos sobre empreendedorismo/ criação de negócios*, segundo a minha experiência, posso dizer que os alunos participam ativamente, sem esquecer que a presença é obrigatória, e, inclusivamente, o aproveitamento também acaba por ser muito bom, pelo menos na unidade curricular de Seminários Sobre Empreendedorismo e Casos de Sucesso na licenciatura em Comércio e Negócios Internacionais, uma vez que é a licenciatura que melhor conheço e da qual sou diretor. Face ao *Desenvolvimento de projetos/ideias relacionados com a abertura de negócios*, uma vez que a participação é voluntária, ao contrário das *Disciplinas e trabalhos académicos sobre empreendedorismo*, a participação será menor. Contudo, tal não significa que o reduzido número de alunos que participa nestas iniciativas de natureza voluntária não tenham interesse ou não compareçam de forma comprometida ou, até, que não alcancem um excelente aproveitamento. No que respeita à *Participação no Poliemprende/Ace Challenge*, a lógica é precisamente a mesma, estou convicto de que poucos alunos participam, contudo, aqueles que participam conseguem ter um ótimo aproveitamento. O aproveitamento podem ser diversas coisas, não tem necessariamente que ser, por exemplo, ganhar um prémio, podemos referir-nos ao aproveitamento como a aquisição de conhecimentos, de experiências, etc. Relativamente aos *Seminários sobre empreendedorismo* e às *Palestras/Workshops*, tenho algumas dúvidas, principalmente se a atividade não for obrigatória, entre o participam pouco (1) ou apenas o participam (2), mas de modo geral penso que um número interessante de alunos ainda acaba por participar, apesar de todas as limitações de que já falámos, como a conciliação de horários, da vida pessoa e profissional, entre outros. Face ao aproveitamento,

também acredito que o mesmo é bom, já que há sempre experiências que nos ficam na memória ou, até, contactos para o futuro. Por fim, relativamente às *Formações de Soft Skills*, o número de alunos a participar não será o mais elevado, porém relativamente ao aproveitamento, uma vez que estas formações de soft skills tendem a ser menos técnicas e mais práticas, o aproveitamento será maior. Relativamente à licenciatura em Comércio e Negócios Internacionais, posso afirmar que a mesma está focada para que os nossos alunos sejam elementos empreendedores, mas também intraempreendedores, na sociedade. Tal significa que mesmo que não sejam indivíduos que, no futuro, irão criar as suas empresas, pelo menos, que se assumam como agentes da inovação, da mudança e que sejam proativos noutras empresas. Aquilo que se pretende é que quando os estudantes vão trabalhar nas suas próprias empresas ou em empresas por conta de outrem, que sejam elementos ativos na procura de melhores processos, da melhoria contínua e que não se acomodem à rotina, que não façam o que já foi feito e, na verdade, que não tenham perspetivas de crescimento e de aprendizagem. Fazer com que os nossos alunos sejam agentes de desenvolvimento e, como referido, nas suas próprias empresas ou nas empresas nas quais trabalham, deve ser uma preocupação de todos os docentes em todas as unidades curriculares e não exclusivamente em unidades curriculares relacionadas com o empreendedorismo.

Entrevistadora - Agradeço a sua disponibilidade para a realização desta entrevista. O seu contributo é muito importante para compreender a perspetiva de alguém que contacta de perto com os alunos e que, para além disso, possui também conhecimento relevante relativamente à temática do empreendedorismo no ISCAL. Muito obrigada!

Entrevista 6: Subdiretora da licenciatura em Gestão

Entrevistadora - Eu sou a Catarina Vale e, desde já, agradeço a sua disponibilidade para a realização desta entrevista que é efetuada no âmbito da dissertação de mestrado em Gestão e Empreendedorismo, cujo objetivo é avaliar o potencial empreendedor dos estudantes da área das ciências empresariais aqui do ISCAL. Neste sentido, o seu contributo é essencial para responder ao problema de investigação. Aproveito também para lhe perguntar se permite a gravação desta entrevista, gravação essa que será eliminada após a transcrição da entrevista. Se não quiser que grave a entrevista também não tem qualquer problema.

Entrevistado 6 – Muito obrigada!

Entrevistadora - Ao longo dos anos o ISCAL tem vindo a desenvolver atividades e iniciativas relacionadas com o empreendedorismo. Consegue listar algumas dessas atividades e iniciativas empreendedoras, desenvolvidas nos últimos 3 anos? E, já agora, dessas atividades e iniciativas quem, no ISCAL, é que foram/são as pessoas ou agentes que as promovem?

Entrevistado 6 – Posso começar por evidenciar o mestrado em Gestão e Empreendedorismo, que conciliar a área da gestão associada à do empreendedorismo, cada vez mais relevante na atualidade. Depois, o ISCAL também tem vindo a desenvolver palestras e seminários associados a esta temática. Sei que também existe uma grande preocupação por parte dos docentes para fomentarem relações entre a nossa instituição e as empresas e outros institutos e, neste aspeto, menciono o papel do professor José Moleiro Martins.

Entrevistadora - Na sua perspetiva, qual a real importância destas atividades no desenvolvimento de competências empreendedoras, mas também para o desenvolvimento do potencial empreendedor nos alunos desta instituição?

Entrevistado 6 – Segundo a minha perspetiva acredito que diversas iniciativas e ações que vão sendo desenvolvidas neste âmbito são muito relevantes para que os nossos alunos adquiram não só competências empreendedoras, mas também outro tipo de competências extremamente relevantes no mercado de trabalho. De um modo geral, acredito que a nível de mestrado, os alunos têm uma maior tendência para participar nestas atividades e, inclusivamente, uma maior motivação. No que respeita às licenciaturas, por exemplo, houve recentemente um workshop de Excel no qual os meus alunos queriam participar, mas já não havia vagas, ou seja, eles próprios tinham interesse em participar, mas pelos vistos há cada vez mais um interesse por parte dos nossos estudantes em participar nestas ações, chegando inclusivamente a esgotar vagas. Atualmente sou novamente estudante, estou a tirar uma nova licenciatura, e eu própria gostaria de participar em mais formações deste género e, geralmente, estão sempre cheios, para além de que, são gratuitas e, como tal, acredito que os nossos estudantes devem aproveitar ao máximo.

Entrevistadora - Relativamente às atividades e iniciativas empreendedoras desenvolvidas pelo ISCAL (que estão aqui do lado esquerdo da tabela), de acordo com a sua perspetiva, peço-lhe agora que classifique o grau de participação e aproveitamento dos alunos nas mesmas, sempre com base na sua perspetiva. Primeiro, vamos avaliar o grau de participação dos alunos nessas mesmas atividades: A escala é 0 - “Não participam”; 1 - “Participam, mas pouco”; 2 - “Participam”; 3 - “Participam muito”. Seguidamente, vamos avaliar o grau de aproveitamento dos alunos nessas iniciativas. Aqui a escala é 0 - “Sem aproveitamento”; 1 - “Aproveitamento fraco”; 2 - “Aproveitamento suficiente”; 3 - “Excelente aproveitamento”). *Por aproveitamento entenda-se que, posteriormente à iniciativa ou ação empreendedora, o aluno é capaz de usufruir do conhecimento transmitido nessas mesmas atividades empreendedoras.*

Entrevistado 6

Categoria	Enumeração	Avaliação	
		Participação	Aproveitamento
Iniciativas e ações empreendedoras desenvolvidas pelo ISCAL	Disciplinas e trabalhos acadêmicos sobre empreendedorismo/criação de negócios	3	3
	Desenvolvimento de projetos/ideias relacionados com a abertura de negócios	NS	NS
	Participação no Poliempreende/Ace Challenge	NS	NS
	Seminários sobre empreendedorismo	2	2
	Palestras/Workshops	3	3

Entrevistadora - Quer esclarecer as avaliações dadas nas questões anteriores?

Entrevistado 6 – Segundo a minha experiência como docente, acredito que efetivamente e no que respeita às *Disciplinas e trabalhos acadêmicos sobre empreendedorismo/ criação de negócios*, os alunos demonstram ter uma excelente participação e também um excelente aproveitamento. Por exemplo, passando para os *Seminários sobre empreendedorismo*, realizei um seminário este ano, em aula, sobre um tema que tinha a ver com a criação de empresas, nomeadamente sobre o tema das criptomoedas que é uma grande tendência entre os jovens, e a adesão foi enorme, não só em termos de interesse, como em termos de aproveitamento, porque os alunos tiveram de realizar trabalhos sobre o tema e o desempenho geral foi bom. Aliás, alguns alunos até se voluntariaram para apresentar trabalhos sobre esta temática das criptomoedas, nomeadamente, a abertura de negócios dentro da área. Por isso, pelo menos nas minhas aulas, apesar de serem aulas de contabilidade financeira, acabei por introduzir esta componente de novos negócios e a adesão foi muito boa. Face ao *Desenvolvimento de projetos/ ideias relacionadas com a abertura de negócios* e a *Participação no Poliempreende/ Ace Challenge*, não consigo responder com clareza, uma vez que não estou inteirada relativamente a estas atividades e iniciativas. Contudo, no que respeita às *Palestras/Workshops* e, ainda, relativamente às *Formações de Soft Skills* acredito que o tema/assunto tratado nestas iniciativas é extremamente relevante, porque é isso que atrai os alunos a participarem e, até, a serem motivados a desenvolver negócios. No caso dos meus alunos sobre o tema das criptomoedas, eles chegaram inclusivamente a trazer cartões digitais que podem ser utilizados como forma de pagamento, aliando tudo isto às tecnologias e a novas perspetivas de ver as empresas. Acredito que há, sem dúvida, um interesse crescente por parte dos alunos em fazerem parte desta iniciativas e projetos.

Entrevistadora - Agradeço a sua disponibilidade para a realização desta entrevista. O seu contributo é muito importante para compreender a perspetiva de alguém que contacta de perto com os alunos e que, para além disso, possui também conhecimento relevante relativamente à temática do empreendedorismo no ISCAL. Muito obrigada!

Apêndice D – Dados quantitativos: Questionário

O Potencial Empreendedor dos Estudantes do ISCAL

Olá! Desde já agradeço a sua participação neste questionário.

O presente inquérito é efetuado no âmbito da dissertação de mestrado em Gestão e Empreendedorismo, cujo objetivo é avaliar o potencial empreendedor dos estudantes da licenciatura em Gestão, da licenciatura em Comércio e Negócios Internacionais e, ainda, do Mestrado em Gestão e Empreendedorismo do Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Lisboa (ISCAL). Os dados deste questionário serão analisados de forma agregada, despendendo apenas de 10 minutos a responder. As suas respostas são anónimas, garantindo-se a confidencialidade e proteção dos dados, sendo os mesmos utilizados apenas para fins académicos. Neste sentido, solicita-se que seja o mais sincero possível, respondendo a todas as questões solicitadas.

Muito obrigada!

(Grupo I) Perfil do estudante

Assinalar a opção adequada com uma cruz.

1.1 Género	Feminino	
	Masculino	
	Outro	

1.2 Idade	Até aos 19 anos	
	20 a 24 anos	
	25 a 29 anos	
	30 a 34 anos	
	35 a 39 anos	
	40 a 44 anos	
	45 a 49 anos	
	50 ou mais anos	

1.3 Curso	Licenciatura em Gestão	
	Licenciatura em Comércio e Negócios Internacionais	
	Mestrado em Gestão e Empreendedorismo	
	Mestrado em Controlo de Gestão e Avaliação de Desempenho	
	Mestrado em Gestão das Instituições Financeiras	

1.4 Ano letivo	1º ano	
	2º ano	
	3º ano	
	Outro	

1.5 É proprietário de alguma empresa/negócio?	Sim	
	Não	

(Grupo II) Inventário de Avaliação do Potencial Empreendedor - IAPE©

2.1 De acordo com a sua maneira de ser habitual, indique em que medida avalia as seguintes afirmações de 1 (“Discordo totalmente”) a 5 (“Concordo totalmente”).

	1 Discordo Totalmente	2 Discordo	3 Não concordo nem discordo	4 Concordo	5 Concordo totalmente
Vou esforçar-me para vir a ter o máximo de dinheiro possível.					
Um dos meus maiores lemas é vir a dispor do máximo de dinheiro possível.					
Para mim é importante ter mais dinheiro do que o necessário para viver.					
Uma das coisas que é mais importante para mim é ter um trabalho em que sou patrão de mim próprio(a).					
Um dos principais lemas que me tem orientado tem sido procurar uma vida independente.					
Eu reconheço facilmente as minhas emoções tal como as experiencio.					
Eu sei muito bem o que as outras pessoas estão a sentir só de olhar para elas.					
Eu consigo lidar com as situações que surgem na minha vida.					
Frequentemente surpreendo as pessoas com as minhas ideias novas.					
As pessoas frequentemente pedem-me ajuda para atividades criativas.					
Gosto mais de um trabalho que exige aptidões específicas e práticas do que um trabalho que requer invenções.					
Eu sou forte o suficiente para ultrapassar as dificuldades da vida.					
Para mim, é difícil continuar em frente quando alguma coisa má acontece.					
Conheço pessoas de sítios muito variados.					
Eu costumo tomar a iniciativa em qualquer projeto em que estou envolvido.					

	1 Discordo Totalmente	2 Discordo	3 Não concordo nem discordo	4 Concordo	5 Concordo totalmente
Na maioria das situações consigo que as outras pessoas façam o que eu quero.					
Normalmente, sou capaz de persuadir os outros em muitas coisas.					
Quando quero que alguém mude o seu ponto de vista sobre um assunto, normalmente sou bem sucedido (a).					
Frequentemente, faço tudo para ser o líder nos projetos que chegam ao meu grupo.					
Gosto de ser responsável pelas situações dentro do meu grupo					
Eu acho que consigo conduzir facilmente os meus colegas quando tenho uma ideia					
Geralmente consigo definir estratégias eficazes para concretizar os objetivos que pretendo.					
Consigo concretizar iniciativas consideradas impensáveis.					
Não demoro muito tempo para recuperar de uma situação de grande stress.					
Eu sinto-me capaz de lidar de forma eficaz com as situações do dia-a-dia.					
Normalmente, consigo encontrar os recursos necessários para concretizar as iniciativas que tenho.					
Geralmente sei como obter os recursos de que preciso para avançar com iniciativas que considero importantes.					
Para mim, o melhor plano possível é aquele que é livre de riscos.					
Para receber as maiores recompensas, eu estou disposto a correr qualquer tipo de riscos.					
Consigo ver de maneira clara como concretizar iniciativas impensáveis					
Eu procuro novas experiências mesmo quando os resultados podem ser arriscados.					
Eu acredito que vale a pena correr riscos mais elevados para ter maiores recompensas.					
Gosto de ter poder de decisão sobre o meu futuro pessoal e profissional.					

2.2 Atualmente ou no futuro, individualmente ou com outras pessoas, visa tentar iniciar um novo negócio, incluindo qualquer tipo de negócio por conta própria ou venda de produtos ou de serviços a terceiros?

Sim	
Não	

(Grupo III) Iniciativas Empreendedoras do ISCAL

3.1 Nas seguintes iniciativas e ações descritas, por favor, indique qual o seu grau de participação nas mesmas, assinalando 0 - “Não participei”; 1 - “Participei, mas pouco”; 2 - “Participei”; 3 - “Participei muito”.

	0 Não Participei	1 Participei, mas pouco	2 Participei	3 Participei muito
Disciplinas e trabalhos académicos específicos sobre empreendedorismo/criação de negócios				
Desenvolvimento de projetos/ideias relacionados com a abertura de negócios				
Participação no Poliemprende / ACE Challenge				
Seminários sobre empreendedorismo				
Palestras/ Workshops onde entidades dão a conhecer as suas empresas e/ou projetos empreendedores				

3.2 Conhece outras atividades? Qual o seu grau de participação e aproveitamento na(s) mesma(s)?

Resposta (opcional)

3.3 Se participou e respondeu 1, 2 ou 3 às afirmações da questão anterior, classifique o seu grau de aproveitamento nas iniciativas e ações empreendedoras desenvolvidas pelo ISCAL: 0 - “Sem aproveitamento”; 1 - “Aproveitamento fraco”; 2 - “Aproveitamento suficiente”; 3 - “Excelente aproveitamento”.

*Por aproveitamento entenda-se que, posteriormente à iniciativa ou ação empreendedora, o estudante é capaz de utilizar os conhecimentos que foram transmitidos nas mesmas.

	0 Sem aproveitamento	1 Aproveitamento fraco	2 Aproveitamento suficiente	3 Excelente aproveitamento
Disciplinas e trabalhos académicos específicos sobre empreendedorismo/criação de negócios				
Desenvolvimento de projetos/ideias relacionados com a abertura de negócios				
Participação no Poliemprende / ACE Challenge				
Seminários sobre empreendedorismo				
Palestras/ Workshops onde entidades dão a conhecer as suas empresas e/ou projetos empreendedores				

O questionário terminou. Muito obrigada pela sua participação!

Apêndice E – Análise de Conteúdo das Entrevistas (1) - Tabela Categorial

Categoria Entrevistado	Listagem de ações/atividades empreendedoras	Contributo das atividades no fomento de competências empreendedoras	Avaliação dos itens listados	Fundamentos para as avaliações dadas
Entrevistado 1	<ul style="list-style-type: none"> . UCs no âmbito do empreendedorismo . Concursos para desenvolvimento de projetos/ideias relacionados com a abertura de negócios . Poliempree/ACE challenge . Seminários . Palestras/Worskshops / Formações de Soft Skills 	<ul style="list-style-type: none"> . As competências desenvolvidas são uma mais-valia no mercado de trabalho . As atividades desenvolvidas visam ir além do que está formalizado nos currículos e desenvolver competências a nível prático. 	Tabela Entrevistado 1	<ul style="list-style-type: none"> . Em atividades obrigatórias e nas quais a participação está condicionada pela avaliação, a participação tende a ser maior, e o aproveitamento entre suficiente a satisfatório. . Falta de motivação para ir além da disciplina. . Em atividades voluntárias a participação tende a ser reduzida, porém com ótimo aproveitamento, chegando inclusive a ganhar prémios.
Entrevistado 2	<ul style="list-style-type: none"> . UCs no âmbito do empreendedorismo . Concursos para desenvolvimento de projetos/ideias relacionados com a abertura de negócios 	<ul style="list-style-type: none"> . Os alunos que participam nas atividades, por vontade própria, desenvolvem competências empreendedoras. . Noutras atividades, os alunos que já têm propensão empreendedora, aproveitam e desenvolvem competências e ferramentas 	Tabela Entrevistado 2	<ul style="list-style-type: none"> . Atividades voluntárias, como o ACE Challenge e o <i>desenvolvimento de projetos/ideias relacionados com a abertura de negócios</i> possui um caráter voluntário e, como tal, os poucos estudantes que participam conseguem obter um bom desempenho.

	<ul style="list-style-type: none"> . Poliempreende/ACE challenge . Seminários . Palestras/Worskshops / Formações de Soft Skills 	<p>empreendedoras. Dos restantes, uma pequena margem pode ficar curiosa e desperta para o tema, enquanto outros, não olham para estas atividades como sendo um caminho futuro.</p>		<p>.Os <i>Seminários sobre empreendedorismo, palestras e workshops</i> ficam aquém relativamente à participação e ao aproveitamento por serem, muitas vezes, obrigatórios.</p>
Entrevistado 3	<ul style="list-style-type: none"> . UCs no âmbito do empreendedorismo . Poliempreende/ACE challenge . Seminários 	<p>.Podem existir diversas atividades a acontecerem no âmbito empreendedor, mas é necessário iniciativa dos alunos em participar.</p> <p>.Quando os alunos participam de livre e espontânea vontade nestas atividades, é possível desenvolverem competências empreendedoras.</p>	Tabela Entrevistado 3	<p>.Falta de condições estruturais para o desenvolvimento completo de atividades/iniciativas empreendedoras.</p> <p>.Cultura organizacional não é favorável ao desenvolvimento de atividades empreendedoras.</p> <p>.Quando integrados em atividades letivas, os estudantes tendem a participar nas iniciativas.</p> <p>.Quando o aluno se dedica e têm, efetivamente, interesse nas temáticas abordadas, consegue alcançar bons resultados.</p>
Entrevistado 4	<ul style="list-style-type: none"> . Palestras/Worskshops / Formações de Soft Skills. Seminários 	<p>.Quando existe interesse e dedicação nas atividades desenvolvidas, os alunos são capazes de desenvolver um variado leque de competências.</p>	Tabela Entrevistado 4	<p>.A presença em atividades/ iniciativas empreendedoras de forma voluntária é mais ativa quando se recebe um certificado de participação.</p> <p>.Iniciativas nas quais existe um número limitado de vagas, as mesmas muita vezes esgotam o que revela o interesse em participar nas atividades desenvolvidas, de forma voluntária.</p>

Entrevistado 5	<ul style="list-style-type: none"> . UCs no âmbito do empreendedorismo . Poliempreende/ACE challenge . Seminários . Palestras/Worskshops / Formações de Soft Skills 	<p>.As ações e iniciativas listadas são úteis e uma mais-valia para os estudantes</p> <p>.São um complemento àquilo que é lecionado em aula.</p> <p>.Convicção de que os alunos compreendem a importância destas iniciativas/atividades.</p>	Tabela Entrevistado 5	<p>.Atividades como as <i>Disciplinas relacionadas com o empreendedorismo</i> têm uma participação elevada, bem como um bom aproveitamento, dada a obrigatoriedade de presença.</p> <p>.A <i>participação e concursos para a apresentação de ideias de negócios</i> e o <i>poliempreende</i> têm uma reduzida participação, porém um excelente aproveitamento, já que os alunos que participam têm, necessariamente, que estar muito interessados na atividade.</p> <p>.As restantes atividades, como <i>palestras, workshops, seminários e formações de soft skills</i> terão uma participação suficiente, visto que são de natureza voluntária, ademais de que os alunos têm diversas limitações horárias que não lhes permite participar em todas as atividades. Porém, quando participam alcançam bons resultados.</p>
Entrevistado 6	<ul style="list-style-type: none"> . UCs no âmbito do empreendedorismo . Seminários . Palestras/Worskshops / Formações de Soft Skills 	<p>.Importância das atividades desenvolvidas para que os nossos alunos adquiram não só competências empreendedoras, mas também outro tipo de competências extremamente relevantes no mercado de trabalho.</p>	Tabela Entrevistado 6	<p>.Interesse crescente por parte dos alunos em fazerem parte desta iniciativas e projetos.</p> <p>.Os alunos voluntariam-se para apresentar trabalhos sobre esta temática.</p> <p>.Para que os alunos participem nas atividades e, conseqüentemente, alcancem um bom aproveitamento é essencial que os temas discutidos lhes interessem.</p>

Apêndice F – Análise de Conteúdo da Entrevista (2)

Categoria	Enumeração	Entrevistado	Avaliação	
			Participação	Aproveitamento
Iniciativas e ações empreendedoras desenvolvidas pelo ISCAL	Disciplinas e trabalhos acadêmicos específicos sobre empreendedorismo/criação de negócios	1	3	3
		2	2	1
		3	NR	NR
		4	1	2
		5	3	3
		6	3	3
	Desenvolvimento de projetos/ideias relacionados com a abertura de negócios	1	1	3
		2	1	2
		3	NR	NR
		4	2	2
		5	1	3
		6	NS	NS
	Participação no Poliemprende/ ACE Challenge	1	1	3
		2	1	3
		3	NR	NR
		4	1	1
		5	1	3

		6	NS	NS
	Seminários sobre empreendedorismo	1	3	3
		2	1	1
		3	NR	NR
		4	2	3
		5	2	2
		6	2	2
	Palestras/Workshops	1	2	2
		2	1	1
		3	NR	NR
		4	3	3
		5	2	2
		6	3	3

Apêndice G – Quadro comparativo das entrevistas

Catagoria	Enumeração	Avaliação Entrevistados	Avaliação Discentes
Iniciativas e ações empreendedoras desenvolvidas pelo ISCAL	Disciplinas e trabalhos acadêmicos específicos sobre empreendedorismo/criação de negócios		
	Desenvolvimento de projetos/ideias relacionados com a abertura de negócios		
	Participação no Poliempreende / ACE Challenge		
	Seminários sobre empreendedorismo		
	Palestras/Workshops		

Anexos

Anexo I – Características do empreendedor

Data do Estudo	Autor(es)	Características
1848	Mill	Assunção de riscos
1917	Weber	Fonte de autoridade formal
1934	Schumpeter	Inovação, iniciativa
1954	Sutton	Desejo em assumir responsabilidades
1959	Hartman	Fonte de autoridade formal
1961	McClelland	Assunção de riscos, necessidade de realização
1963	Davids	Ambição; Desejo de independência; Responsabilidade; Autoconfiança
1964	Pickle	Impulso intelectual; Relações humanas; Habilidade para comunicar; Conhecimentos técnicos
1971	Palmer	Avaliação de riscos
1971	Hornaday e Abud	Necessidade de realização; Autonomia; Agressividade; Desejo de poder; Necessidade de reconhecimento; Inovador/Independente
1973	Winter	Necessidade de poder
1974	Borland	<i>Locus of control</i>
1974	Liles	Necessidade de realização
1977	Gasse	Orientado por valores pessoais
1978	Timmons	Autoconfiança; Orientação para objetivo; Moderada aceitação de riscos; <i>Locus of control</i> ; Criatividade/Inovação
1980	Sexton	Energético/Ambicioso; Atitude positiva face a situações negativas
1981	Welsh e White	Necessidade de controlar; Procura assumir responsabilidades; Auto-confiança; Aceita desafios; Moderada aceitação de riscos
1982	Dunkelberg e Cooper	Orientado para o crescimento; Orientado para a independência; Habilidades artesanais

Fonte: Adaptado de Carland et al. (1984, p. 356)

Anexo II – Dimensões e determinantes da intenção empreendedora

Dimensões	Determinantes	País(es)	Amostra (estudantes)	Investigações
Demográficos	Idade	Portugal e Espanha	293	Fernandes et al., 2018
		Vietname	372	Nguyen (2018)
	Género	Portugal e Espanha	293	Fernandes et al. (2018)
Vietname		372	Nguyen (2018)	
Paquistão		521	Ali, Topping, e Tariq (2010)	
Psicológicos	Capacidade de ser criativo/innovador	Portugal	2431	Teixeira e Davey (2008)
		Portugal	4413	Teixeira e Forte (2009)
	Assunção de riscos	Portugal	2431	Teixeira e Davey (2008)
		Portugal	4413	Teixeira e Forte (2009)
Necessidade de sucesso	China	223	Ahmed e Ghani (2020)	
	Turquia	111	Uysal, Karadağ, Tuncer, e Şahinc (2022)	
Motivação para empreender	Portugal e Espanha	293	Fernandes et al. (2018)	
	Portugal	2431	Teixeira e Davey (2008)	
Contextuais	Educação	Portugal	2431	Teixeira e Davey (2008)
		Omã	196	Shah, Amjed, e Jaboob (2020)
		Grupo de Visegrado (Polónia, Hungria, Eslováquia e República Checa)	1022	Nowiński, Haddoud, Lančarič, Egerová, e Czeglédi (2019)
	Oportunidades no mercado	Indonésia	307	Elitha e Purba (2020)
		Paquistão	377	Anjum, Amoozegar, Farrukh e Heidler (2021)
	Experiência profissional	Vietname	372	Nguyen (2018)
		Portugal	2431	Teixeira e Davey (2008)
		Portugal	4413	Teixeira e Forte (2009)
<i>Role models</i> – relação com empreendedores	Portugal e Espanha	293	Fernandes et al. (2018)	
	Portugal	2431	Teixeira e Davey (2008)	
	Vietname	372	Nguyen (2018)	
	Eslováquia	207	Holienka (2013)	

Fonte: Adaptado de Indarti e Kristiansen (2003, p. 84)